

Catarina Isabel Silva Rodrigues

# “A renúncia impossível” de Agostinho Neto - um novo discurso poético, intertextualidades e alcance pedagógico

Dissertação de Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino, orientada pelo Doutor José Luís Pires Laranjeira, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

“A renúncia impossível” de Agostinho Neto  
- um novo discurso poético,  
intertextualidades e alcance pedagógico

Ficha Técnica:

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Dissertação de Mestrado</b>
<b>Título</b>	<b>“A renúncia impossível” de Agostinho Neto - um novo discurso poético, intertextualidades e alcance pedagógico</b>
<b>Autor</b>	<b>Catarina Isabel Silva Rodrigues</b>
<b>Orientador</b>	<b>Doutor José Luís Pires Laranjeira</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutor Albano Figueiredo</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutor Francisco Topa</b> <b>2. Doutor José Luís Pires Laranjeira</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Literatura de Língua Portuguesa:</b> <b>Investigação e Ensino</b>
<b>Área científica</b>	<b>Literatura de Língua Portuguesa</b>
<b>Especialidade</b>	<b>Literaturas Africanas de Língua Portuguesa</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>25-10-2013</b>
<b>Classificação</b>	<b>17 valores</b>



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao meu orientador, Doutor José Luís Pires Laranjeira, a partilha dos seus conhecimentos, o apoio, a motivação, as valiosas orientações para o trabalho e a disponibilidade constante.

Estou, igualmente, grata à minha família, pais e irmã, e amigos/as, pelo apoio que me deram, assim como aos/às professores/as e colegas de mestrado, que muito me ensinaram. À Anabela e à Ana Teresa, pela experiência e aventuras partilhadas. À Lola, pelos preciosos conselhos. Ao Filipe, ao Tiago e ao Miguel, por tudo, principalmente pelo apoio e carinho.

## ÍNDICE

### **“A renúncia impossível” de Agostinho Neto - um novo discurso poético, intertextualidades e alcance pedagógico**

<b>Resumo/Abstract</b>	<b>4</b>
<b>Introdução</b>	<b>5</b>
<b>Parte I</b> Duas vozes em uníssono	<b>8</b>
1.1. A emergência da consciência de uma raça	<b>8</b>
1.2. A negação como estratégia	<b>19</b>
1.3. A poesia como missão	<b>23</b>
<b>Parte II</b> O jogo das intertextualidades em “A renúncia impossível” e <i>Cahier d’un retour au pays natal</i>	<b>37</b>
2.1. A evolução temática	<b>37</b>
2.2. As características da linguagem e a confluência na ironia	<b>51</b>
2.3. A problemática do género: extensão e narração	<b>58</b>
<b>Parte III</b> A dimensão cultural e o alcance pedagógico do poema “A renúncia impossível”	<b>66</b>
3.1. “A renúncia impossível”: entre cânone e periferia, um não lugar	<b>69</b>
3.2. As contingências do programa e dos manuais de português no ensino secundário	<b>75</b>
3.3. Para uma proposta de leitura inferencial do poema de Neto	<b>81</b>
<b>Conclusão</b>	<b>96</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>98</b>
<b>Anexos</b>	<b>105</b>

## RESUMO

A realidade repressiva da colonização é retratada de inúmeras formas através da literatura no mundo inteiro. Porém, expressar essa realidade através de um texto poético é o desafio de muitos poetas engajados na luta pela afirmação da identidade negra e pela independência dos seus territórios. (Re)descobrir o poema “A renúncia impossível”, de Agostinho Neto, leva-nos a trilhar os caminhos da Negritude e a tentar compreender como ele pode ter sido alvo da influência nomeadamente de Aimé Césaire, do *Cahier d'un retour au pays natal*, obra de referência na literatura e de prestígio internacional. É partindo do jogo das intertextualidades nestes dois poemas que nos propomos, neste trabalho, analisar as características do discurso poético e legitimar o seu “engajamento” numa missão de revalorização da raça negra. Também é nosso intuito realçar o alcance pedagógico do estudo de um poema de um autor angolano na disciplina de Português no ensino secundário, uma vez que cremos que constitui um legado estético relevante, porque se cruza e interliga com o universo linguístico, histórico e cultural português.

## ABSTRACT

The repressive reality of colonization is portrayed in countless ways through literature worldwide. However, to express this reality through a poetic text is the challenge of many poets engaged in the struggle for the affirmation of black identity and the independence of its territories. (Re) discover the poem “A renúncia impossível”, by Agostinho Neto, leads us to tread the paths of Blackness and try to understand how it could have been the target of the influence of notably Aimé Césaire, by *Cahier d'un retour au pays natal*, reference work in the literature and of international prestige. Taking as its starting point the game of intertextuality in these two poems we propose in this paper to analyze the characteristics of poetic discourse and legitimize its "engagement" on a mission of revaluation of the black race. It is also our intention to enhance the scope of pedagogical study of a poem by an Angolan author on the subject of Portuguese in high school education, since we believe that constitutes a relevant aesthetic legacy because it intersects and connects with the linguistic, historical and cultural Portuguese universe.

## INTRODUÇÃO

Apetece-me escrever um poema.

Um poema fechado dentro si  
para ser compreendido  
apenas  
pelos passarinhos que chilreiam lá fora  
sobre as três árvores  
da minha única paisagem;  
para ser sentido  
na canção da seiva  
circulante no verde das ervas  
do caminho áspero da encosta;  
e pelo brilho do sol  
e pelo carácter íntegro dos homens.

Agostinho Neto, *Sagrada Esperança*

Agostinho Neto, personalidade incontornável da luta pela libertação de Angola e contra a subjugação colonial portuguesa, é o herói nacional da afirmação da identidade do povo angolano. Neto é mais (re)conhecido pela ação política de defesa do seu povo colonizado do que pelo legado poético. A sua obra poética é, muitas vezes, ignorada e desvalorizada. Dos livros do autor, publicados dispersamente, entre eles *Sagrada Esperança* e *Renúncia Impossível*, apenas alguns poemas de *Sagrada Esperança* são os mais divulgados entre nós e os que têm merecido algum, mas pouco, destaque nos manuais de português no ensino básico e secundário. A carência de edições recentes dos poemas do autor muito tem contribuído para o desconhecimento da sua obra.

O menosprezo pela obra literária de Neto é tanto mais incompreensível, na medida em que não se pode dissociar a sua ação política da criação literária engajada. De facto, política e poesia convivem fraternamente ao longo da vida de Neto e muitos dos seus textos foram escritos no cárcere, tendo sido preso várias vezes pela PIDE devido às suas convicções políticas. Afirmar que se conhece o primeiro presidente de Angola pela sua ação política sem nunca ter lido nenhum dos seus poemas é ter uma visão redutora do contributo de Agostinho Neto tanto a nível político, como a nível literário. A luta que Neto travou contra o colonialismo, ao lado de outros intelectuais angolanos, portugueses e de muitas outras nacionalidades, não deve ser desconsiderada. Aliás, desconsiderar essa luta e esse engajamento literário leva a pôr em causa autores como Sartre, Simone de Beauvoir, François Mauriac, Aragon, André Malraux ou ainda Doris Lessing, que integraram, em 1956, uma campanha internacional pela libertação de Agostinho Neto. Nessa altura, a comunidade internacional mobilizou-se a favor de Neto e manifestou a sua solidariedade para com um

homem que cedo denunciou, através dos seus textos, a dominação racial e as atrocidades da colonização, sendo a voz dos oprimidos.

A sua obra poética, escrita em português, expressa o desejo de libertação do povo angolano da dominação do colonizador português. A ação colonial portuguesa em Angola e nas outras colónias ou “províncias ultramarinas”, termo criado e utilizado pelo Estado Novo, em 1951, como estratégia política para ludibriar a comunidade internacional que contestava os impérios coloniais, sempre legitimou a sua intervenção com o malogrado “trabalho de civilização”. E é precisamente esse “trabalho de civilização” que Neto contesta ferozmente, em muitos dos seus poemas, e o poeta clama, com toda a raiva e virulência, n’ “A renúncia impossível”, contra aqueles que constroem “sistemas morais para enquadrar imoralidades”. “A renúncia impossível” é, decerto, o poema mais violento e engajado que Neto escreveu. No entanto, este é um dos poemas que menos “projeção” tem tido nas aulas de português no nosso país. De facto, não se trata de um poema de um autor português, porém, está escrito em português e constitui um legado estético relevante, na medida em que se cruza e interliga com o universo linguístico, histórico e cultural português.

A introdução e a difusão do estudo de textos de literaturas africanas de língua portuguesa no ensino básico e secundário tem merecido, nos últimos anos, alguma preocupação por parte das instituições responsáveis que decidiram promover a diversidade, indicando a leitura de textos de autores africanos de língua portuguesa no programa. Porém, o estado de indiferença deliberado para o qual foi relegada a poesia de Agostinho Neto, em Portugal, é revelador do incómodo que constitui o seu discurso poético. Ler “A renúncia impossível” no século XXI, nas aulas de Português, obriga os alunos a refletirem sobre o momento de criação do poema, 1949, e remete-os para um contexto histórico conturbado, sem o conhecimento do qual lhes é difícil compreender a mensagem do poema. Este poema de Agostinho Neto permite aos alunos alargar as suas experiências estético-literárias, despertar a sua curiosidade e ampliar o seu conhecimento do mundo e dos outros. O poema favorece o “diálogo” com a língua, a literatura, a história e o mundo.

É segundo esta perspetiva que propomos, com este trabalho, um novo olhar sobre “A renúncia impossível”, de Agostinho Neto, revalorizando o seu discurso poético, enaltecendo o seu grito de revolta e de insubmissão. Para isso, não podemos deixar de recorrer à intertextualidade com a obra de Aimé Césaire, “Cahier d’un retour au pays natal”. Césaire e muitos outros autores do movimento da Negritude terão sido, com certeza, inspiradores para Neto. Aliás, os versos da “renúncia” de Neto transpiram o espírito césairiano, em nosso entender, e revelam um leitor imbuído da sua força na luta pela valorização da raça e da

cultura negras e pela independência política. Sendo Césaire o “maître à penser” da Negritude, propor analisar “A renúncia impossível” à luz de possíveis influências de Césaire em Neto, permite (re)ler e (re)pensar o poema, celebrar o renascer de um eu lírico que sempre lutou pela igualdade entre os povos para que se cumprisse o seu desígnio: “E o que é mais importante:/Salvei o mundo”.

Neste trabalho, é, portanto, nosso intuito tentar estabelecer ligações entre as vozes de Césaire e de Neto, com base nos respetivos poemas “Cahier d’un retour au pays natal” e “A renúncia impossível”, sendo que o confronto do poema de Neto com a leitura e interpretação do de Césaire, no original, é efetuado aqui pela primeira vez de forma sistemática. Para isso, baseamo-nos na versão do poema de Neto publicada por Michel Laban, em 2000 (anexo I), a partir do poema cedido por Mário Pinto de Andrade. Esta parece-nos ser a versão mais completa, uma vez que a publicação mais recente do poema (2009), da responsabilidade da UEA (anexo II), baseia-se nela e inclui a segunda parte do poema “*II Afirmação*”.

Na primeira parte, procuraremos entender como surge, nos poetas, a preocupação com a questão identitária do povo negro africano colonizado. Parece-nos pertinente compreender como, nestes dois poemas em análise, o desejo embrionário de liberdade, que esteve latente ao longo dos séculos de colonização, eclodiu e evoluiu, passando da inércia à ação, através do discurso poético. Analisaremos, assim, e questionar-nos-emos sobre a legitimidade de um discurso poético engajado.

Na segunda parte, debruçar-nos-emos, mais em pormenor, sobre a análise dos poemas, evidenciando o jogo das intertextualidades na evolução temática, nas características da linguagem e na problemática do género, uma vez que são ambos poemas longos de cariz panfletário.

Na terceira e última parte, e de modo a dar continuidade ao trabalho, parece-nos imprescindível propor uma análise didática do poema “A renúncia impossível”, de Agostinho Neto, valorizando a sua dimensão cultural e o seu alcance pedagógico. Pode ou não o poema de Neto ser alvo de análise numa aula de português? Quais são as contingências do programa e dos manuais de português no ensino secundário a serem ultrapassadas? Como pode uma leitura inferencial do poema legitimar o estudo do mesmo? São estas as interrogações que nos levarão a refletir e a reconhecer o valor estético e literário do poema de Neto.

Por fim, importa referir que este trabalho não pretende ser uma apologia gratuita de “A renúncia impossível”, mas sim uma reflexão argumentada e comparativa sobre as qualidades de um texto poético há muito relegado ao esquecimento.



## Parte I NETO E CÉSAIRE: DUAS VOZES EM UNÍSSONO

### 1.1. A emergência da consciência de uma raça

Todos sabemos que a nossa época é profundamente bárbara,  
embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização.

Antonio Candido, 2004:12

A questão da identidade de um povo colonizado constitui uma problemática relevante, na medida em que, quando este a reivindica, põe em causa o lugar de dominado e oprimido pelos impérios ocidentais, posicionando-se como sujeito da sua história. Mais pertinente se torna ainda a questão quando se constata que a grande maioria dos povos colonizados não pertence à raça branca e que, por esta razão, foram desenvolvidas teorias de superioridade da raça branca sustentadas por estudos e teses científicas de antropologia física e biologia étnica, legitimando o “racismo científico” do fim do século XIX e início do século XX.

Ao contestar uma ordem estabelecida através dos séculos, o povo colonizado toma consciência da necessidade de alterar a relação entre opressor e oprimido e assume a sua individualidade. Não se pretende aqui abordar a questão da formação das identidades, mas antes perceber de que forma surgem indícios do despertar de uma consciência identitária, na literatura, e, mais precisamente, nos poemas *Cahier d'un retour au pays natal* de Césaire e “A renúncia impossível” de Agostinho Neto.

Tentar compreender como emerge a consciência de uma raça leva-nos, portanto, a considerar uma extensa bibliografia relacionada com o processo de colonização. É, de facto, impossível ignorar a importância dos impérios coloniais vigentes no século XX, o número significativo de povos subjugados e, por conseguinte, os efeitos nefastos da *ação colonial*. Como refere Georges Balandier (2011: 219): “Um dos acontecimentos mais marcantes da história recente da humanidade é a expansão da maior parte de povos europeus pelo mundo. Trata-se de uma expansão que conduziu à submissão – quando não ao desaparecimento – da quase totalidade dos povos ditos atrasados, arcaicos ou primitivos”.

Ao longo dos anos e dos séculos, a colonização criou, sob a égide do “trabalho de civilização”, situações de discriminação racial e assimilação forçada e desencadeou a alienação total dos povos colonizados. A negação da liberdade, a imposição de uma língua desconhecida, de um regime político opressor e de outros valores são apenas alguns dos

artifícios usados pelos colonizadores para retirar o que é vital para a sobrevivência de um povo: a sua identidade. Os povos colonizados foram, aos poucos, assim, destituídos de qualquer referência cultural própria e condicionados cultural e civilizacionalmente.

Foram vários os estudiosos de diversas áreas do saber, como historiadores, antropólogos, etnólogos, sociólogos, escritores, artistas ou ainda críticos literários, a debruçarem-se sobre o fenómeno da colonização, que, ainda hoje, continua a suscitar reflexões e interrogações. Uns legitimaram-no, outros condenaram-no veementemente. Optando por uma via mais formal, com a participação em congressos ou conferências de projeção nacional ou internacional de carácter político e ou cultural, ou preferindo a clandestinidade, muitas personalidades tomaram posições sobre a ação colonial.

Em Portugal, pode-se salientar, a título de exemplos, os Congressos Coloniais realizados respetivamente em 1901, 1924 e 1930, em Lisboa; a Exposição Colonial, realizada no Porto, em 1934; o Congresso Nacional de Ciências da População, em 1940, no Porto e, no mesmo ano, em Lisboa, a Exposição do Mundo Português. Todos estes eventos de cunho científico, político e cultural tinham como principal objetivo glorificar e legitimar o império colonial. A esse propósito, importa ainda referir o método do inquérito, entendido como meio fiável de representatividade das ideias de intelectuais consagrados da época sobre vários assuntos. Método esse utilizado com alguma frequência para servir de base à criação de teorias diversas, nomeadamente à fundamentação da inferioridade da raça negra. No que concerne a legitimação da presença portuguesa nas colónias, consideramos pertinente referir o “inquérito nacional” ao qual alude, num artigo, o historiador, Luís Reis Torgal (2003: 9), afirmando que “O jornalista Augusto da Costa, em 1926, submeteu a dezasseis personalidades um inquérito que, já por si, implicitamente, constituía uma defesa do Império Colonial Português ou, de acordo com o seu conceito, do «Império Português»”. A questão da defesa da identidade nacional está, no nosso entender, aqui bem presente e o jornalista procura fortalecê-la através da exaltação do império colonial. Torgal salienta ainda a singularidade da resposta de alguns dos inquiridos, face à terceira pergunta: “I-Sim ou não Portugal, amputado das suas colónias, perderá toda a razão de ser como povo independente no concerto europeu?” (Torgal, 2003: 9), que negam a necessidade de expansão do império colonial para Portugal ter um lugar de destaque a nível europeu. Estas posições traduzem, de facto, certas discordâncias no seio intelectual sujeito a um ambiente de constantes tensões.

É inegável que a colonização foi sustentada por conceitos de discriminação racial, de exploração e supremacia económica e financeira, consequência de uma conquista territorial e política, o que a torna ilegítima e condenável. Para além do mais, qualquer tipo de

argumentação fundamentada em teorias civilizacionais constitui um atentado e uma violação aos direitos humanos consagrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, proclamados três anos após outro acontecimento basilar do século XX: o fim da segunda guerra mundial.

O século XX foi palco de grandes transformações a todos os níveis, no entanto, as duas guerras mundiais representam, sem dúvida, dois grandes marcos na história da humanidade. Para além da irracionalidade que representaram, em termos civilizacionais, devido à inominável barbárie praticada, levaram o humano a questionar-se sobre a sua condição e a insurgir-se de várias formas. De facto, a primeira metade do século XX foi um período histórico muito conturbado, de tensão internacional tanto a nível político e económico, como financeiro e social. E, se houve o desejo de implementação de uma paz mundial com a tentativa de criação de um sistema de segurança coletiva, primeiro com a Sociedade das Nações e, posteriormente, com a Organização das Nações Unidas, a aspiração de nações com impérios coloniais à manutenção de monopólios territoriais falou mais alto e levou as nações colonizadas a revoltarem-se e a lutarem pela independência. A ascensão de nacionalismos em todo o mundo foi inelutável e abriu caminhos a uma nova organização mundial, a novas ideologias e novos paradigmas em diferentes áreas do saber, nomeadamente na literatura.

Os movimentos nacionalistas dos países colonizados a reivindicar a liberdade e a autodeterminação não surgiram apenas no século XX e tiveram as suas origens nas revoltas dos escravos. Nesse sentido, e tentando explicar a eclosão da consciência de uma raça, parece-nos inevitável referir o 1 de janeiro de 1804, data da proclamação da independência de Haiti. Fruto da revolta de escravos liderada por Toussaint-Louverture, que já em 1793 impunha a abolição da escravatura, este acontecimento constituiu, sem dúvida, um marco fundamental na consciência do direito à emancipação de povos subjugados. Toussaint Louverture foi, portanto, o primeiro negro escravo com êxito na luta pela libertação do seu povo do domínio do colonizador, sendo Haiti o primeiro país no mundo a tornar-se independente graças a uma revolta de escravos.

Aspirando à liberdade, à emancipação sob todas as suas formas, surgem um pouco por todo um mundo, mas essencialmente nos continentes africano e americano, vozes que defendem a raça e a cultura negro-africanas. Sem querer estabelecer uma lista exaustiva das personalidades que se destacaram neste âmbito, importa, antes, referir algumas das vozes que mais contribuíram para a construção de novos paradigmas num mundo dominado pelas teorias eurocêntricas.

Partindo do movimento panafricanista que reclama a valorização do homem negro e a igualdade de direitos, tendo nas suas origens o *Indigenismo* e o *Negrismo* do continente americano, passando pelo movimento da Negritude criado na Europa, são inúmeros os textos anticoloniais que defendem a emergência da consciência e do orgulho de ser negro e o direito à autodeterminação e à independência das antigas colônias europeias. W.E.B. Du Bois, por exemplo, na sua obra *The Souls of Black Folks*, publicada em 1903, destaca a importância da cultura negra para os Estados Unidos, reclama a revalorização da identidade negra e pugna pelos direitos políticos e civis para os negros americanos. O autor anseia pela liberdade: “A liberdade, esse bem procurado durante tanto tempo, ainda a procuramos – a liberdade para trabalhar e pensar, a liberdade para amar e aspirar” (Du Bois, 2011: 57). Léopold Sédar Senghor é outra das grandes figuras da luta pelo reconhecimento do valor e da contribuição das culturas africanas para o mundo e destacou-se através da criação e divulgação do movimento da Negritude. A Negritude foi, antes de mais, a afirmação de identidade negra como valor positivo para a humanidade, contrariando assim as teorias de suposta superioridade da raça branca. Mas foi também um movimento que se difundiu na e pela literatura graças a vários autores, como Senghor, Damas e Césaire, em França. Estes três intelectuais e escritores negros, respetivamente senegalês, guianês e martinicano, sendo que os dois últimos são oriundos de territórios, ainda hoje, franceses, tiveram uma projeção e um reconhecimento internacional notável e são, atualmente, valorizados pelo legado ideológico e literário. Agostinho Neto, poeta e político angolano, embora mais esquecido, é outra das figuras que contribuiu para a valorização da raça negra com a sua obra poética em língua portuguesa e a sua ação política de luta contra o colonialismo e pela libertação de Angola. A sua obra merece, por isso, ser mais estudada e reconhecida. E, apesar da diversidade de personalidades que, neste contexto, se destacaram internacionalmente, interessa-nos, com este estudo, perceber como duas grandes figuras negras da literatura e da política, Aimé Césaire e Agostinho Neto, trouxeram importantes contributos culturais para as suas terras de origem, Martinica e Angola, para os países colonizadores França e Portugal e para a humanidade.

Aimé Césaire e Agostinho Neto foram dois nomes da poesia, da Negritude e da política com percursos distintos, de alcance internacional inigualável, com o mesmo fim: a luta pela valorização da raça e da cultura negras e pela independência política. Embora o contexto de criação, e não de publicação, das obras *Cahier d'un retour au pays natal*, de Césaire e “A renúncia impossível”, de Neto, tenha sido diferente, podemos dizer que esses dois contextos constituem duas vias que convergem para uma mesma estratégia.

Longe de se pretender evocar os fundamentos culturais e ideológicos do termo Negritude ou ainda teorizar sobre a problemática da sua definição e evolução ao longo dos tempos, interessa-nos, antes, perceber como a Negritude, enquanto movimento poético de revalorização da raça negra, se assume nos poemas em análise de Césaire e de Agostinho Neto. A Negritude, termo da autoria de Césaire que, ainda hoje, percorre o mundo, apesar de estar envolto em controvérsias, é utilizado para se referir a um movimento que tem como finalidade suprema a exaltação da raça e da cor negras numa dimensão universal, dissipando assim qualquer mal-entendido. No seu *Cahier*, Césaire afirma: “vous savez que ce n’est point par haine des autres/races/que je m’exige bêcheur de cette unique race/que ce que je veux/c’est pour la faim universelle/pour la soif universelle”. Negritude simboliza, de igual modo, a denúncia das práticas colonialistas. Tal empresa poderia ter sido realizada tanto por Césaire como por Neto com o auxílio de outro género literário que não o lírico, mas a poesia é, sem dúvida, a forma privilegiada para estes dois autores transmitirem a sua mensagem engajada na luta anticolonial, exprimindo as virulentas emoções de um eu lírico que mantém uma estreita relação com o eu do autor empírico. Os dois poetas acusam de forma violenta o colonizador. Ambos recusam a superioridade do homem branco. Césaire afirma categoricamente que “aucune race ne possède le monopole de la beauté, de l’intelligence et de la force”; enquanto Neto ironiza, escrevendo: “Ah!/que satisfação eu sinto/por ver-vos alegres no vosso orgulho/e loucos na vossa mania da superioridade”. Do mesmo modo, ambos enaltecem o negro. Césaire exalta a sua raça: “Ma négritude n’est pas une pierre, sa surdit e ru e/contre la clameur du jour/ma négritude n’est pas une taie d’eau morte sur l’oeil/mort de la terre/ma négritude n’est ni une tour ni une cath drale”. Neto faz a apologia dos valores da raça negra: “polígamos declarados/dançarinos de batuques sensuais”.

Avaliar o contributo dos poetas implica tamb m conhecer a sua vida e obra e compreender de que forma a educa o, a forma o inicial e as viv ncias constituem aspetos decisivos nos seus respetivos percursos.

No caso de Agostinho Neto, nascido em Kaxicane, em Angola, em 1922, filho de um pastor metodista e de uma professora prim ria, o contacto precoce com as realidades do colonialismo leva-o a despertar rapidamente para os problemas de um povo oprimido e subjogado. Apesar de, enquanto assimilado, ter frequentado o ensino liceal e de o concluir com sucesso, Neto   confrontado com preconceitos raciais e testemunha as severas condi es de trabalho dos contratados das planta es de algod o e de caf , sensibiliza-se, questiona-se e revolta-se. Os primeiros textos publicados em jornais de Angola entre 1936 e 1946 comprovam a sua solidariedade para com um povo v tima das perversidades de um sistema

colonial que o explora e subjuga sem piedade e traduzem o espírito contestatário, já latente, e a sua vontade de alterar o estado das coisas e de criar “Uma verdadeira novidade histórica”. Selecionando apenas dois desses textos de opinião, nomeadamente *Instrução ao Nativo* e *Uma Causa Psicológica: A ‘Marcha’ para o Exterior*, publicados em jornais, respetivamente *O Estandarte*, em 1945, *O Farolim*, em 1946, que o ensaísta Luís Kandjimbo analisou (2000: 53-70), verificamos que as preocupações de Neto prendem-se essencialmente com a liberdade e a justiça. Na *Instrução ao Nativo*, o autor evidencia já a consciência da desigualdade a nível da instrução entre nativos e brancos e refere que “À parte o desenvolvimento escolar que se vem notando nos grandes aglomerados de população europeia e o interesse posto na educação da criança branca, nada, no sentido de se instruir o natural tem sido feito” (Kandjimbo, 2000: 62). Neto revela, neste texto, uma grande capacidade de intervenção cívica, pretendendo dotar os nativos de instrução a fim de os preparar “para a nova era”. Interessante é a forma como o autor denuncia a situação, expõe a sua argumentação num texto simples e breve, avançando com propostas para superar as dificuldades. Ele alude aliás à forma como os recursos financeiros, mal geridos, a seu ver, deveriam ser distribuídos e utilizados, propondo a criação de escolas, por todo o país, ao lado das capelas, por exemplo. Um ano mais tarde, em outro texto que tem por título *Uma Causa Psicológica: A ‘Marcha’ para o Exterior*, Neto retoma o problema da instrução ao nativo com a imposição da cultura e dos valores portugueses, através da lecionação de conteúdos referentes apenas à realidade portuguesa e à metrópole. Nestas reflexões, que revelam maturidade e um espírito crítico apurado, Neto atribui a esta situação a responsabilidade da desagregação da cultura do nativo, traduzindo-se na sua incapacidade em reagir à opressão e tirania da colonização, preferindo a submissão. O autor afirma que os nativos “Não adoptam uma cultura; adaptam-se a uma cultura” e insiste dizendo que “Produz-se no nativo uma distorção na sua personalidade que se reflecte na vida social, desequilibrando-a” (Kandjimbo, 2000: 65). Este texto evidencia um trabalho de análise pormenorizado e uma elevada acuidade intelectual para um jovem de 24 anos a viver num país colonizado, sujeito, portanto, a condicionantes diversas, mas principalmente à censura. Podemos também questionar-nos sobre o acesso que Neto terá tido, nesta altura, à literatura de um modo geral e à bibliografia específica sobre o movimento da Negritude em voga e a influência que terá exercido sobre o seu pensamento, os seus escritos e a sua obra. A circulação da informação não era facilitada pelo regime político português, mas as referências que Agostinho Neto faz em alguns textos não deixam margens para dúvidas. Neto demonstra claramente ser conhecedor de conceitos que comprovam o seu autodidatismo em termos de educação e formação, quando evoca conhecimentos de cultura geral e tece considerações

sobre a arte em geral e sobre manifestações artísticas negras e da Europa. No texto de opinião *Uma Necessidade*, publicado em 1946, no jornal *O Farolim*, o autor aventura-se mesmo a propor caminhos a seguir pelos artistas e declara que “O que necessitam os nossos artistas e escritores é imprimir mais sinceridade nas suas obras e menos preocupação em adoptar a maneira de ver dos escritores colonialistas” (Kandjimbo, 2000: 59). Ele combate ainda o carácter exótico, aquilo que, uns anos mais tarde será denominado por lusotropicalismo por Gilberto Freyre, com o qual muitas obras pretendem consagrar a arte negra, negando os seus verdadeiros valores.

Há que considerar que os acontecimentos históricos, o próprio regime e o sistema de censura obrigaram os intelectuais a criarem estratégias para aceder à informação e à cultura. Muitos viajaram e refugiaram-se noutros países. Aimé Césaire, por exemplo, teve de deixar a França aquando da II Guerra Mundial e regressou à Martinica. Essas deslocações permitiram a circulação de muitas ideias, o contacto com outras realidades e a divulgação de muitas obras. No livro *Malhas que os Impérios tecem – textos anticoloniais, contextos pós coloniais*, a organizadora, Manuela Ribeiro Sanches, analisa um conjunto de textos anticoloniais distintos e refere as notórias influências entre autores, afirmando que, “ao reunir textos escritos em português, francês e inglês, esta seleção pretende salientar a importância de intensas trocas e afiliações teóricas, apropriando-se dos discursos hegemónicos, mas criando, simultaneamente, novos espaços teóricos para além das distinções entre comunidades linguísticas” (Sanches, 2011: 14). A mesma sublinha ainda que, de acordo com Edwards (2003), esse processo de circulação foi enriquecedor e profícuo e observa que “Há que considerar também os tráfegos, as viagens e influências recíprocas; em suma, os processos de tradução linguística e cultural - mais ou menos literais, mais ou menos equivocadamente criativos” (Sanches, 2011: 16). Importa lembrar que o *Cahier d’un retour au pays natal*, de Aimé Césaire, por exemplo, foi traduzido em espanhol e publicado, em Havana, em 1943. Todas estas trocas e viagens constituem os ecos de um fervilhar de ideias e de um turbilhão de aspirações à liberdade de vários povos e nações que contribuíram, conseqüentemente, para o desenvolvimento da teia da intertextualidade, não sendo de espantar encontrar ideias e conceitos semelhantes em obras de autores diversos em várias partes do mundo. Cremos que Neto terá beneficiado do movimento da Negritude através da leitura de textos de autores como Césaire, Senghor, Damas e muitos outros.

É, ainda, interessante verificar que todas estas considerações em torno da cultura e, por conseguinte, da identidade de um povo, apresentadas por Neto, ainda antes de partir para Portugal, são corroboradas e aprofundadas por muitos outros intelectuais. A abordagem destes

assuntos reflete, de facto, o ambiente de tensão que se vivia na época, precursor do desabrochar de uma consciência nacional nos países coloniais, e as preocupações em problematizar e teorizar estas temáticas através de estudos diversos. Uma década depois da publicação do texto de Agostinho Neto, *Uma Necessidade*, por exemplo, o escritor e ensaísta negro antilhano, Frantz Fanon, volta a debruçar-se, mais pormenorizadamente, sobre o problema da cultura dos povos colonizados na sua intervenção intitulada “Racismo e cultura” (Fanon, 2011: 273-285), no 1º Congresso de Escritores e Artistas Negros, em Paris, em 1956. Neste seu texto, o autor argumenta que a ação colonial usa o meio da “agonia continuada” da cultura autóctone, privando-a do seu dinamismo e obrigando-a a fechar-se sobre si própria, para atingir o seu fim último, que consiste na supremacia económica e comercial. O povo colonizado vê-se assim condenado a uma apatia cultural e resignado a absorver a cultura do colonizador e a reconhecer a sua superioridade. Esta estratégia de “coisificação”, termo utilizado por Césaire no seu “Discurso sobre o colonialismo”, em 1950, torna-se responsável pela progressiva perda de referência cultural de um povo e consequente perda de identidade. Fanon vai mais longe ainda, ao referir que “Este homem-objecto, sem meio de existir, sem razão de ser, é destruído no mais profundo da sua existência. O desejo de viver, de continuar, torna-se cada vez mais indeciso, cada vez mais fantasmático” (Fanon, 2011: 277). O mesmo explica ainda que uma das consequências diretas deste sistema de inferiorização e subjugação é a culpabilidade sentida pelo colonizado. Este último, numa fase inicial, não tem senão a alternativa da assimilação como fuga a esse sentimento, renegando as suas origens. Fanon declara a esse propósito que a “Culpabilidade e inferioridade são as consequências habituais desta dialética. O oprimido tenta então escapar-lhes, por um lado, proclamando a sua adesão total e incondicional aos novos modelos culturais e, por outro, proferindo uma condenação irreversível do seu estilo cultural próprio” (2011: 280). Precisamente porque toma consciência do perigo vital de desagregação cultural e identitária, Agostinho Neto contraria essa tendência e combate com veemência a ação colonial e, paradoxalmente, é no país do colonizador que vai firmar essa sua luta, de certa forma já iniciada no seu país. É em 1947, com 25 anos, que Neto chega a Portugal para estudar medicina na Universidade de Coimbra, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial. Portugal, nesta época, está sob um regime ditatorial que tem uma política ultramarina bastante enraizada na grandeza e no orgulho da nação, com “a missão histórica de civilizar populações indígenas”. É essa atitude de superioridade e de arrogância política que vai levar Portugal a ter de justificar-se a nível internacional, junto das instâncias da O.N.U., de modo a dar cumprimento ao artigo 73 da Carta das Nações Unidas. No entanto, as subtis manobras políticas do regime português, apesar das pressões estrangeiras, nunca



levaram as outras nações, pelo menos até 1961, a adotarem medidas mais dissuasivas e mais agressivas. É, portanto, nos primórdios de uma emergente luta pela autonomia política e cultural de Angola que se destaca Agostinho Neto. A sua atividade literária, assim como o seu ativismo, tanto na Casa dos Estudantes do Império, na MUD Juvenil, como no movimento literário-cultural “Vamos descobrir Angola!” e na sua colaboração na revista *Mensagem* vão fazer dele uma figura de referência internacional.

O menosprezo da personalidade do poeta no plano literário em Portugal é proporcionalmente inverso ao seu reconhecimento internacional nos anos em que esteve preso, pois Agostinho Neto representa o eterno condenado. Paradoxalmente, quanto mais o governo português, por intermédio da PIDE, tenta silenciar “o grito” de Agostinho Neto, mais a esfera internacional denuncia a atuação política portuguesa, através, primeiro da circulação de uma petição nos meios intelectuais a pedir a sua libertação, em 1956, e, posteriormente, em 1961, aquando de uma campanha internacional em prol da sua libertação, cuja divulgação é feita em publicações como *Présence Africaine* e jornais como *The Times*. Neto passa por várias cadeias e é condenado, ora por recolher assinaturas para a Conferência Mundial da Paz em Estocolmo, ora por colaborar no Centro de Estudos Africanos que ele fundou clandestinamente, em Lisboa, com Amílcar Cabral, Mário de Andrade, Marcelino dos Santos, Alda Espírito Santo e Francisco José Tenreiro, ou ainda por participar em movimentos políticos e culturais que preconizam a luta pela libertação de Angola. Em consequência, a obra literária de Neto é publicada de forma dispersa, mas alcança os seus objetivos graças a iniciativas da Casa dos Estudantes do Império, da revista *Mensagem* (de Angola) e do boletim Mensagem (de Lisboa), que, para além de representarem projetos culturais, acabam por ganhar uma dimensão política expressiva, da qual o MPLA é testemunho. O cárcere nunca o desanimou, pelo contrário, a sua luta, tanto pelas palavras, com a sua poesia, como pelas suas ações políticas, foi adquirindo cada vez mais vigor.

De toda a obra de Neto, o poema “A renúncia impossível” é, em nosso entender, o mais emblemático, porque condensa em si as suas amarguras, sofrimentos e toda a sua luta e do povo angolano, assim como a esperança num futuro melhor. Sentimentos e vivências que encerram em si toda a complexidade e a ambivalência do anseio pela liberdade.

O ímpeto na luta pela liberdade e pela justiça e o espírito de perseverança são duas das características que nortearam tanto Agostinho Neto como Aimé Césaire, ao longo das suas vidas. Césaire terá sido, sem dúvida, um exemplo a seguir para Neto e uma fonte de inspiração constante, tanto em termos de criação literária como de ativismo político. Nascido em 1913, na ilha da Martinica, divisão administrativa francesa, num continente

irmão e solidário nas vivências coloniais, Aimé Césaire iniciou primeiro a sua luta pela identidade do povo africano e a sua caminhada pela Negritude. No país da grande revolução pelos direitos do homem, Césaire foi beber à efervescência de ideais pela liberdade, igualdade e fraternidade e contactou com um turbilhão de controvérsias, ambiguidades e contradições.

A França dos anos trinta do século XX atravessou uma crise profunda devido a inúmeros fatores, em consequência da Primeira Grande Guerra, a saber: queda da produção, mau-estar social, escândalos político-financeiros, multiplicação de protestos nas ruas, e violentos confrontos ideológicos. É precisamente em 1931, data em que Aimé Césaire chega ao liceu Louis-Le-Grand, em Paris, para estudar, que se organiza, em Vincennes, a primeira exposição colonial. Este evento traduz, manifestamente, o anseio de afirmação do poder e de exibição do império colonial, num período em que se questiona cada vez mais a legitimidade desse poder e se reivindica o respeito pelos direitos e a igualdade dos povos. Importa referir que, até essa data, já tinham sido organizados quatro congressos pan-africanos, um em 1919, em Paris; outros dois em Londres, em 1921 e em 1923; e outro em Nova Iorque, em 1927, o que reflete claramente a ação de muitos estudantes e intelectuais que lutam, desde o início do século XX, por um reconhecimento internacional da raça e da cultura negro-africanas. No domínio da literatura, o prémio Goncourt, atribuído em 1921, ao romance *Batouala – Véritable roman nègre* de René Maran, escritor guianês, vem, de certo modo, desafiar e provocar certos poderes instaurados.

O percurso académico de Aimé Césaire prefigura uma grande personalidade da literatura francesa e universal. Após a conclusão dos estudos secundários na Ilha da Martinica, de onde é originário, Césaire entra no liceu francês Louis-le-Grand, em Paris, com o objetivo de se preparar para estudar numa das mais prestigiadas instituições de ensino superior público de investigação científica e literária, L'Ecole Normale Supérieure, que tem contribuído de forma significativa na formação das grandes figuras das elites francesas. Paralelamente ao seu percurso académico, que o leva ao sucesso com a obtenção do diploma de “Agrégé de Lettres”, graças ao seu estudo, dedicação e empenho, Césaire envolve-se num ativismo literário e ideológico. O seu encontro com Léopold Sédar Senghor é decisivo nesse campo, porque é quem o inicia a uma luta pela valorização e autodeterminação da cultura e do povo africanos. Como homem de letras que ele é, torna-se responsável pela criação do jornal *l'Etudiant Noir*, em Março de 1935, conjuntamente com Léopold Sédar Senghor e Léon-Gontran Damas, mas também da revista *Tropiques*, em Abril de 1941, e participa na revista *Présence Africaine*, publicada pela primeira vez em

novembro- dezembro de 1947. O exercício da profissão de docente, na sua ilha natal, entre 1940 e 1945, como professor de francês, permite-lhe manter uma relação privilegiada com a língua e a literatura. Importa referir que a “inquietação” de Césaire com a língua, a cultura e a literatura é uma constante ao longo da sua vida e ele próprio o afirma aquando da criação da revista *Tropiques*:

« C'est moi qui ai eu l'idée de mettre sur pied la revue ; c'est moi qui lui ai donné son nom, déclare-t-il à Jacqueline Leiner. J'ai toujours été frappé par le fait que les Antilles souffrent d'un manque. Il y a aux Antilles un vide culturel. Non que nous nous désintéressions de la culture, mais les Antilles sont trop exclusivement une société de consommation culturelle. Aussi, ai-je toujours travaillé à ce qu'elles puissent s'exprimer elles-mêmes, parler, créer. Pour cela, il faut absolument un centre de réflexion, un bureau de pensée, donc une revue... »

(*Tropiques*, Paris, Éditions Jean-Michel Place, 1978).

Com efeito, a passividade cultural traduzida pelo “silêncio” dos seus conterrâneos é algo que perturba profundamente e esmaga Césaire e que ele vai tentar contrariar essencialmente, num primeiro momento, com a sua obra poética. *Cahier d'un retour au pays natal* é considerado o poema de Césaire com maior alcance literário internacional, na medida em que é uma poesia de extensão invulgar, de revolta e com uma escrita singular, na qual o autor revela de forma decisiva a peculiaridade da sua arte.

Tanto Neto como Césaire contribuíram a nível literário, e não só, de forma decisiva para uma reflexão sobre a questão identitária do povo negro vítima da colonização e permitiram a sua valorização. É indubitável que, nos poemas em análise, as estratégias tenham sido muito idênticas, se não as mesmas, e que, muito provavelmente, Neto terá ido beber ao *Cahier*, obra fundadora do movimento da Negritude, tendo-o exortado à sua *Renúncia*. O poema de Neto “A renúncia impossível”, embora escrito em 1949 e só publicado em 1982, constitui um marco fundamental na construção de uma especificidade literária angolana de língua portuguesa.

## 1.2. A negação como estratégia

Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Fernando Pessoa – “Tabacaria”

A singularidade dos poemas evidencia-se tanto na forma como no conteúdo e nas estratégias retóricas utilizadas. Deixando para o capítulo seguinte a questão temática e a da estruturação do discurso, interessa-nos agora destacar a estratégia que, em nosso entender, é a privilegiada pelos dois autores, para melhor afirmar a identidade negroafricana, ou seja, a estratégia da negação. Embora não seja uma estratégia inovadora no discurso poético, a sua força revela o génio dos seus autores no recurso a vários mecanismos textuais para anunciar a revolta do eu e lançar um apelo à mobilização de um povo contra as injustiças da ação colonial.

Tomar consciência do valor da sua raça e reivindicá-lo na literatura numa época de censura torna-se uma empresa de grande fôlego e exige um domínio exímio da arte da retórica. A negação como estratégia retórica assume-se nos poemas em análise numa dicotomia indissociável do recurso à ironia. Essa dualidade lancinante entre afirmação e negação vislumbra-se de imediato nos títulos dos poemas de Neto e Césaire. Ao unir o nome “renúncia” ao adjetivo “impossível”, duas palavras com uma carga negativa intensa, o eu-lírico anuncia a sua intenção de ambiguidade, mas, ao mesmo tempo, leva o leitor a questionar-se sobre esta dupla negação que prefigura uma virulenta afirmação. De igual modo, mas de forma intencionalmente mais subtil, o “*retour*” aliado “*au pays natal*” imprime um movimento dialético de retorno às origens até então esquecidas e negadas, para, através de um processo de aprendizagem, traduzido pela palavra “*cahier*”, se transformar num momento catártico e libertador.

A dialética entre afirmação e negação é uma constante tanto no poema de Agostinho Neto, “A renúncia impossível”, como no de Aimé Césaire, *Cahier d’un retour au pays natal*. Contudo, no poema de Neto essa dialética surge de forma mais explícita por vários motivos. Por um lado, o título do poema apresenta duas subdivisões. Em termos estruturais temos, portanto, duas partes cada uma respetivamente intitulada “I Negação” e “II Afirmação”. Por outro lado, a construção da retórica assenta na íntegra num discurso dominado pela negação,

intimamente ligada ao uso da ironia, sobre a qual refletiremos mais aprofundadamente na próxima parte. Cremos ser indissociável desta dialética a problemática da emergência da consciência de uma raça, uma vez que esta se encontra imbuída de valores positivos e afirmativos no combate contra as consequências nefastas da ação colonial. Esta estratégia da negação consciente, refletida e deliberada é mais subtil e implícita, no nosso entender, na obra de Césaire. No *Cahier*, observa-se, por um lado, a rejeição da alienação do povo antilhano e, por outro, a apologia da causa da Negritude libertadora.

Abordar o uso da negação como estratégia retórica obriga-nos a analisar o discurso poético e refletir sobre a forma como a negação pode constituir uma arma poderosa para atingir um fim: sensibilizar o leitor para a necessidade do homem negro reivindicar os seus direitos e, por conseguinte, a sua dignidade e identidade cultural. Interessa-nos, portanto, salientar, nos poemas, exemplos do uso da negação que integram o discurso poético e que assumem uma função socialmente interventiva e engajada. É precisamente na forma como a negação é usada, numa perspetiva de manifestação interacional, que o papel do discurso poético ganha uma dimensão universal na luta pelos direitos humanos e na consciencialização identitária. Debruçar-se sobre a utilização do discurso poético como discurso ideológico com o objetivo de criticar e denunciar o colonizador, num estilo que se equaciona do tipo panfletário, como o é o poema de Agostinho Neto, constitui uma forma de resistência pela revolta, valorizando as funções pragmáticas e persuasivas do discurso. Parece-nos indubitável que Neto e Césaire são os dois cientes da força do discurso poético e de que o discurso não “traduz apenas conflitos e desigualdade de poder social, mas é aquilo por que se luta, o poder de que procuramos apropriar-nos” (Foucault, 1971: 12). No entanto, a busca da identidade deve assentar num discurso poético credível. Ora, num contexto de colonização, ao autor negro não é reconhecida credibilidade, pelo que a negação poderá ser uma estratégia de modo a subverter a ordem colonial instalada. A desvalorização e o descrédito sofridos pelo povo negro durante a ação colonial reflete-se no discurso poético que usa essa desvalorização através da negação de forma irónica. A negação acaba por constituir um mecanismo discursivo de legitimação da mensagem poética. No poema de Neto, a negação processa-se em várias fases: começa pela negação do próprio homem negro, para, posteriormente, encaminhar-se para a rejeição de estados de alma e experiências de vida e a anulação de factos históricos. Parte-se do anúncio de um suicídio (“Não quero, eu não quero ser”), progride-se para a renúncia de tudo em nome da suposta “superioridade” do homem branco colono (“Aí tendes todo o mundo para vós/para mim, nada quero/nem riqueza nem pobreza”) e culmina-se na extinção do mundo e da sua própria história (“A História está errada./Nunca

houve escravatura/nunca houve domínio de minorias/ orgulhosas da sua força”). O uso da negação surge aqui como um mecanismo do discurso que indica que o que se nega ou recusa é uma asserção. Estes atos de negação criam uma estratégia poética ofensiva de crítica violenta ao poder instaurado nas colónias em todo o mundo, mas, mais especificamente nas portuguesas, nomeadamente em Angola. A negação desempenha um papel fundamental no discurso poético, na medida em que, paradoxalmente, é através da negação do eu, o negro colonizado, que surge a apresentação negativa do outro, o colono branco.

Para melhor entender a estratégia da negação privilegiada pelos autores, parece-nos oportuno debruçar-nos, mais pormenorizadamente, sobre a questão da negação do ser, tão patente nos dois poemas, e a projeção do Nada como algo de redentor e purificador. Resgatando a filosofia schopenhaueriana, Pires Laranjeira avança que, no caso de Neto, a estratégia assume-se como a negação do “mundo do Outro, do Branco, anulando a sua eficácia” (Laranjeira, 1995a: 97). No entendimento do filósofo Schopenhauer (Schopenhauer, 1990), só se acede à liberdade ao negar a sua vontade e ao anular a sua existência metafísica. Trata-se, portanto, de um ato transcendental como manifestação de negação de uma vontade e de um querer. Esta posição encerra em si, na nossa opinião, a sua própria contradição, uma vez que quando um indivíduo deixa de afirmar o seu querer e passa a negá-lo, está automaticamente a afirmar outra vontade: a negação. O problema levantado aqui consiste em considerar, ou não, essa negação como uma vontade e um querer. No entanto, sendo a vontade dependente, num primeiro grau, das necessidades básicas indispensáveis ao ser humano, esta é inerente à própria natureza. Sendo assim, de facto, a negação pode ser entendida como uma vontade em função das necessidades criadas pelo próprio ser em determinado momento histórico, o da colonização, por exemplo. A negação é assim entendida como o desejo de fuga à alienação e à subjugação.

Ainda segundo o filósofo, a manifestação da negação da vontade não está ao alcance de todos e só o asceta através da sua experiência de vida alcança o estado de renúncia, resignação e serenidade, sendo uma pessoa capaz de se sacrificar pela salvação dos outros. Esta capacidade de abandono total é essencialmente apanágio dos religiosos (Santos, 2010: 43).

Não é, com certeza, segundo esta perspetiva de religiosidade que se deve ler tanto o poema de Césaire como o de Neto; no entanto, não podemos negar, paradoxalmente, que os dois assumem um carácter profético.

Será que podemos ler no poema de Neto algumas das ideias do filósofo e interpretá-las à luz das suas afirmações? Querera o sujeito poético no poema “A renúncia impossível”

negar-se como tão claramente o manifesta nos primeiros versos, esses retomados ritmicamente: “Não creio em mim/Não existo/Não quero, eu não quero ser”. A resposta a estas perguntas parece apontar para o lado afirmativo, dado que a negação apela à destruição e à anulação do sujeito, mas aponta também para a transcendência e a elevação como forma de salvação, como o referem os seguintes versos: “Quero matar-me/ e deixar que o não-eu/se aposse de mim/(...) Quero ascender, subir/elevar-me até atingir o Zero” ou ainda “atingistes o Zero/sois nada/ e salvastes o Homem”. Ao pretender, supostamente, anular a sua identidade negra, Neto procura apagar-se enquanto sujeito individual, identificando-se com o sofrimento do povo negro oprimido pela colonização. Ele encontra assim uma forma de luta pelos ideais de libertação do povo negro e, mais precisamente, do povo angolano que aspira à independência nacional, rejeitando a subjugação ao povo português.

A estratégia da negação de Césaire envereda por um caminho alternativo, mas serve o mesmo fim: a apologia da raça e da cultura negras face à avassaladora alienação imposta pela ação colonial. Assim, a negação não é o ponto de partida da sua retórica poética, mas serve antes como ilustração metafórica da sua obra. A vontade de negação expressa pelo povo negro surge então como uma defesa, uma forma de se proteger contra a violência irracional do opressor branco, por exemplo: “l’archipel arqué comme le désir inquiet de se nier, on dirait une anxiété maternelle pour protéger la ténuité plus délicate qui sépare l’une de l’autre Amérique”. A ironia socorre-se da negação para servir os seus interesses e ridicularizar a suposta superioridade dos brancos, científica e legalmente comprovada: “Je ne suis d’aucune nationalité prévue par les chancelleries”.

Deste modo, confirma-se que a própria estratégia da negação apresenta uma dialética dentro da dialética, sendo que a negação do eu implica a negação do outro. De facto, assume, por um lado, um carácter irónico e o sujeito poético pretende assim não negar-se a si próprio mas antes, pelo contrário, afirmar o valor da sua raça negra, como o podemos verificar nos seguintes versos de Neto, por exemplo: “Não sou. *Não existo*. Nunca fui./Renuncio-me./Atingi o Zero” ou nos de Césaire : “un vieux silence crevant de pustules tièdes,/l’affreuse inanité de notre raison d’être”. A assunção da negação do homem negro vem corroborar a estratégia irónica da negação. Por outro lado, a negação carrega também o desejo de negar categoricamente o mundo do opressor branco que nega o do homem negro, apoiando-se na inferioridade racial. No poema de Neto, o sujeito poético parte para a negação de factos históricos que mancham a missão civilizadora dos brancos como a escravatura e a colonização. A breve apresentação factual da história da colonização dos povos africanos desmorona-se face ao requisito do eu lírico: “Nunca houve negros!/A África foi construída só por vós/A

América foi colonizada só por vós/A Europa não conhece civilizações africanas”. Em Césaire, a exploração da estratégia da negação do ser através da argumentação ironizante da inferioridade racial é mais pujante na medida em que o pormenor histórico é apresentado como prova irrefutável da suposta limitação intelectual do homem negro: “ceux qui n’ont inventé ni la poudre ni la boussole/ ceux qui n’ont jamais su dompter la vapeur ni l’électricité”.

A negação surge num movimento circular autossuficiente que se contradiz e legitima. Na segunda parte do poema, “II Afirmação”, Neto apresenta um “mea culpa” como o confirmam os seguintes versos: “Calem-se as frases loucas/desta renúncia impossível/ Eu-todos nunca me negarei/nunca coincidirei com o nada/não me deitarei nunca debaixo dos comboios”. Césaire, já na parte final do seu poema, opera de igual modo e rejeita a inferioridade do povo negro anteriormente avançada como o podemos comprovar: “car il n’est point vrai que l’oeuvre de l’homme est finie/que nous n’avons rien à faire au monde/que nous parasitons le monde”.

A dialética da negação reflete assim, em nosso entender, as contradições do universo colonial e expõe as preocupações de natureza social dos autores e as suas reivindicações políticas, exortando o seu povo à libertação e à independência, defendendo a causa identitária e cultural.

### **1.3. A poesia como missão**

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior.

Octávio Paz – *O Arco e a Lira*

Muito se tem teorizado sobre a finalidade da arte e a sua utilidade. A literatura não escapa à análise e o paradigma da “arte pela arte” torna-se questionável quando se analisam poemas como os de Agostinho Neto e Aimé Césaire, por exemplo, sobre os quais nos temos vindo a debruçar. Agostinho Neto representa, em Angola, “o poeta-presidente, isto é, fundador do Estado-nação” (Laranjeira e Rocha, 2012: 15), aquele que incutiu na sua poesia a simbologia da arte como arma, atribuindo-lhe um sentido pragmático muito enraizado na luta pela libertação nacional. Aimé Césaire, mestre da Negritude, poeta e



político, foi, e continua a ser, uma referência literária e cultural do combate contra a alienação do povo negro. Trata-se, portanto, em ambos os casos, de poesia engajada, expressão da vontade de transformar o mundo, como o revela Neto nestes versos: “E o que é mais importante:/Salvei o mundo”.

O que é “poesia engajada”? Quais as suas funções? Estas são as questões fundamentais que se colocam para melhor apreender e compreender os poemas de Neto e de Césaire. Se considerarmos como “poesia engajada” a poesia na qual o poeta põe a sua arte ao serviço de uma causa e convida os seus leitores a uma reflexão ou à ação, a “poesia engajada” assume assim determinadas funções. Por um lado, o poeta compromete-se a revelar a realidade, pelo que a sua poesia está ancorada num momento histórico e refere de forma recorrente nomes de lugares, de pessoas e, eventualmente, datas. Em “A renúncia impossível”, as palavras “história” e “histórica” são inúmeras vezes utilizadas e as referências históricas são incontornáveis, nomeadamente a alusão ao documento institucional do Estado Novo, o “Ato colonial”, promulgado a 8 de julho de 1930, que fundamenta a intervenção portuguesa nas colónias no célebre “trabalho de civilização”, para fazer evoluir “os povos indígenas”. No poema, o eu-lírico denuncia ferozmente esse “trabalho”:

*não contem com amas  
para amamentar vossos filhos sífilíticos  
não contem com operários  
de segunda categoria  
para fazer o trabalho de que vos orgulhais  
nem com soldados inconscientes  
para gritar com o estômago vazio  
vivas ao vosso trabalho de civilização*

Podemos também salientar a recorrente descrição das atrocidades da colonização com exemplos de exploração e de subjugação do povo negro, sempre enquadradas geograficamente. O continente africano é o palco dos crimes, o espaço invadido e vitimado, no entanto, o sujeito poético refere também outros espaços como sendo também testemunhas da ação colonial:

*A África foi construída só por vós  
A América foi colonizada só por vós  
A Europa não conhece civilizações africanas  
(...)  
Não há nas ruas de Luanda  
negros descalços e sujos  
a pôr nódoas nas vossas falsidades de colonização  
Em Lourenço Marques  
em New-York, em Leopoldville  
em Cape-Town  
gritam pelas ruas  
a foguetear alegria nos ares:*

A referência ao Ku-Klux-Klan, a organização racista dos Estados Unidos que sempre lutou pela supremacia da raça branca, não deixa margem para dúvidas quanto ao propósito do sujeito poético de revelar a realidade dos factos históricos:

*podeis transformar em toureiros  
ou em magarefes  
os membros da Ku-Klux-Klan  
para que matem a sua fome sanguinária  
nas feridas dos touros que descem à arena.  
Não há negros para linchar!*

A referência a músicos e compositores brancos, um francês, outro alemão e ainda outro russo, não é inocente e realça a sua estratégia irónica de denúncia da superioridade branca, desta vez a nível cultural, ao comparar a música clássica europeia aos batuques da música negra:

*Não existe música negra  
Nunca houve batuques nas florestas do Congo  
Quem falou em spirituals?*

*Vá de encher os salões  
de Debussy, Strauss, Korsakoff.  
Já não há selvagens na terra.  
Viva a civilização dos homens superiores  
sem manchas negróides  
a perturbar-lhe a estética!*

No *Cahier d'un retour au pays natal*, Césaire usa a mesma estratégia e as referências históricas abundam. Surgem, por um lado, figuras históricas como, por exemplo, “l’impératrice Joséphine des Français”, primeira esposa do imperador Napoleão I, ou “La-reine-blanche-de Castille”, rainha de França de 1223 a 1226 e regente do reino de França de 1226 a 1235, que permitem ao sujeito poético evocar a violência da herança colonial, dando relevo à subjugação e à inércia do povo negro:

*(...)Dans cette ville inerte, cette foule désolée sous le  
soleil, ne participant à rien de ce qui s'exprime,  
s'affirme, se libère au grand jour de cette terre  
sienne. Ni à l'impératrice Joséphine des Français  
rêvant très haut au-dessus de la nègraille.(...)*

*(...)Et ni l'instituteur dans sa classe, ni le prêtre au  
catéchisme ne pourront tirer un mot de ce nègrillon  
sommolent, malgré leur manière si énergique à tous*

*deux de tambouriner son crâne tondu, car c'est dans  
les marais de la faim que s'est enlisée sa voix  
d'inanition (un-mot-un-seul-mot et je-vous-en-  
tiens-quitte-de-la-reine-Blanche-de-Castille, un-  
mot-un-seul-mot, voyez-vous-ce-petit-sauvage-  
qui-ne-sait-pas-un-seul-des-dix-commandements-  
de-Dieu)(...)*

Esta estratégia permite também lançar um apelo à esperança com “Toussaint Louverture”:

*(...)Ce qui est à moi  
c'est un homme seul emprisonné de blanc  
c'est un homme seul qui défie les cris blancs de la  
mort blanche  
(TOUSSAINT, TOUSSAINT LOUVERTURE)  
C'est un homme seul qui fascine l'épervier blanc de la  
Mort blanche (...)*

A profusão de indicações geográficas ao longo de todo o poema não deixa o leitor alhear-se da realidade descrita e leva-o a embarcar numa viagem sofrida de regresso às origens do povo negro. O eu lírico embrenha-se nas memórias da colonização dos povos pelo mundo:

*Et mon île non-clôture, sa claire audace  
debout à l'arrière de cette polynésie, devant elle, la  
Guadeloupe fendue en deux de sa raie dorsale et de  
même misère que nous, Haïti où la négritude se mit  
debout pour la première fois et dit qu'elle croyait à  
son humanité et la comique petite queue de la Floride  
où d'un nègre s'achève la strangulation, et l'Afrique  
gigantesquement chenillant jusqu'au pied hispanique  
de l'Europe, sa nudité où la mort fauche à larges  
audains.*

*Et je me dis Bordeaux et Nantes et Liverpool et  
New York et San Francisco  
Pas un bout de monde qui ne porte mon empreinte  
Digitale(...)*

Por outro lado, na poesia engajada, o poeta tenta convencer os seus leitores a aderirem a uma causa, exortando os seus semelhantes a consciencializar-se dos problemas do mundo que os rodeia e transmitindo uma mensagem/ação. Assim, a sua poesia é um apelo à mobilização por uma causa para mudar o estado das coisas.

Na “renúncia impossível”, o sujeito poético entoa esse apelo à ação através da ironia e assume-se como entidade coletiva. É com o seu suicídio que ele pretende despertar consciências e ser um marco na História, levando assim o mundo a valorizar “os pretos medrosos”. A aparente contradição do eu lírico que pede, simultaneamente, para que a sua morte (“Seja uma verdadeira novidade histórica”) e para que (“se processe a História/ e o

mundo continue /como se eu nunca tivesse existido”), revela nitidamente o seu desejo de alterar a ordem estabelecida e permitir a construção da identidade nacional de um povo:

*Mais do que um simples suicídio  
quero que esta minha morte  
seja uma verdadeira novidade histórica  
um desaparecimento total  
até mesmo nos cérebros  
daqueles que me odeiam  
até mesmo no tempo  
e se processe a História  
e o mundo continue  
como se eu nunca tivesse existido  
como se nenhuma obra tivesse produzido  
como se nada tivesse influenciado na vida  
como se em vez de valor negativo  
eu fosse Zero.*

Na parte final do poema, surge mesmo a interpelação ao povo negro e a exortação à adesão à sua causa para o bem de todos:

*Ó pretos submissos humildes ou tímidos  
sem lugar nas cidades  
ou nos escaninhos da honestidade  
ou nos recantos da força  
com a alma poisada no sinal menos,  
polígamos declarados  
dançarinos de batuques sensuais  
sabei que subistes todos de valor  
atingistes o Zero  
sois Nada  
e salvastes o Homem.*

O sujeito poético assume totalmente o seu “engajamento” e a sua missão como um ato libertador:

*Ceguei ao Zero-Espaço  
ao nada-tempo  
ao Eu coincidente com vós-Tudo.*

*E o que é mais importante  
Salvei o mundo.*

Na segunda parte do poema, intitulada “II Afirmção”, trata-se de repor a “verdade”, sendo a apresentação de um *mea culpa* do sujeito poético que invoca a loucura na primeira parte do poema:

*Perdoem-me os cinco minutos de loucura  
que vivi.*

O processo irónico já não tem lugar aqui e talvez Neto tenha sentido a necessidade de esclarecer os propósitos avançados pelo eu lírico na “I Negação”. É o momento de dissipar os equívocos da ironia e reivindicar os seus direitos:

*O meu lugar está marcado  
no campo da luta  
para conquista da vida perdida*

*Eu sou. Existo  
As minha mãos colocaram pedras  
nos alicerces do mundo  
Tenho direito ao meu pedaço de pão*

A seguir, o eu-lírico reforça o seu papel na luta pela liberdade do povo de Angola e assume-se como líder desse desígnio:

*Sou um valor positivo  
da humanidade  
e não abdicó,  
nunca abdicarei!*

*Seguirei com os homens livres  
O meu caminho  
para a liberdade e para a Vida.*

Em Césaire, o sujeito poético também assume a missão coletiva de libertação do povo da colonização e da subjugação:

*«Ma bouche sera la bouche des malheurs qui n'ont  
point de bouche, ma voix, la liberté de celles qui  
s'affaissent au cachot du désespoir.»  
(...)  
Et voici que je suis venu!*

O paralelo entre os versos de Neto e de Césaire é inegável. Vislumbra-se nitidamente a assunção profética de um eu libertador preparado para reconstruir um novo mundo:

*Et voici au bout de ce petit matin ma prière virile  
que je n'entende ni les rires ni les cris, les yeux fixés  
sur cette ville que je prophétise, belle,  
donnez-moi la foi sauvage du sorcier  
donnez à mes mains puissance de modeler  
donnez à mon âme la trempe de l'épée  
je ne me dérobo point. Faites de ma tête une tête de  
proue  
et de moi-même, mon cœur, ne faites ni un père, ni  
un frère,,  
ni un fils, mais le père, mais le frère, mais le fils  
ni un mari, mais l'amant de cet unique peuple.*

Por último, a função da “poesia engajada” também é a de sensibilizar contra o esquecimento, servindo de testemunho para as gerações vindouras. Nesta perspetiva, parece-nos que os poemas de Neto e de Césaire podem enquadrar-se, de facto, na “poesia engajada”. Como constatámos através dos exemplos acima apresentados, a experiência do colonialismo está bem patente nos dois poemas e dá-se a tentativa de, para além da exortação à luta pela identidade de um povo, legar uma herança cultural significativa e lançar os alicerces, no caso de Agostinho Neto principalmente, para a construção de uma literatura nacional. Para Césaire, este texto representa a recusa da assimilação cultural, o direito à diversidade cultural e à aceitação das diferenças no seio de um mesmo país tão extenso como a França, tendo em conta os seus vários territórios espalhados nos cinco continentes, legados históricos da ação colonial.

Não cremos que, pelo facto de se apelidar de “poesia engajada”, os poemas percam por isso o seu valor poético-literário. Pelo contrário, aliar lirismo e engajamento é um trabalho que se reveste ainda de maior primazia e que revela todo o talento e a arte dos seus autores. Não é nosso propósito aqui questionarmo-nos sobre o que é poesia, uma vez que os autores em análise já fizeram provas do seu valor, tendo sido objeto de inúmeros estudos, principalmente Aimé Césaire, tanto a nível nacional como internacional. No entanto, incompreensivelmente, a poesia de Agostinho Neto não foi devidamente reconhecida ainda em Portugal, apesar das diversas iniciativas desenvolvidas nesse sentido e do notório acréscimo na investigação em torno deste vulto da literatura de língua portuguesa. Debruçamo-nos antes sobre o impulso e o ímpeto de um poeta engajado, tentando compreender o que o leva a enveredar pelo “engajamento” e a assumir a literatura como uma *missão*. É certo que quando se fala em *missão*, o termo remete-nos para uma vasta área de

intervenção, seja ela política, ideológica, social, ou ainda literária, servindo uma causa cultural e civilizacional e, por conseguinte, identitária e, intrinsecamente, revolucionária.

Sartre foi uma das personalidades que muito se debruçou sobre a literatura *engagée* e argumentou contra os defensores da “arte pela arte” e os críticos e detratores da literatura de intervenção. Na opinião de Sartre, torna-se mais fácil criticar sem conhecer e argumentar gratuitamente contra o que incomoda e se desconhece do que, efetivamente, ler e compreender:

*“C’est qu’on lit vite, mal et qu’on juge avant d’avoir compris. Donc, recommençons. Cela n’amuse personne, ni vous, ni moi. Mais il faut enfoncer le clou. Et puisque les critiques me condamnent au nom de la littérature, sans jamais dire ce qu’ils entendent par là, la meilleure réponse à leur faire, c’est d’examiner l’art d’écrire sans préjugés. Qu’est-ce qu’écrire ? Pourquoi écrit-on ? Pour qui ? Au fait, il semble que personne ne se le soit jamais demandé.”* (Sartre, 1948 : 12)

Neste ensaio, que data de 1948, o autor propõe uma reflexão teórica sobre o processo de escrita e questiona a sua natureza e a sua utilidade.

A questão “Porquê escrever?” encontra-se intimamente relacionada com a utilidade da literatura e, por conseguinte, com o propósito de poesia como missão. As intenções dos escritores podem ser as mais variadas, decerto, e isso obriga-nos a refletir sobre os motivos da criação artística, de um modo geral. Não cremos que o ato de escrever, como atividade artística, seja desprovido de sentido ou de motivação. Muito pelo contrário, no nosso entender, ao ímpeto que leva um escritor a criar a sua obra está subjacente uma razão que transcende o mero desejo de partilhar ideias ou de transmitir uma mensagem. A vontade de ser lido por uma comunidade não se pode limitar à única expressão de um ato de egoísmo, pois é antes um ato de altruísmo. Ele refere a esse propósito que “Un des principaux motifs de la création artistique est certainement le besoin de nous sentir essentiels par rapport au monde” (Sartre, 1948 : 46). Ora, esta ideia implica necessariamente uma tomada de posição face àquilo que nos rodeia e, mais especificamente, perante a sociedade na qual vivemos. E é indubitável que a leitura é essencial para o ato de escrever: leitura e escrita complementam-se. Para Sartre, a atividade do leitor é criadora e a obra literária é definida como um apelo à liberdade do leitor para que ele colabore à produção da obra.

Apesar de considerar, neste ensaio, a poesia, a par com a pintura, a escultura e a música, como uma arte não “engajada”, parece-nos pertinente equacionar os argumentos avançados na poesia de Neto e, especificamente, no poema “A renúncia impossível”, como forma de legitimar a sua poesia, por muitos incompreendida e criticada. De facto, mesmo se Sartre insiste em distinguir o escritor do poeta e privilegia a prosa em relação à poesia como

meio único de luta por uma causa como ele o refere: “La prose est utilitaire par essence” (Sartre, 1948 : 25), “La prose se sert des mots, la poésie sert les mots” (Sartre, 1948 : 18), propomo-nos entender como Neto e Césaire, nestes dois poemas em análise, convergem, nos conceitos de literatura engajada sustentados e desenvolvidos por Sartre. Apesar da aparente contradição, a virulenta defesa sartriana da prosa contra a poesia vem evidenciar a problemática do gênero dos poemas longos objeto do nosso estudo na próxima parte.

Note-se, no entanto, que Sartre esclarece a sua posição sobre a função da linguagem poética no seu prefácio à *Nouvelle anthologie de la poésie nègre et malgache de la langue française*, intitulado “Orphée noir”. O autor volta à reflexão sobre a poesia como forma literária de expressão de uma causa, mas desta vez refere-se especificamente à “poésie noire et malgache de langue française”. Esta distinção entre poesia europeia/ocidental e “poésie noire” é fundamental, na medida em que a atribuição do caráter engajado à poesia negra surge como algo de intrínseco. E é essa característica intrínseca que lhe confere a sua especificidade. Algo, portanto, difícil de identificar, nos mesmos termos, na poesia à qual ele alude no ensaio “Qu’est-ce que la littérature?”. O autor explica em “Orphée noir” :

*“(…)pourquoi c’est nécessairement à travers une expérience poétique que le noir, dans sa situation présente, doit d’abord prendre conscience de lui-même et, inversement, pourquoi la poésie noire de langue française est, de nos jours, la seule grande poésie révolutionnaire.”* (Sartre, 1977 : XII).

Neste excerto a referência à “situação presente” do negro é fundamental e reenvia diretamente para o flagelo da colonização vivido pelo povo negro. Ora, tanto o poema de Césaire como o de Neto referem diretamente a experiência colonial. Neto usa mesmo a palavra “colonização” nos seus versos:

*O que é a colonização?  
O que são massacres de negros?  
O que são os esbulhos de propriedade?  
Coisas que ninguém conhece.*

Césaire opta pelo implícito utilizando o eufemismo “Les bienfaiteurs de l’humanité” para se referir aos colonizadores.

Os dois poetas desejam denunciar os males da colonização e, por conseguinte, travar e pôr um fim a esse processo sanguinário secular.

Sartre insiste ainda na essência da poesia negra e caracteriza-a de “funcional”, uma vez que nasce de um desejo, o de projetar a Negritude no mundo como forma de reconhecimento de uma raça e de um povo. O poeta apresenta-se então, como ele próprio



refere, como “le héraut qui arrachera de soi la négritude pour la tendre au monde, à demi prophète, à demi partisan, bref un poète au sens précis du mot «vates»” (Sartre, 1977 : XV) . Torna-se interessante o paralelo estabelecido por Sartre entre o poeta negro e «o vates», aquele que profetiza, pois ele reconhece a poesia negra como expressão evangélica no anúncio da Negritude reencontrada. A presença recorrente do tema da Negritude é outro elemento distintivo entre a poesia negra e a poesia branca.

O poema de Neto ilustra perfeitamente este argumento e os primeiros versos traduzem o desejo irónico do eu lírico de se aniquilar para dar maior visibilidade à sua luta e libertar-se assim da presença colonial:

*Quero destruir-me  
- atirar-me de pontes elevadas  
e deixar-me despedaçar  
sobre as pedras duras das calçadas.*

*Pulverizar o meu ser  
desaparecer  
não deixar sequer traço de passagem  
pelo mundo.*

*Quero matar-me  
e deixar que o não-eu  
se aposse de mim.*

O sujeito poético apresenta-se, então, como um profeta:

*Eu elevado até o Zero  
eu transformado no Nada-histórico  
eu no início dos Tempos  
eu-Nada a confundir-me com vós-Tudo  
sou o verdadeiro Cristo da Humanidade!*

Sartre continua e vai mais longe ainda, afirmando que a prosa não serve a causa da negritude e que a linguagem poética é a única forma de o poeta reivindicar a sua causa e os seus direitos enquanto ser humano e cidadão do mundo. A sua missão surge assim legitimada. A argumentação sartriana viabiliza ainda a missão da poesia negra através do uso da língua do colonizador como meio subtil de desconstrução da ideologia do colonizador. De facto, no seu entender, o poeta negro apropria-se da língua imposta, incute-lhe o seu cunho pessoal e altera o seu sentido. Surge assim uma inversão semântica e, por conseguinte, axiológica. A poesia

negra expressa na língua branca reveste-se da cor da linguagem universal e exprime o sofrimento vivido na colonização, fruto da opressão branca, e a sua esperança num mundo mais justo. A suposta superioridade branca vê-se assim limitada na sua própria língua e presa na sua própria armadilha: o desejo de subjugar o povo negro impondo-lhe a sua cultura.

Em “A renúncia impossível”, o desejo de liberdade do sujeito poético está bem patente e a morte anunciada e premeditada é a forma irónica encontrada para concretizar mais facilmente o ato de salvação:

*Ah!  
O meu suicídio é uma novidade histórica  
é um sádico prazer  
de ver-vos bem instalados no vosso mundo  
sem necessidade de jogos falsos.*

*(...)*

*Eu não existo  
Palavra de honra que nunca existi.  
Atingi o Zero  
o Nada.  
Abençoada a Hora  
do meu super-suicídio*

Em *Cahier d'un retour au pays natal*, o eu lírico almeja essa liberdade ao longo do seu poema e acaba por alcançá-la, como podemos verificar nestes versos que descrevem a libertação do povo colonizado e prefiguram, graficamente até, o povo a levantar-se e a saborear a liberdade então alcançada:

*Et elle est debout la négraille*

*la négraille assise  
inattendument debout  
debout dans la cale  
debout dans les cabines  
debout sur le pont  
debout dans le vent  
debout sous le soleil  
debout dans le sang*

*debout*

*et*

*libre*

*debout et non point pauvre folle dans sa liberté et*

*son dénuement maritimes girant en la dérive parfaite  
et la voici:  
plus inattendument debout  
debout dans les cordages  
debout à la barre  
debout à la boussole  
debout à la carte  
debout sous les étoiles*

*debout  
et  
libre*

Parece-nos, portanto, evidente que a retórica de Sartre serve a poética netiana e césairiana, ancorada no princípio da liberdade. Com efeito, Sartre concebe a literatura como forma de ação libertadora e afirma que arte de escrever está ligada à liberdade: “Ecrire, c’est une certaine façon de vouloir la liberté, si vous avez commencé, de gré ou de force vous êtes engagé” (Sartre, 1948 : 72). Não se trata de uma literatura politizada para servir fins políticos, mesmo que a ela esteja subjacente alguma convicção política. A literatura engajada, que tem por missão esclarecer o leitor sobre determinadas problemáticas ideológicas ou sociais, não se reveste, de todo, de um carácter autoritário, muito pelo contrário, oferece uma visão do mundo e do homem histórica e socialmente situado, permitindo ao leitor refletir e questionar-se a partir do confronto de ideias. Sartre afirma que o “engajamento” é um fenómeno literário presente em todas as épocas que surge como forma de combater as “forças negativas” e que qualquer obra literária tem um certo grau de “engajamento”, na medida em que propõe uma visão do mundo. Assim, a literatura como forma de arte engajada desempenha uma missão legítima e fundamental em todas as sociedades de uma forma geral. Em Neto, por exemplo, no poema “A renúncia impossível”, é notória a tomada de posição do eu lírico, representante do povo colonizado, contra o homem branco colonizador, e vislumbram-se, por conseguinte, as bases de uma intervenção política. No entanto, quando denuncia as crueldades cometidas pelo colonizador, antes de enveredar pela leitura política, é, no nosso entender, a causa humana e identitária que se destaca.

A pergunta “Para quem se escreve?” coloca a problemática do público-alvo, ou seja, do leitor a quem se dirige a obra literária e, neste caso a poesia. Neste ponto, a resposta mais comum a dar seria “qualquer tipo de leitor”, aquele que Sartre denomina de “leitor universal”.

No entanto, não podemos esquecer o momento histórico em que o escritor/poeta vive e as influências e as contingências impostas quer social como culturalmente.

Mais do que uma arte, incontestável, é certo, a poesia de Neto é engajada, porque desconcerta, sensibiliza, incomoda, abala consciências, ou, por outras palavras, é uma poesia-ação, que, independentemente do tipo de reação que provoca, não deixa ninguém indiferente. Neto e Césaire, poetas engajados num processo de luta contra a alienação do povo negro, usam a poesia como uma arma para despertar consciências. Octávio Paz refere que o processo poético é revolucionário. De facto, atinge as pessoas no seu íntimo, mobiliza-as, convida-as a refletir e a agir para mudar o mundo. Considerar a poesia de Neto como uma missão, leva-nos a questionar o papel da sua poesia e os seus objetivos enquanto poeta e escritor, assim como enquanto médico e político, mas também e essencialmente enquanto homem e cidadão do mundo. Trata-se aqui, essencialmente, em nosso entender, de privilegiar a sua contribuição e o seu legado para a humanidade enquanto pessoa que lutou contra a subjugação do povo negro, assim como pela liberdade dos povos colonizados e, mais especificamente, do povo angolano e que sempre reivindicou valores como a justiça, a igualdade e o respeito. Não se pode reduzir uma obra poética ao seu valor estético, descurando a sua força cinética, o seu poder interventivo, quando a realidade e o legado históricos o comprovam indelevelmente. “A renúncia impossível” representa, na nossa opinião, o expoente máximo da sua missão, pois é neste poema que Neto revela o seu grande objetivo e acalenta o seu grande sonho: “E o que é mais importante/Salvei o mundo.” Neto engaja-se a deixar a sua marca no mundo.

A singularidade do poema de Neto reside no facto de ser um texto violento, anti-branco e que exorta, de certa maneira, à ação, à luta pela independência de uma entidade coletiva, o povo negro de África, e mais propriamente à libertação de Angola. A força das palavras é incontestável, mas Neto não quer ficar pelas palavras, a sua intenção impressa na poesia prefigura nitidamente uma ação próxima: o desejo de uma intervenção. O anseio pelo início da uma nova era está presente ao longo do texto nas expressões repetidas: “E agora” e nos versos: “Abençoada a Hora”, “Atingi o Zero/Cheguei à hora do início do mundo”, “Cheguei ao Zero-Espaço/ao Nada-Tempo” e “Salvei o mundo”. Essa determinação em agir abarca a ambição de mudar a História e de fazer História: “Mais do que um simples suicídio/quero que esta minha morte/seja uma verdadeira novidade histórica”. Comparativamente com Césaire que clama o seu ódio e a sua revolta, dizendo: “Parce que nous vous haïssons vous et votre raison”, o grito de raiva de Neto ecoa numa violência não menos contida, como o exemplificam os seguintes versos: “raios vos partam! (...) Ide para o diabo!”.

Para além da raiva e da revolta, o grito de esperança também está bem presente em “A renúncia impossível” e lê-se nos versos: “sou o verdadeiro Cristo da Humanidade!”, “E o que é mais importante/Salvei o mundo”. Grito interventivo, de raiva ou de esperança, Agostinho Neto, seguindo os passos de Florbela Espanca como um poeta que nele quer “condensar o mundo”, veicula a sua ideologia, a sua política e a sua poética.

A sua poesia lança as bases para a criação de um movimento político e ideológico e dá origem ao MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola, conjuntamente com Viriato Cruz, António Jacinto e Mário Pinto de Andrade, membros do grupo da “Geração da *Mensagem*”, em Angola, e “Geração de 50”, movimento comum a todas as colónias.

## Parte II O JOGO DAS INTERTEXTUALIDADES EM “A RENÚNCIA IMPOSSÍVEL” E *CAHIER D’UN RETOUR AU PAYS NATAL*

Todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de textos; ele é uma escritura réplica (função e negação) de outro (dos outros) texto (s).

Kristeva, 1974: 64

### 2.1. A evolução temática

A complexa teia da intertextualidade e do estudo comparativista é sempre alvo de grande crítica e envolve acesas polémicas. É, sem dúvida, sempre complexo estabelecer, de forma totalmente rigorosa, conexões unilaterais entre dois textos e mais ainda entre dois poemas como, por exemplo, “A renúncia impossível” de Agostinho Neto, e *Cahier d’un retour au pays natal* de Aimé Césaire. No entanto, a tarefa não é de todo impossível e, muito pelo contrário, ganha toda a sua pertinência, tendo em conta as afinidades existentes entre os dois textos a vários níveis. De facto, a questão da intertextualidade é relevante e leva qualquer leitor atento a interrogar-se sobre o eventual contacto que terá tido Agostinho Neto com o texto de Césaire, por exemplo, ou com outros pertencentes ao grupo dos “teóricos da Negritude”.

Bem que assentes em argumentos subjacentes a conceitos teóricos de referência, as relações intertextuais estabelecidas entre as obras dependem, em parte, de um processo hermenêutico subjetivo ancorado em fundamentos axiológicos delimitados pelo espaço e tempo históricos. Como o refere Carlos Reis, a problemática da intertextualidade prende-se com “a questão da inovação criativa em relação ao que precedeu, a conexão entre a criação literária e o lastro de referências culturais que envolvem o escritor, a produção textual perspectivada como contínua transformação de textos precedentes, etc” (Reis, 1982: 31). No entanto, de acordo com as teorias de muitos estudiosos, como Bakhtin, Todorov, Kristeva, ou ainda Laurent Jenny, a linguagem surge como essencialmente dialógica. Ao evocar Bakhtin, Todorov salienta que “L’intertextualité appartient au discours, non à la langue, et relève par conséquent de la translinguistique, non de la linguistique. (...) L’énoncé présent est perçu comme la manifestation d’une conception du monde. (...) Il n’existe pas d’énoncé qui soit dépourvu de la dimension intertextuelle” (Todorov, 1981 : 96-98). Por conseguinte, cada obra dialoga com as suas precedentes e as suas contemporâneas. Kristeva reforça esta ideia: “O

objetivo dos estudos de intertextualidade é examinar de que modo ocorre essa produção do novo texto, os processos de rapto, absorção e integração dos elementos alheios na criação da obra nova” (Kristeva, 1974: 64).

Seguindo os pressupostos de Bakhtin sobre o dialogismo discursivo, tentar-se-á ver de que modo o poema de Agostinho Neto “A renúncia impossível” dialoga com a obra de Aimé Césaire *Cahier d’un retour au pays natal*, estabelecendo os pontos de convergência e de divergência temática, estilística e de gênero e perceber por que o terá feito.

Longe de se pretender criar apenas um mero inventário de temas explorados pelos dois autores, e cair num extremismo, o intuito é tornar mais evidente a influência de um texto no outro. É, por isso, importante a apresentação de excertos das obras analisadas para que se possa comprovar a intertextualidade de forma clara e direta. Os exemplos citados têm por base, no caso do poema de Neto, a versão manuscrita divulgada por Michel Laban, e, no caso de Césaire, a publicação da editora Présence Africaine de 1983.

Propõe-se, assim, uma reflexão sobre as relações entre dois poemas, um pertencente à literatura angolana e outro à literatura francesa. E, apesar de estarmos a considerar obras de literaturas diferentes, uma de língua portuguesa e outra de língua francesa, as afinidades entre as duas são manifestas, principalmente no que toca ao processo temático, à estilística e ao gênero literário. Ao longo dos poemas, a intertextualidade dá-se de diversas formas, mas, principalmente, através da veemente exaltação da raça negra e do violento manifesto contra a colonização. Interessa, portanto, compreender como este eixo temático evolui em cada texto e se processa em sentido poético.

Propor relacionar o poema de Agostinho Neto com o de Aimé Césaire parece uma tarefa inexecutável, uma vez que, apesar de ambos longos, sendo o *Cahier* muito mais extenso, o estilo poético é bem diferente, mas convergem em muitos pontos e essencialmente na exortação à conquista de uma identidade cultural. Como o sugerem os autores Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux (1988), em *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, o problema da temática literária obriga o investigador a considerar o contexto, uma vez que o texto literário insere-se num período cultural. Eles acrescentam que “o tema” tem uma função estruturante, pois consideram-no “elemento constitutivo e explicativo do texto literário, elemento que ordena, gera e permite produzir o texto” (Machado e Pageaux, 1988: 116). O estudo temático parece-nos assim legitimado, pois revela que a abordagem do funcionamento interno de um texto está intimamente interligada ao estudo da função social e cultural do mesmo.

Comparar a evolução temática dos dois poemas exige, portanto, desvendar as circunstâncias de criação e compreender de que modo a sua génese influencia o processo poético.

No poema de Agostinho Neto, escrito enquanto era estudante de medicina em Coimbra, terá sido a recordação do suicídio de um jovem negro, em Luanda, a servir de propósito inicial (“Quero destruir-me:/-atirar-me de pontes elevadas/e deixar-me despedaçar/sobre as pedras duras das calçadas.”), facto este documentado pelo estudioso Michel Laban, numa nota de um artigo sobre a versão manuscrita do poema “A renúncia impossível”: “O poeta ficou sem dúvida marcado pelo suicídio, em 1938, dum jovem intelectual negro de origem santomense, Jorge Neto. O acontecimento trágico, que marcou na altura a sociedade de Luanda, é precisamente referido por Uanhenga Xitu, em *O Ministro*: “atirou-se da ponte “Diogo Cão”, junto do Ministério da Saúde, suicidando-se depois de ser proibido e desprestigiado pelos brancos estrangeiros por passear onde os brancos pairavam” (Laban, 2000:89). Neto evoca assim um “fait-divers” trágico, a morte de um jovem, vítima de discriminação racial, do qual o eu lírico se apropria, servindo de motivo ao processo poético de revolta contra a dominação do homem branco colonizador. A morte surge como pretexto, como ponto de partida para uma reflexão individual do sujeito poético, desencadeando um processo de identificação pessoal com o sofrimento de um povo, o de raça negra. Este pretexto reveste-se de maior importância, na medida em que, se tivermos em consideração o título do poema, por um lado, “A renúncia impossível”, e a sua estrutura externa, por outro, com duas partes distintas: I, Negação, e II, Afirmação, podemos, a partir de uma leitura inferencial destes elementos, avançar que existe a intenção de transformar o trágico. De facto, a negação da vida, sem nos debruçarmos, por enquanto, no valor irónico subjacente a esta negação, converte-se em algo de positivo. Existe assim um processo de desconstrução de tudo o que foi negado/afirmado na primeira parte, negando a negação e declarando a afirmação e valores positivos. É curioso como muitos estudiosos da obra de Agostinho Neto, e mais precisamente deste poema, tenham, de um modo global, cingindo as suas reflexões e análises apenas à primeira parte do poema, I Negação. Não menos singular é constatar que Michel Laban, no artigo no qual transcreve o poema de Neto na íntegra, segundo a versão recolhida por Mário Pinto de Andrade, o tenha intitulado *Da Negação à Afirmação: uma versão completa de “A renúncia impossível”, de Agostinho Neto*. Apesar deste trabalho se centrar na primeira parte do poema, *Negação*, a segunda parte, *Afirmação*, será também objeto de reflexão comparando-a com os últimos versos do poema de Césaire, nos quais também é evidente o desejo do sujeito poético de afirmar a dignidade do seu povo.



No que concerne ao poema *Cahier d'un retour au pays natal*, e segundo o seu “tapuscrit”, documento que revela a gênese da obra e que se encontra na biblioteca da Assembleia Nacional Francesa, com a cota “Ms 1825 bis”, adquirido por esta instituição em 1992, Césaire inicia a redação da sua obra em 1935, na ex-Jugoslávia, enquanto passa férias em casa de um amigo. Terá sido a visão da ilha Martinska a despertar em Césaire memórias da sua ilha natal, a Martinica:

J'habitais à la Cité universitaire, boulevard Jourdan, à Paris. C'était l'été. Et l'été est dur à Paris. Quand on voit fondre l'asphalte sur le boulevard, on regrette la Martinique. Il faisait horriblement chaud et nous étions seuls. Il n'y avait plus de Français. Il y avait beaucoup d'étrangers. Il y en a un qui est venu vers moi avec qui j'ai très vite sympathisé. C'était Petar Guberina, un Croate. Il était venu à Paris passer sa thèse. On a lu ensemble, on a parlé ensemble. Je lui parlais de la Martinique. Il m'a parlé de la Yougoslavie. Il m'a parlé de la Croatie. On n'était pas très riches et on se dépouillait pour acheter des livres, chez Gibert en particulier. Et puis un beau jour, il dit : “Je vais rentrer chez moi. Tu es seul à Paris. Viens me voir. Ma mère possède une ferme en Dalmatie, à Sibenik.” Il a tellement insisté que j'ai fini par dire oui. J'ai passé deux bons mois en plein cœur de la Dalmatie. C'était un pays magnifique. Sous certains aspects il me rappelait la Martinique. En moins verdoyant. Et, chose très curieuse, j'ai eu un choc. Le matin, en me réveillant, je regarde le paysage et je vois juste en face de moi, une île.

– Comment s'appelle cette île?

–Martinska.

– Si on traduit en français, ça signifie Martinique ! C'est l'île de Saint-Martin ! Et c'est ainsi que j'ai écrit, en Yougoslavie, avec Martinska dans ma perspective, plusieurs pages du *Cahier d'un retour au pays natal*.

(<http://www.assemblee-nationale.fr/histoire/aime-cesaire/tapuscrit.asp>, consultado no dia 06/06/2011.)

O poema inicia-se precisamente com as recordações de paisagens originalmente inebriantes, pertencentes a um passado longínquo, o paraíso perdido do poeta, em contraposição, em simultâneo, com a evocação de sentimentos de angústia e de repulsa face à realidade efetiva e degradante da sua ilha natal (“Puis je me tournais vers des paradis pour lui et les siens perdus (...) et j'entendais monter de l'autre côté du désastre, un fleuve de tourterelles et de trèfles de la savane”), consequência da opressão vivida pelo povo da Martinica durante a colonização. São as feridas ainda abertas que são postas a nu de forma a exorcizar os medos, a denunciar os horrores da colonização e a proclamar e reivindicar a legitimidade da libertação do povo negro. Esta é uma dicotomia amplamente explorada ao longo do poema e que aponta para a valorização deste espaço pelo eu lírico, como ponto de partida e de chegada de uma viagem pelo(s) tempo(s) cronológico, histórico e psicológico.

Neto, à semelhança de Césaire, põe o dedo na ferida do processo de colonização, num tom provocador e desafiante, partindo da simples constatação de factos: no seu poema é o suicídio de um jovem negro; no de Césaire, é o estado de miséria e de destruição da ilha da

Martinica, como o revelam os seguintes versos: “une vieille misère pourissant sous le soleil, silencieusement; un vieux silence crevant de pustules tièdes,/ l’affreuse inanité de notre raison d’être”.

Em termos de publicação, os dois poemas têm um percurso bem diferente, o que terá influenciado também, sem dúvida, o seu alcance e a sua projeção no campo literário. No caso de Césaire, o poema é publicado na revista *Volontés*, em 1939, mas sem sucesso. É com a descoberta ocasional do texto, em 1941, por André Breton, “*maître à penser*” do surrealismo francês, que o *Cahier d’un retour au pays natal* é publicado na revista *Présence Africaine*, em 1947, e obtém um êxito internacional. No entanto, importa salientar que o poema sofreu inúmeras transformações, como o podem comprovar as inúmeras edições publicadas: “L’histoire du poème est loin d’être simple. (...) Le *Cahier d’un retour au pays natal* pose de nombreux problèmes de lecture. Le plus évident, qui saute aux yeux de tout lecteur attentif, est la publication de plusieurs versions qui s’échelonnent le long des ans, de 1939 à l’édition dite définitive de *Présence Africaine*, de 1956” (Almeida, 2008 : 31). Segundo os estudiosos da obra de Césaire, as várias versões prendem-se com o processo de crescimento e maturação intelectual do autor, assim como a sua experiência pessoal.

O autor de “A renúncia impossível”, ao contrário de Aimé Césaire, nunca chega a conhecer o impacto do seu poema, uma vez que só é publicado postumamente, em 1982, apesar de ter sido escrito em 1949, em Coimbra. A violência do texto de Agostinho Neto e o ataque feroz ao branco nele contido e à “civilização ocidental”, assim como as consequências que poderiam advir da sua publicação, terão contribuído para o deixar inédito. Michel Laban refere, no entanto, que a versão manuscrita, à qual ele teve acesso graças a Mário Pinto de Andrade, “é anterior à publicada pelo INALD. Vários pormenores de carácter estilístico corroboram esta impressão” (Laban, 2000: 88-89). Estas pequenas alterações estão essencialmente relacionadas com a substituição e supressão de vocábulos, por forma a tornar a apreensão do poema mais imediata e menos ambígua.

Sendo este trabalho, num primeiro momento, uma reflexão sobre a evolução temática nos dois poemas, começaremos por referir a forma como cada um anuncia/apresenta o seu discurso poético. Para auxiliar essa análise, tomaremos como ponto de referência a divisão do poema de Agostinho Neto “A renúncia impossível – negação” proposta pelo professor Pires Laranjeira (1995) e a de Lilian Pestre de Almeida (2008) para o poema de Aimé Césaire. Estes dois estudiosos sugerem a divisão dos poemas em três grandes movimentos, o que nos parece fundamental considerar. No que diz respeito a “A renúncia impossível”, Pires Laranjeira subdivide o poema em: “**Introdução** (do início até “Não sou Nunca fui/Renuncio-

me/Atingi o Zero (...); **Desenvolvimento** com “uma generalização exemplificativa da vida dos outros; descrição do trabalho escravo”(…); e “**Peroração**” com “ a assunção do Nada, da Negação da existência e do mundo” (Laranjeira, 1995: 97). Lilian Pestre de Almeida, do mesmo modo, avança uma divisão em três partes baseada na metáfora da obra sinfónica: “*Le Cahier: une oeuvre symphonique et ses grands mouvements*”. A autora propõe assim três títulos: “Les ténèbres initiales ou le chant de profundis”(pp. 8-26); “La grande fosse médiane ou le blason du maquignon”(pp. 26-42); et “L’élán ascensionnel ou la croissance de l’arbre occulte”(pp. 42-65) (Almeida, 2008). Pondo de parte a vertente musical apontada, importa-nos considerar aqui o entrelaçar temático dos poemas.

Curiosamente, estabelece-se, desde logo, um paralelo entre os primeiros versos dos dois poemas com o anúncio dos desejos do eu lírico. Césaire começa com um apelo inicial, negando as forças alienatórias e maléficas, materializadas pelas instituições colonizadoras da Ordem (“gueule de flic”, “larbins de l’ordre”) e da Religião (“hannetons de l’espérance”, “punaise de moinillon”). Num momento seguinte, inicia a busca de um espaço íntimo para se poder libertar dos (“monstres”), subentendendo-se então o desejo de fuga às forças opressoras do colonialismo. Opera-se assim um movimento descendente, de regresso às origens de um eu no meio de um cenário de destruição (“dans mes profondeurs à hauteur inverse du vingtième étage des maisons les plus insolentes et par précaution contre la force putréfiante des ambiances crépusculaires”).

No *Cahier d’un retour au pays natal*, o tema da destruição surge de duas formas. Por um lado, é a destruição factual da ilha natal do eu lírico, a Martinica, que o leva a refletir sobre a condição humana negra, evocando a miséria, a fome, a exploração, a submissão e a alienação de um povo, causadas pelos colonizadores. Por outro lado, também são evocados a autodestruição, com o desaparecimento da ilha com uma erupção vulcânica (“Les volcans éclateront”) e o suicídio (“le suicidé s’est étouffé avec complicité de son hypoglosse en retournant sa langue pour l’avalér”) como atos libertadores de sofrimentos.

No seu poema, Agostinho Neto, à semelhança de Césaire, refere o tema da destruição, mas é uma destruição interior do eu lírico negro que o leva a um desejo de autodestruição (“Não creio em mim./ Não existo./Não quero, eu não quero ser”), (“Quero matar-me/ e deixar que o não-eu/se aposses de mim”), assumindo um carácter de revolta (“Mas antes vou gritar/com toda a força dos meus pulmões/para que o mundo oiça”). O tema da destruição (negação), fio condutor do poema, está obsessivamente presente e assume, à medida que se vai lendo, uma forma irónica desafiadora, quase insolente, processo irónico esse abordado com mais destaque noutra lugar deste trabalho. O motivo da revolta do eu lírico, e que o leva

à destruição, sendo imediatamente identificado, é o homem branco colonizador (“daqueles que me odeiam”), causador dos males dos negros. A justificação da autodestruição do eu lírico apoia-se na necessidade de constituir uma “novidade histórica”, pretendendo, através da negação do seu ser, elevar-se e obter um reconhecimento universal. O ato de desespero concretizado pelo suicídio de um homem negro tem uma função paradoxalmente não de negação, mas sim de afirmação/libertação, uma vez que é através da morte que ele procura desafiar a ordem mundial e lutar pelo reconhecimento internacional da raça e da cultura negro-africanas.

Tal como Césaire, Neto recorre aos factos históricos para legitimar as suas ideias e os seus atos. Césaire refere Toussaint Louverture como o primeiro herói libertador de um povo negro, o povo haitiano (“Haïti où la négritude se mit debout pour la première fois”). Do mesmo modo, na poesia de Neto, o eu lírico quer libertar-se, ele próprio, da subjugação do colonizador, proclamando o seu grito de autodeterminação (“Fui eu quem renunciou à Vida!”), o seu desejo de protagonismo e de reconhecimento internacional. Neste ponto, a convergência entre os dois textos parece evidente importando referir, no entanto, que o eu lírico não assume plenamente a mesma postura. De facto, em Césaire, o eu lírico destaca-se, acusando a subserviência do seu povo face aos colonizadores, aceitando a política de assimilação imposta, como se rejeitasse pertencer a essa comunidade. Mas, por outro lado, nasce o desejo de desempenhar um papel fulcral de representação da raça negra, como *messias*: “Ma bouche sera la bouche des malheurs qui n’ont point de bouche, ma voix, la liberté de celles qui s’affaissent au cachot du désespoir”. Vislumbra-se, inicialmente, o anúncio de um projeto individual com caráter messiânico e o sonho de aparecer como herói (“Je viendrais à ce pays mien et je lui dirais: “embrassez-moi sans crainte...Et si je ne sais que parler, c’est pour vous que je parlerai”). Mas este projeto acaba por desmoronar-se com a consciencialização da sua condição de negro, a sua impotência e pequenez face à dimensão de tal empresa. Acaba por identificar-se com a “*foule*” de quem desdenhou e reconhecer como necessário um projeto coletivo. É a referência a Toussaint Louverture que desencadeia a valorização do espaço e da herança histórica da negritude. Também no poema “Adeus à hora da largada” de Neto, surge o papel messiânico do eu lírico: “Eu já não espero/ sou aquele por quem se espera”.

Pelo contrário, nesta parte de “A renúncia impossível”, as atenções estão todas voltadas para o eu lírico, como representante de uma raça, é certo, mas, essencialmente destaca-se a ação do sujeito individual. Tudo se centra em torno desta figura que demonstra nitidamente a sua determinação e a sua raiva de agir e alterar a ordem mundial (“Quero ascender, subir/elevar-me até atingir o Zero/ e desaparecer (...) Mas antes vou gritar/com toda

a força dos meus pulmões/para que o mundo oiça”). Esse desejo de protagonismo marca nitidamente a necessidade de se assumir como guia para levar a cabo um projeto coletivo de dimensão histórica e mundial e combater o colonialismo e a exploração racial. Aliás, essa dicotomia está omnipresente no poema: entre o “eu” e o “mundo”, entenda-se os colonizadores, os brancos, entre o “eu” e o “vós”, evoluindo posteriormente o “eu” para “os negros” sempre em contraposição com o “vós”. Neste poema, a entidade coletiva não é, portanto, negada, é antes incorporada e fundida na figura individual do sujeito lírico.

Importa salientar, no entanto, que no poema “Sábado nos musseques”, de *Sagrada esperança*, Neto evoca como Césaire “as multidões passivas/esperando a hora”. Este é mais um indício de intertextualidade entre os poemas dos dois autores. Frantz Fanon propõe uma explicação para este estado de “apatia tão universalmente apontada aos povos coloniais” (Fanon, 2011). De facto, segundo o autor, a opressão implementada pelo regime colonial faz com que a cultura autóctone deixe de ser um sistema dinâmico e passe a ser “mumificada”, tirando à população a possibilidade de qualquer tipo de ação livre e voluntária.

O tema da negação do ser, mais precisamente do homem negro, apresenta-se consubstanciado, de imediato, na primeira parte dos dois poemas, no conceito de inutilidade do homem negro.

Em Césaire, o cenário inicial de desolação, de miséria e de fome na ilha da Martinica aparece como que justificado pela “affreuse inanité de notre raison d’être”, referindo assim a inferioridade racial do homem negro e a sua dispensabilidade no mundo. É ainda na evocação de um episódio na sala de aula, descrevendo os métodos violentos e inumanos do colonizador nas escolas, obrigando, de forma absurda, a criança negra faminta a professar uma crença que em nada corresponde à sua realidade, que é notória a denúncia de inferiorização racial (“Et ni l’instituteur dans sa classe, ni le prêtre au catéchisme ne pourront tirer un mot de ce négrillon somnolent, malgré leur manière si énergique à tous deux de tambouriner son crâne tondu, car c’est dans les marais de la faim que s’est enlisée sa voix d’inanition”). No entanto, o eu lírico parece culpabilizar-se pela aceitação dessa condição de inferioridade imposta pela política de assimilação, legitimada pelo colonizador (“je n’ai pas le droit de calculer la vie à mon empan fuligineux; de me réduire à ce petit rien ellipsoïdal”). O mesmo reconhece e compreende que o desejo de negação do seu povo pode servir de escudo de proteção contra a implacável força dominadora do colonizador (“l’archipel arqué comme le désir inquiet de se nier, on dirait une anxiété maternelle pour protéger la ténuité plus délicate qui sépare l’une de l’autre Amérique”).

Em Neto, é por de mais evidente o aproveitamento do tema da negação, mas a sua evolução é realizada de maneira distinta e desenvolve-se num ritmo mais intenso. A negação é marcada pela repetição de uns versos em jeito de mote/refrão vital e intencional (“Não existo”, “Não quero”, “Não sou”, “Nunca fui”). Essa atitude negativa é assumida logo de início, como estratégia, impondo prontamente marcas de ironia e denunciando o responsável, o colonizador (“daqueles que me odeiam”; “vós os que mo roubastes”). Esta ironia sugere precisamente o contrário do que é avançado e imprime uma força incomensurável à vontade de se afirmar enquanto individualidade coletiva e de viver: o eu lírico não quer de todo desaparecer e morrer, pois ele quer antes provar que a sua presença no mundo é indispensável. À semelhança de Césaire, Neto reforça, ironicamente, a ideia da inutilidade do homem negro através do sujeito poético (“quero que.../o mundo continue/como se eu nunca tivesse existido/como se nenhuma obra tivesse produzido/ como se nada tivesse influenciado na vida/como se em vez de valor negativo/eu fosse Zero”).

Ao insistir na inutilidade do homem negro, Césaire manipula o tema e transforma-o numa arma poderosíssima de (re)criação do mundo através, por um lado, da força das palavras e das ações, invocando uma certa violência, e, por outro, semeando na terra negra fértil os alicerces de uma identidade de um povo. Ele faz, para isso, referência a elementos indispensáveis à criação e à construção de uma nova realidade com a metáfora da terra como elemento fálico, símbolo de força e fertilidade (“terre grand sexe levé vers le soleil/ terre grand délire de la mentule de Dieu”), ou ainda com as “*cécropies*”, árvores tropicais da América utilizadas para fazer canalizações como parte fundamental de qualquer edificação (“terre sauvage montée des resserres de la mer avec dans la bouche une touffe de cécropies/terre dont je ne puis comparer la face houleuse qu’à la forêt vierge et folle que je souhaiterais pouvoir en guise de visage montrer aux yeux indéchiffreurs des hommes/ il me suffirait d’une gorgée de ton lait jiculi pour qu’en toi je découvre ...la terre où tout est libre et fraternel, ma terre”).

Surge assim a abordagem do tema da fertilidade, associado à sexualidade, que se manifesta como elemento motor de uma transformação. Neto retoma o tema da negação como força criadora ao longo do poema, e, apesar de no início, o aspeto da fertilidade ligado à sexualidade não aparecer tão visível, desta vez com uma conotação mais negativa, este torna-se mais evidente na segunda parte de “A renúncia impossível”.

Pretextando a sua inutilidade, na introdução, o sujeito poético apropria-se da negação para renascer também (“Quero ascender, subir/ elevar-me até atingir o Zero”). Este intuito reveste um fim previamente definido, tal como em Césaire, o de valorizar a raça negra. O

cruzamento, nos dois poemas, da dialética entre movimento ascendente e descendente reforça a ideia de vaivém de um movimento temporal entre o passado e o presente. É um movimento de verticalidade que transmite a ideia de aspiração à fuga da alienação para conquistar a liberdade do povo negro (“Haïti où la négritude se mit debout pour la première fois”). Césaire necessita de mergulhar nas profundezas do seu ser e da sua terra natal para encontrar as forças que o levarão a embarcar num projeto coletivo de libertação. Do mesmo modo, Neto eleva-se até ao zero, sai das profundezas e deixa de ser “um valor negativo” para ser “zero”, um valor positivo, (“atingi o zero”). O próprio verbo *atingir* transmite a ideia de movimento e de percurso ou travessia. Para o sujeito poético, a sua iniciativa ocorre no tempo certo para desencadear a “novidade histórica”. Esta atitude parece anunciar uma inversão da ordem mundial no relacionamento entre brancos e negros, que será explorado, posteriormente, nos dois poemas.

Uma vez que os dois poemas têm uma extensão muito díspar, sendo o *Cahier d'un retour au pays natal* muito mais longo, a exploração dos temas realiza-se de forma distinta. Neto é muito mais explícito, sucinto, explosivo, querendo, deliberadamente, que este poema, que funciona como manifesto, seja apropriado de imediato pelos leitores, por forma a sensibilizar as pessoas e iniciar a missão de libertação do povo.

Após um afloramento temático no *incipit* dos dois poemas, surgem os temas mais complexos de abordar, porque mais incómodos. No entanto, Neto, à semelhança de Césaire, através do subterfúgio da ironia, acusa, denuncia, ataca ferozmente os horrores da colonização. Contrapondo de forma desafiadora o dito e *louvável* “trabalho de civilização” dos colonizadores, a quem Césaire chama ironicamente “bienfaiteurs de l’humanité”, com as atrocidades praticadas pelo homem branco, Neto exterioriza a sua raiva.

No *Cahier d'un retour au pays natal*, o sujeito poético condena a barbárie do opressor, o seu racismo, descrevendo as suas cruéis façanhas. A dialética entre, por um lado, a suposta *legitimidade* da ação colonial e, por outro, a descrição da opressão vivida pelos negros, é uma constante. E, neste percurso pelo sofrimento, o eu lírico é levado ao limite, o que desencadeia a sua loucura, a sua sede de exortação ao ódio contra a ordem colonial (“Parce que nous vous haïssons vous et votre raison, nous nous réclamons de la démence précoce de la folie flambante du cannibalisme tenace”). É o desejo de subverter a ordem que o move (“Et vous savez le reste/ Que 2 et 2 font 5/que la forêt miaule”) e, para isso, apela ao mundo primitivo, ao feitiço, para exorcizar os seus traumas e criar um novo mundo (“voum rooh oh/ voum rooh oh/ À charmer les serpents à conjurer les morts/ voum rooh oh/ à contraindre la pluie à contrarier les raz de marée/ voum rooh oh/ à empêcher que ne tourne l’ombre”). Mas as

imagens do sofrimento e das sevícias do passado da escravatura do povo negro tornam-se obsessivas e os instrumentos de tortura (“le fouet claque comme un grand étendart”), o sangue (“Que de sang dans ma mémoire! Dans ma mémoire sont des lagunes. Elles sont couvertes de têtes de morts.”), e os negociantes de cavalos materializam-nas (“des centaines de maquignons se réunissent dans la rue «De Profundis», /dont le nom a du moins la franchise d’avertir d’une ruée des bas-fonds de la Mort.”). A crítica mordaz à crença na superioridade da raça branca é outro dos temas insistente e inexoravelmente explorado, para melhor reafirmar o absurdo de tal convicção e valorizar a identidade negra (“Non, nous n’avons jamais été amazones du roi du Dahomey (...) le seul indiscutable record que nous ayons battu est celui d’endurance à la chicotte.../ Et ce pays cria pendant des siècles que nous sommes des bêtes brutes; que les pulsations de l’humanité s’arrêtent aux portes de la négrerie”). Neste excerto, indiscutivelmente, são confrontadas duas culturas, uma branca, dominadora e exploradora, que, supostamente, luta pela evolução da civilização e outra negra, condenada à subalternidade, porque é considerada inútil e principalmente indigna do estatuto humano.

Nesta sequência, a intertextualidade é flagrante, pois Neto segue precisamente o mesmo eixo temático. Em “A renúncia impossível”, o sujeito poético denuncia a exploração humana, social e económica imposta pelo colonizador e a política de assimilação. É a partir da descrição e valorização do trabalho dos negros que o eu lírico revela as práticas imorais e os atos criminosos de violência e humilhação do homem branco, apoiando-se sempre na negação do seu ser para que tudo cesse. Certos versos referem as atividades do homem negro como serviçal em casa do colono (“Não contem comigo/para vos servir às refeições), como trabalhador forçado nas minas de diamantes (“nem para cavar os diamantes/ que vossas mulheres irão ostentar em salões”), ou ainda como responsável pela educação dos filhos dos brancos (“não contem com amas/ para amamentar os vossos filhos sífilíticos”). Esta descrição que se repete em outros versos ao longo do poema, tem duas funções capitais. Por um lado, o poeta pretende retratar o sofrimento e a subalternidade do povo negro. Mas, por outro, não é menos evidente o aproveitamento dessas exposições para reforçar e valorizar o trabalho do homem negro ao serviço do homem branco. Opera-se aqui o trabalho de desconstrução da famosa “inutilidade” do homem negro, inicialmente anunciada. Deplora-se assim que seja às custas da exploração do homem negro que os colonos construam a sua riqueza e o seu império.

O aspeto perverso da sexualidade ligado à luxúria também é recriminado com toda a veemência. Mais uma vez, os versos retratam cenas de opressão e de violência, dando conta da subjugação sexual de que as mulheres negras são vítimas: (“quando regressardes de orgias nocturnas”), (“não contem.../ nem com corpos de mulheres/ para vos alimentar de prazeres/



nos ócios da vossa abundância imoral.”), e de crimes de sangue praticados impunemente, tendo como único fim a violação (“nunca mataram pretos a golpes de cavalomarinho/ para lhes possuírem as mulheres/não tendes, nunca tivestes filhos com sangue negro/ ó racistas de desbragada lubricidade”).

Este tema coloca o problema da construção da identidade de um povo face à miscigenação inesperada e indesejada porque forçada. Como Césaire, Neto refere-se às ignomínias da escravatura e da segregação racial legitimadas pela suposta superioridade da raça branca. O sujeito poético fundamenta o seu manifesto com exemplos concretos, com provas indubitáveis do racismo do homem branco, tais como (“os letrados medrosos/que às portas de bars, hotéis e recintos públicos/ gritam o vosso egoísmo/ nas frases: “SÓ PARA BRANCOS”OU “ONLY TO COLOURED MEN”). O mesmo sente a necessidade de enumerar, de forma irónica, os crimes praticados pelos colonos e de que são vítimas os homens negros em nome de um suposto bem comum: “nunca extorquiram propriedades a pretos”; “nunca houve escravatura/ nunca houve domínio de minorias/ orgulhosas da sua força”. A referência, no poema, à organização racista do Ku-Klux-Klan não deixa dúvidas quanto aos fins a atingir pelo eu lírico: a denúncia do racismo do colonizador que quer usar e aniquilar a raça negra: “Podeis transformar em toureiros/ ou em magarefes/ os membros da Ku-Klux-Klan/ para que matem a sua fome sanguinária/.../ Não há negros pra linchar”. Assiste-se, assim, à transposição das crenças do colonizador, que consistem na animalização do homem negro como prova da sua inferioridade e inutilidade, para melhor descompor essa teoria e legitimar a luta pela libertação do povo negro. Prova dessa estratégia irónica de negação da realidade é também o insistente questionamento sobre factos concretos, como podemos verificar nos seguintes versos: “O que é a colonização?/ O que são os massacres de negros?/ O que são os esbulhos de propriedades?/ Coisas que ninguém conhece”.

Ao longo do discurso, está sempre omnipresente a raiva do sujeito poético associada à ânsia de mudança, à necessidade de revolta contra a ordem estabelecida pelo colonizador. Césaire escreve e grita: “Accomodez-vous de moi. Je ne m’acomode pas de vous!”. Neto grita e blasfema: “raios vos partam! (...) Ide para o diabo!”.

Nesta ascensão temática de crítica aos horrores da colonização, em busca de um culminar vitorioso, o da libertação, Neto diverge de Césaire num ponto, pois introduz a crítica ao sistema político branco, a democracia. Césaire fá-lo-á de forma muito mais desenvolvida, mais tarde, no seu imponente manifesto, *Discurso sobre o colonialismo*, cuja primeira versão é publicada em 1950. Em “A renúncia impossível”, Neto socorre-se deste argumento de subversão do sistema político para decompor a missão civilizadora do mundo branco. De

facto, o sujeito poético critica os protagonistas dessa missão que atuam, de forma hipócrita e falsa, em nome de supostos ideais de igualdade, respeito dos povos e das suas culturas, proclamados por instituições políticas que se reivindicam apologistas dos direitos humanos. O sujeito poético denuncia as “falsidades” da colonização e das “democracias” e critica os “sistemas socialistas ou capitalistas” que escondem os seus verdadeiros propósitos, a saber a luta “pela glória” e “pelo poder”. Neto denuncia o falso pretexto de civilizar povos inferiores usado pelos brancos para melhor os explorar a favor de interesses económicos e financeiros: “homens que construíam sistemas morais/para enquadrar imoralidades”.

Salienta-se que toda esta trajetória temática evolui em crescendo e tem como fim legitimar a luta pela valorização e reconhecimento da identidade do “povo africano”, cuja civilização o colonizador pretende aniquilar. Esta busca traduz-se, assim, no poema de Césaire e depois no de Neto, por um processo catárquico de regresso ao passado e de forte consciência do presente, para, através da estratégia da negação, invocar uma viragem histórica, a luta pela libertação do povo negro, associando sempre à fúria e à revolta a esperança de um futuro melhor: “et la vie plus impétueuse jaillissant de ce fumier”; “Abençoada a Hora/do meu super-suicídio”.

Na parte final dos dois poemas, os poetas anunciam declaradamente uma conquista, por meio do canto à raça negra, e à Negritude, em Césaire, como novo valor positivo (“ma négritude n’est pas une pierre, sa surdit  contre la clameur du jour”), e, em Neto, com a transformação da negação em afirmação (“Salvei o mundo”). A exaltação da raça negra, a consciência e o orgulho de ser negro permitem a concretização do projeto de luta pela libertação e pela independência de povos africanos. Esse desígnio está presente nos dois poemas, todavia, mais patente, em nosso entender, em “A renúncia impossível” do que no poema de Césaire. De facto, na parte “*II Afirmação*”, o sujeito poético nega a parte “*I Negação*” e justifica-se invocando “as frases loucas” e “a minha loucura”. O discurso deixa de ser irónico, é menos subversivo e passa a estar, agora, nitidamente marcado pelo apelo à luta pela liberdade: “Seguirei com os homens livres/ o meu caminho/ para a Liberdade e para a Vida”. Se depois da leitura da “*I Negação*”, restavam dúvidas quanto à intenção do sujeito poético, elas dissipam-se com a “*II Afirmação*”. De facto, ele demonstra, de forma clara, o seu engajamento e a sua força socialmente interventiva, como o comprovam os seguintes versos:

*O meu lugar está marcado  
No campo da luta  
Para conquista da vida perdida.*

*Eu sou. Existo.  
As minhas mãos colocaram pedras  
Nos licerces do mundo.  
Tenho direito ao meu pedaço de pão*

Em Césaire, é sem dúvida um apelo à libertação de um povo, mas sem consciência ainda nacionalista, é mais um movimento universal de revalorização da raça negroafricana.

O paralelismo entre os poemas é manifesto, pois opera-se uma metamorfose inicialmente anunciada, um novo nascimento, uma ressurreição. A última parte do *Cahier d'un retour au pays natal* atinge o seu auge na exaltação da raça negra. O sujeito poético liberta-se finalmente dos seus complexos de inferioridade e assume plenamente a sua identidade negra (“Ceux qui n’ont inventé ni la poudre ni la boussole...mais ils savent en ses moindres recoins le pays de souffrance” (...) “par-dessus bord mes faussetés authentiques/Mais quel étrange orgueil tout soudain m’illumine?”). A raça negra, vista até então como um valor negativo na humanidade, transforma-se em valor positivo (“vous savez que ce n’est point par haine des autres races/que je m’exige bêcheur de cette unique race/que ce que je veux/c’est pour la faim universelle/pour la soif universelle”). O movimento ascensional da consciência e do orgulho de ser negro como força criadora legítima emerge (“Et nous sommes debout maintenant, mon pays et moi, les cheveux dans le vent, ma main petite maintenant dans son poing énorme et la force n’est pas en nous, mais au-dessus de nous” (...) “la vieille négritude progressivement se cadavérise.” (...) “Et elle est debout la négraille”). Apesar do tema da negritude ser explorado de forma diferente nos dois poemas, a abordagem de assuntos comuns como a descrição do trabalho e do sofrimento dos escravos, a condenação da exploração, da opressão e do “trabalho de civilização” do colonizador é uma constante. Repara-se ainda que os termos “negros” e “pretos”, várias vezes utilizados ao longo do poema vão no sentido da estética da negritude e de valorização da raça. Também no poema de Neto, o eu lírico revela a transformação do valor negativo em valor positivo, como salvação através da interpelação (“Ó pretos submissos, humildes ou tímidos/.../ Sabei que subistes todos de valor/ atingistes o Zero/ sois Nada/ e salvastes o Homem”) e apela ao fim do ódio (“Acabou-se o ódio de raças”). No poema “A renúncia impossível”, os versos “sou o verdadeiro Cristo da Humanidade! (...) sois Nada/ e salvastes o Homem” comprovam esta identificação entre o eu lírico, que aceita negar-se para o bem do mundo, e a figura de Cristo, que ofereceu a vida para salvar o seu povo. É claro que a subtileza de Neto revela o seu génio ao utilizar uma imagem religiosa sagrada do mundo branco, para depois desconstruí-la, uma vez que é paradoxalmente através da sua morte que se constrói um novo mundo. A morte surge assim como ato purificador e redentor, como já acontecia também no *Cahier d'un retour au pays natal* (“monte lécheur de ciel/ et le grand trou noir où je voulais me noyer

l'autre lune/ c'est Là que je veux pêcher maintenant la langue maléfique de la nuit en son immobile verrition”).

## 2.2. Características da linguagem/confluência na ironia

A ironia é um método, um exercício prático para aproximar o conhecimento e a verdade. Ironizar é tornar o visível num enigma e contemplar a reacção que provoca. Pode ser usada como uma arma, como forma de julgar, por isso, provoca, muitas vezes, polémica.

Tout peuple colonisé se situe vis-à-vis du langage de la nation civilisatrice c'est-à-dire de la culture métropolitaine.

Frantz Fanon, 1952: 14

Lola Xavier, 2007: 20-21.

Paradoxalmente, é a linguagem que une e separa “A renúncia impossível” e *Cahier d'un retour au pays natal*. Agostinho Neto, na sua luta pela igualdade dos povos e na recusa da civilização e da superioridade ocidentais, opta pelo discurso prosaico. O uso da língua portuguesa, da língua do colonizador, pode ser entendido como uma provocação: utilizar a arma do inimigo para o combater.

É também através da simplicidade e acessibilidade da linguagem que o eu lírico atinge os seus objetivos, construindo um diálogo permanente entre si, representante do negro de todo o mundo, e os brancos opressores. A referencialidade do poema através de expressões como “trabalho de *civilização*”, com a palavra *civilização* em itálico, remete, sem dúvida, para o Ato Colonial de 1930, e constitui uma marca distintiva de uma linguagem que se quer promíscua, íntima do seu leitor. É uma linguagem prosaica que se imiscui no discurso poético, facilitando assim o processo de perceção e apreensão da mensagem poética. A utilização de vocativos (“ó racistas de desbragada lubricidade”) e de interjeições (“Ah!” “Viva!”) são traços de oralidade visíveis ao longo do poema de Agostinho Neto. E é este um ponto, o da oralidade, em que se pode estabelecer a interseção com *Cahier d'un retour au pays natal*. A singularidade de Césaire reside no uso alternado de uma escrita exuberante e hermética em todo o seu poema e de marcas da oralidade. O léxico varia entre expressões familiares com insultos e gritos (“Va-t-en, lui disais-je gueule de flic”), palavras raras (“verrition”), neologismos (“inattendument”) e termos científicos (“eschare”, “alexitere”). As repetições, a pontuação inconstante e as onomatopeias também impõem o ritmo da oralidade. A dificuldade de apreensão da poesia de Césaire no que toca à linguagem está tão presente que se torna premente para o leitor a utilização de dicionários. Algumas edições já optaram pela inclusão de um glossário para apoiar a compreensão do texto.

De modo a evidenciar mais claramente o contributo das características da linguagem e do discurso do sujeito poético, nos dois poemas, no apelo à luta pela libertação de um povo e na consciencialização da valorização/reconhecimento da identidade de uma raça, parece-nos fundamental retomar a divisão dos textos em três partes, proposta no ponto anterior.

Assim, começaremos por salientar as afinidades entre Agostinho Neto e Aimé Césaire na primeira parte dos poemas, que, como já foi referido, anunciam as duas um desejo íntimo: a libertação. Esse anseio é expresso pelos dois autores de forma bem distinta, cada um com a sua especificidade linguística e estilística; apesar de tudo, não podemos deixar de estabelecer paralelismos nessas divergências. De facto, Césaire, homem de letras e com um percurso académico e de investigação de renome, faz um uso “subversivo” da língua francesa, a língua do colonizador, como o sublinha Maryse Condé. Na sua opinião, a utilização de palavras raras e até a “*débauche des mots les plus rares du vocabulaire français*” (Condé, 1978: 54) deve-se à intenção de Césaire de criar uma língua que faça eco da sua qualidade de homem negro. Portanto, a apropriação *sui generis* que ele faz da língua francesa, dá conta, na sua opinião, das suas características negras para “*subvertir le français*”. A mesma adianta igualmente que a insolência linguística de Césaire não se deve relegar de forma linear à influência do movimento surrealista, como o afirmaram muitos autores. Este argumento reveste-se de uma importância significativa na medida em que Agostinho Neto opta, pelo contrário, por uma linguagem muito mais simples e acessível a todos, mas fazendo uso de uma figura de retórica, a ironia, não menos complexa e que será abordada mais à frente, que qualquer leitor menos atento poderá não assimilar e cair num mal-entendido fatal, o de crer que o sujeito poético faz a apologia do colonizador e das suas façanhas. Podemos, então, adiantar que os dois autores manipulam, manuseiam e brincam com as palavras de forma diferente para atingir um mesmo objetivo: denunciar os males da colonização. Por exemplo, para transmitir o seu sentimento de repulsa face ao estado de decrepitude, de miséria e de destruição da sua ilha, face à multidão apática perante a alienação e subjugação do homem branco, Césaire utiliza o campo lexical das patologias corporais. Os vocábulos “*petite vérole*”, “*eschare*”, “*pustules*”; “*lèpres*”; “*vomissant*”, “*scrofuleux bubons*”, “*sanies*” ou ainda “*turgescence*” são termos clínicos que traduzem, de forma imediata, o ambiente mórbido apreensível através dos sentidos da visão e do olfato. O poeta descreve a ilha e o seu povo como se fossem corpos moribundos à deriva, vítimas de doenças sem cura à vista.

Neto não passa pelo estado doentio e centra-se logo no momento do julgamento final, na negação do ser, na morte, através do uso abusivo de frases negativas sob todas as suas formas. O desejo de libertação é muito mais explícito em Neto, uma vez que, desde o início



que satisfação eu sinto”, “Não há negros nas ruas!”, “Ah oui, des mots!/(...) Ah! Mon trésor de salpêtre!”.

As formas imperativas dos verbos (“Accomodez-vous de moi”), (“Vivei satisfeitos sem “colour lines”(…) Banhai-vos descansados”) e muitas outras contribuem, de igual modo, para o cunho prosaico da linguagem. Nesta parte do poema, podemos dizer que Neto usa e abusa do imperativo para interpelar o homem branco, como se pretendesse dar-lhe ordens, operando-se, deste modo, uma inversão na hierarquia da civilização branca, sendo o negro a dar ordens ao senhor branco. Paralelamente, Césaire insiste nos verbos declarativos no presente do indicativo tais como: “je force”, “je veux”, “je refuse”, “je défie”, “je réclame”, para reforçar também a ideia de subversão da ordem e da relação dominado/dominador.

O uso das interrogações nos seguintes versos, por exemplo, (“Porque hesitais agora?(...) O que é a colonização?/ O que são os massacres de negros?/ O que são os esbulhos de propriedades?”), (“Qui et quels nous sommes?”), (“Mais qui tourne ma voix? Qui écorche ma voix?”) destaca ainda mais o caráter oral do discurso poético.

As repetições/anáforas das expressões da negação em Neto, como “nada”, “não sou”, “não contem”, “nem”, “nunca”, “nunca houve”, “não há”, “não existe” e “ninguém” podem ser interpretadas como a rejeição de um tempo e de um espaço carregados de memórias dolorosas da colonização. O eu lírico vislumbra assim a construção de um tempo e de um espaço ideais e aspira à criação de um novo mundo, com um sistema mais justo e igualitário para todos os seres humanos, independentemente da sua raça. À maneira de Césaire, é um processo catártico para legitimar a sua missão. Ao utilizar, de forma repetida e insistente, o recurso da negação, este permite-lhe obter o inverso, ou seja, afirmar. Neste caso, Neto revela e desmascara os horrores do colonialismo (“nunca mataram pretos a golpes de cavalomarinho”) e exalta a cultura negra (“não existe música negra/nunca houve batuques nas florestas do Congo”).

A estratégia das ofensas e as injúrias reflete a raiva do eu lírico contra o colonizador (“ raios vos partam!”); (“Ide par o diabo!”), (“C’est toi sale bout de monde. Sale bout de petit matin. C’est toi sale haine.”). No que se refere aos insultos no poema de Césaire, Maryse Condé considera-os como uma estratégia de libertação do mal e atribui-lhes um efeito catártico: “Nommer le mal. Détruire les inhibitions. Guérir les traumatismes” (Condé, 1978 : 55).

A oralidade continua patente ao longo do poema, de forma significativa, no uso de onomatopeias em Césaire, por exemplo, e serve para evocar o recurso a artes encantatórias de rituais negro-africanos, invocando ajuda divina e espiritual (“voum rooh oh/ voum rooh oh/

que mes cieux à moi s'ouvrent"). Pode-se relacionar esta estratégia com o recurso ao imperativo, em Neto, como meio irônico de realizar uma oração, implorando uma intervenção superior ("Acabai com as cruzadas religiosas", "Homens-irmãos/dai-vos as mãos/gritai a vossa alegria de serdes sós").

Na terceira e última parte dos dois poemas, chega-se ao culminar da viagem do herói messiânico e redentor. Neto socorre-se de vocábulos e expressões já anteriormente utilizados, insistindo, por um lado, nas frases negativas ("Eu não existo", "Não existem os pretos dos cais e dos caminhos de ferro"). Por outro lado, recorre ao apelo aos homens da sua raça através do vocativo ("Ó pretos submissos, humildes ou tímidos") e exorta à crença na salvação do homem e do mundo ("Cheguei à hora do início do mundo", "E o que é mais importante:/Salvei o mundo"). E isto tudo opera-se precisamente como Césaire, num movimento ascensional de esperança e de recurso a valores positivos como a "honestidade" e o fim do "ódio de raças", como se a caminhada iniciática tivesse chegado ao fim: "vous savez que ce n'est point par haine des autres races/ que je m'exige bêcheur de cette unique race/ que ce que je veux/c'est pour la faim universelle/pour la soif universelle". Neste ponto, de facto, o diálogo entre os textos é manifesto, pois Césaire também faz apelos por meio do vocativo ("ô lumière amicale/ô fraîche source de la lumière") e de interjeições, com carga emocional e invocatória muito forte, que, por sua vez, também têm origem nas tragédias gregas: "Eia pour ceux qui n'ont jamais rien inventé/ pour ceux qui n'ont jamais rien exploré/ pour ceux qui n'ont jamais rien dompté".

Testemunha-se, assim, que o dialogismo discursivo é tão enriquecedor para o poema de Neto como para o de Césaire e surge como uma característica intrínseca do texto literário. É a intertextualidade dentro da intertextualidade: uma espécie de *mise en abyme* dialógica. Em *Cahier d'un retour au pays natal*, o eu lírico procura assim uma forma de abençoar o povo negro na sua nova missão, transmitindo-lhe a força fulgurante do canto à raça negra: "Et elle est debout la négraille". Em "A renúncia impossível", o sujeito poético identifica-se com o coletivo da raça negra e é investido de uma força divina: "atingistes o Zero/sois Nada/ e salvastes o Homem"; "Cheguei à hora do início do mundo". À semelhança de Césaire, Neto estabelece um paralelismo através de imagens bíblicas entre a missão heróica e libertadora de uma raça e a vida de Cristo. Em *Cahier d'un retour au pays natal*, encontramos também essas referências: "Il y a encore une mer à traversée", "et pour ce, Seigneur", "monte, Colombe".

A ironia é, sem dúvida, uma incontornável estratégia de linguagem dos dois poemas. Quando ouvimos falar em ironia, sempre nos vem à mente o significado aristotélico, pelo qual a ironia é um recurso estético que possibilita a inversão do eixo de significado imediato do



texto, em outros termos, a ironia faz entender o contrário do que se diz. No entanto, o conceito de ironia não se confina a esta definição e falar de ironia como estratégia ou processo linguístico, leva-nos a refletir sobre o conceito e a reconhecer a sua ambiguidade e ambivalência. Apoiando-nos no estudo aprofundado sobre o assunto, conduzido por Lola Geraldés Xavier, em *O discurso da Ironia*, que explora minuciosamente a evolução do conceito de ironia ao longo dos tempos e analisa criticamente as perspetivas de inúmeros estudiosos, mas não só, podemos avançar que tanto Aimé Césaire como Agostinho Neto utilizam a ironia para os mesmos fins. Assim, é consensual que a ironia está originalmente ligada à oralidade, etimologicamente ligada ao questionamento e à interrogação. Essa perspetiva vem reforçar, por um lado, o carácter prosaico do poema de Neto, por exemplo, que visa a apreensão imediata do seu apelo à libertação. Por outro lado, ao uso da ironia está subjacente, como o afirma a autora, o conhecimento do contexto ao qual a mesma se refere, de modo a evitar o perigo da “descontextualização temporal”. De facto, esta ideia surge corroborada pelas referências a vários autores, nomeadamente Kierkegaard, que defende que a ironia estabelece uma relação específica com “o meio envolvente”, com um fim bem definido, o de “modificar o mundo circundante”. Pois, primeiro Césaire e posteriormente Neto, utilizam a ironia precisamente, como já foi aqui avançado, com esse objetivo, o de alterar a ordem do mundo. A autora considera ainda que a ironia “exprime sempre um julgamento crítico e moral” e isso é claramente expresso nos poemas *Cahier d’un retour au pays natal* e “A renúncia impossível”, em vários momentos, como o podemos verificar nos versos seguintes: “Je déclare mes crimes et qu’il n’y a rien à dire pour ma défense”, “J’ai lassé la patience des missionnaires/insulté les bienfaiteurs de l’humanité” ou ainda “A África foi construída só por vós/A América foi colonizada só por vós/ A Europa não conhece civilizações africanas”, “Não existem os pretos dos cais e dos caminhos de ferro”. Nestes versos, o eu lírico critica a subalternização e inferiorização do homem negro em relação ao homem branco. Ainda no que diz respeito aos indícios do uso da ironia, Lola Xavier salienta que Kierkegaard, mais uma vez, aponta o uso da negação gramatical como “material privilegiado da ironia”. Ora, esta é a tática, por excelência, mas não exclusiva, de Neto, como já o sublinhamos anteriormente. Césaire diversifica muito mais os sinais de ironia e a negação não é o seu método de eleição. É obvio que, tanto num poema como no outro, a ironia também é expressa através da pontuação e da repetição de vocábulos e expressões.

No entanto, enquanto que a ironia é uma constante ao longo de “A renúncia impossível”, vemos que, no *Cahier d’un retour au pays natal*, é algo de mais pontual, mas não menos pujante, talvez mais subtil. Neto utiliza ironicamente a autodestruição do sujeito

lírico que representa coletivamente a raça negra para desdenhar do racismo branco. O riso interior do homem negro está subjacente a todo este processo de autodestruição: “Ah!/ o meu suicídio é uma novidade histórica/ é um sádico prazer/ de ver-vos bem instalados no vosso mundo/ sem necessidade de jogos falsos”. Césaire não adota este processo, mas utiliza ironicamente e de forma incisiva algumas expressões: “au-dessus du lit, dans un pot plein d’huile un lumignon dont la flamme danse comme un gros ravet...sur le pot en lettres d’or: MERCI”. No entanto, por vezes, o seu discurso é ambíguo e deixa o leitor desarmado quando utiliza ”, por exemplo, as palavras “nègre” e “négraille” ou quando se refere *àqueles* (“ceux qui n’ont inventé ni la poudre ni la boussole/ ceux qui n’ont jamais su dompter la vapeur ni/ l’électricité/ ceux qui n’ont exploré ni les mers ni le ciel”). Estes últimos versos expressam também uma forma de desdém quanto aos brancos, posição essa reafirmada, mais adiante no poema, nos versos: “aucune race ne possède le monopole de la beauté, de l’intelligence, de la force”. Por outro lado, o poema não expressa apenas a raiva contra o colonizador, mas também contra *aqueles* que, intoleravelmente, se deixaram assimilar em silêncio, que manifestaram uma passividade, por vezes, “vergonhosa”, que não reagiram à fulgurante progressão da dominação estrangeira e que não se revoltaram perante as atrocidades do homem branco. Césaire denuncia a resignação de “martyrs qui ne témoignent pas”, de “cette étrange foule qui ne s’entasse pas, ne se mêle pas (...) cette foule qui ne sait pas faire foule”. A tática de Neto é outra, preferindo mostrar o negro apenas como uma vítima: “Ó pretos submissos, humildes ou tímidos” e focar a origem de todos os males do povo negro no homem branco, na dominação colonial.

Retomando o argumento acima proposto de que a ironia, como característica linguístico-discursiva, está intimamente relacionada com o contexto e, por conseguinte, com modelos históricos, políticos, culturais e ideológicos de uma sociedade num determinado espaço temporal, parece-nos pertinente examinar de que forma essa relação se articula nos poemas em análise de Neto e Césaire e contribui para a afirmação da identidade de uma raça. Como o sublinha Lola Xavier, “A língua não é apenas um lugar de encontro entre indivíduos de uma dada comunidade linguística, mas é condição e modo de vida social” (Xavier, 2008: 21). Portanto, quando a ironia é utilizada em determinada língua, ela reflete e transporta todo um conjunto de significados linguísticos como culturais específicos de uma comunidade. No entanto, apesar de os poemas pertencerem a literaturas diferentes, cada uma com a sua própria língua e especificidades, a sua referencialidade global é idêntica e não causa estranhamento. O leitor atento dos dois poemas conseguirá, com facilidade, identificar os processos irónicos, compará-los e relacioná-los. De facto, apoiando-nos em exemplos já avançados, parece-nos

manifesto que tanto Césaire como Neto pretendem atacar ferozmente o colonialismo e toda a ideologia e os pressupostos subjacentes à missão civilizadora legitimada pelo homem branco. Há versos que são prova dessa ironia lancinante que não deixa lugar a qualquer dúvida, tanto em Césaire (“Je ne suis d’aucune nationalité prévue par les chancelleries/ (...) Ainsi soit-il. Ainsi soit-il. C’était écrit dans la forme de leur bassin”), como em Neto (“Viva a civilização dos homens superiores/ sem manchas negróides/ a perturbar-lhe a estética!”). A ironia surge assim como um meio precioso para atingir um fim. Esta afirmação leva-nos a questionar, por exemplo, a validade e a legitimidade do uso da ironia em textos poéticos. Se atentarmos, novamente na reflexão de Lola Xavier sobre o assunto, chegamos a algumas respostas e podemos tirar algumas ilações. Partindo da génese do conceito de ironia, que já foi oportunamente abordado, a autora cita Guirlinguer que considera a ironia um apelo. Ora, a poesia é, em nosso entender, o género que serve mais facilmente esse apelo, tanto do ponto de vista formal como do ponto de vista semântico pragmático. Recordando um pouco o que foi salientado, vimos que a ironia não é apenas uma figura de linguagem, mas um método de composição poética cuja lógica está baseada numa unidade contraditória. E mesmo que o poema não tenha uniformidade estrutural nas estrofes, por exemplo, como acontece em *Cahier d’un retour au pays natal* e em “A renúncia impossível”, a unidade no sentido é uma constante.

### 2.3. A problemática do género: extensão e *narração*

O debate sobre os géneros literários encontra-se ligado a conceitos como os de tradição e mudança literárias, imitação e originalidade, modelos, regras e liberdade criadora.

Aguiar e Silva, 2008: 103

Uma das afinidades existentes entre *Cahier d’un retour au pays natal* e “A renúncia impossível” parece centrar-se, também, na questão do género. São ambos textos longos sob a forma de mensagem, acusação, relato, apelo ou ainda provocação, mas será que se podem denominar de textos poético ou líricos?

Em Neto, podemos falar de poema panfletário ou em forma de manifesto, pois não restam dúvidas de que, em “A renúncia impossível”, o eu lírico quer, antes de mais, veicular uma mensagem de sensibilização. É um apelo à ação, e, mais precisamente, à luta pela

dignificação da identidade cultural negro-africana e pela libertação do povo angolano. As características da linguagem, essencialmente a ironia, servem primorosamente o seu manifesto e a crítica violenta que subjaz a todo um modelo colonial imperialista. Apesar de nunca ter sido publicado em vida do autor, este poema enquadra-se numa literatura de protesto, de cariz revolucionário, com versos que não deixam lugar a equívocos (“quero que esta minha morte/seja uma verdadeira novidade histórica”; “o meu suicídio é uma novidade histórica”). Para além do tom acusatório, trata-se do anúncio do momento oportuno para iniciar um processo (“Cheguei à hora do início do mundo”; “E o que é mais importante:/Salvei o mundo”). A marca temporal é essencial no poema e imprime um ritmo impetuoso, revelador da premência de uma ação. À semelhança do pintor norueguês Edvard Munch, Neto lança o seu “grito”, mas não é um grito de angústia e de desespero como o do artista plástico, é antes um grito de raiva e de revolta. Neto declara-o de forma inequívoca no início do poema: “Mas antes vou gritar/com toda a força dos meus pulmões/para que o mundo oiça”.

No poema de Césaire, a crítica está claramente presente mas não se reveste, ao contrário de Neto, de um caráter panfletário. A extensão do poema corrobora este argumento, pois um manifesto ou panfleto tende a ser mais breve. O tom acusatório não deixa, apesar de tudo, de estar omnipresente. No entanto, *Cahier d'un retour au pays natal*, insere-se mais numa lógica de *poesia-teoria*, pois a abordagem do tema da colonização sob forma de denúncia lança os fundamentos de uma teoria: a da Negritude. O poema esboça uma reflexão profunda sobre a condição do homem negro, baseada numa sólida argumentação. Argumentação essa que será, anos mais tarde, retomada e desenvolvida nos ensaios do autor: *Discurso sobre o colonialismo* (1950) e *Cultura e civilização* (1956). André Breton, no seu prefácio à obra editada em livro, em 1947, fala em “poème «à thèse»” (Breton, 1983: 82). De facto, o poema de Césaire encerra um discurso argumentativo que visa uma perspetiva histórica. O eu lírico surge quase como um historiador que escreve e julga a “História” e é essa perspetiva crítica da “História” que vai fundamentar a teoria da Negritude. Todas as referências históricas do poema servem de ponto de partida para a retórica da valorização da raça negra que evolui em *crescendo* até ao momento de libertação final. Esta estratégia discursiva é forçosamente de longo fôlego e permite, por isso, entrelaçar características da prosa e da lírica.

Na abordagem da problemática do género nos poemas em análise de Neto e Césaire, subentende-se, obviamente, a dos géneros literários. Ora, nesta reflexão não se pretende entrar profundamente na vertente teórica da problemática dos géneros literários, porque é, por si só,

bastante complexa e já fruto de inúmeras investigações e continua a suscitar dúvidas e a alimentar controvérsias. No entanto, consideramos essencial debruçarmo-nos sobre alguns aspetos relevantes da problemática, de modo a poder, posteriormente, fundamentar melhor as nossas opiniões sobre *Cahier d'un retour au pays natal* e “A renúncia impossível”.

Assim sendo, e tomando por base a tese *Ensino da Literatura e a problemática dos géneros literários* da professora e investigadora Cristina Mello, que analisa claramente todas as teorias subjacentes a essa problemática, podemos avançar que o conceito de género literário tem sofrido múltiplas variações históricas desde Platão a Genette, passando por Aristóteles, Horácio, Brunetière, Croce, Jakobson, ou ainda T.S. Eliot e muitos outros. De facto, parece-nos que todas as teorizações sobre a definição, a classificação e a evolução do conceito dos géneros literários estão sempre reféns do espaço e do tempo em que são elaboradas, como o refere A. Kibédi Varga, citado por Cristina Mello, de quem perfilhamos a seguinte opinião:

menée par un souci plus logique qu'esthétique ou sociologique d'élaborer des classements nets et pertinents et de dresser une hiérarchie bien équilibrée, la critique a souvent tendance à examiner ce qui sépare les genres que ce qui les unit (...) C'est accorder au genre un statut ontologique, une 'essence' que son existence même (...) semble démentir; c'est en effet oublier qu'un genre n'existe que grâce aux autres, qui le complètent et le combattent. Les genres fonctionnent toujours para rapport à l'ensemble des autres genres en vigueur à un moment donné, et cet ensemble constitue un système (1998, *apud* Mello: 34).

Do mesmo modo, concordamos com os princípios de classificação de Paul Hernadi também lá apresentados: “ a importância da teoria de Paul Hernadi para o estudo da problemática dos géneros deve-se, em primeiro lugar, à sua sistematização de princípios que regulam os modos de representação literária e, em segundo lugar, à articulação estabelecida entre os conceitos utilizados e a conceção da literatura e dos textos literários como fenómenos artísticos que veiculam uma particular visão do mundo” (Mello, 1998: 46).

A partir da conceção de géneros literários sugerida por estes estudiosos, conseguimos legitimar a noção de *hibridismo* que caracteriza os textos literários de Neto e Césaire. Falamos agora em texto literário e não em poema intencionalmente, porque classificar, por exemplo, *Cahier d'un retour au pays natal* de poema suscita, ainda hoje, para alguns leitores, interrogações e levanta dúvidas. Sem partir para a sua estrutura e as características formais intrínsecas, por exemplo, o título *cahier* gera, de imediato, questionamento e hesitação. No caso do texto de Neto, “A renúncia impossível”, o problema já não se coloca, a nosso ver,

pelas mesmas razões. Pois, se o leitor reconhece facilmente características formais e linguísticas próprias ao gênero lírico, no texto de Neto, as hesitações poderão surgir, num segundo momento, o da interpretação e da apreensão da mensagem. Paul Valéry num ensaio publicado em 1935 que tem por título *Questões de poesia* refere, a propósito de poetas como Verlaine, Mallarmé et Rimbaud, que a poesia reveste inúmeras formas: “A extrema diversidade de suas obras, aliada à variedade de modelos oferecidos pelos poetas da geração precedente, permitiu e permite conceber, sentir e praticar a poesia em uma quantidade admirável de formas muito diferentes” (Valéry, 2007: 170).

A propósito de um exame autorreflexivo sobre a poesia, parece-nos pertinente transcrever alguns versos de dois poemas de Ferreira Gullar que teorizam sobre o gênero poético. No poema “A Poesia”, por exemplo, o eu lírico questiona-se, nos primeiros versos, sobre a essência da poesia: “Onde está/ a poesia?/ Indaga-se/ por toda a parte./ E a poesia/ vai à esquina/ comprar/ jornal./ Cientistas/ esquartejam/ Púchkin e/ Baudelaire./ Exegetas/ desmontam a/ máquina da/ linguagem./ A poesia ri”. No poema “Subversiva”, o eu lírico indaga mesmo sobre a técnica poética e afirma: “A poesia/ quando chega/ não respeita nada./ Nem pai nem mãe”. É precisamente na perspectiva destes versos que se enquadram os poemas de Neto e de Césaire, ou seja, a de que as teorias nem sempre dão conta da dimensão de um gênero literário, neste caso do lírico, e de que as exceções confirmam sempre a regra.

Longe de querer traçar uma lista exaustiva das características da linguagem poética e verificar se tanto um poema como outro as contém, interessa-nos antes perceber se um poema que tem algumas características pertencentes a outro gênero deixa por isso de ser poema. Estamos neste caso a falar especificamente das vertentes da extensão e da narração que podem pôr em causa o gênero do texto.

A extensão é logo uma particularidade que leva o leitor a questionar-se; no entanto, a dúvida torna-se mais persistente com *Cahier d'un retour au pays natal*, com 65 páginas, na edição de bolso da Présence Africaine, do que para “A renúncia impossível”, com 11 páginas, na edição de Michel Laban. Importa, aliás, referir, que, de um ponto de vista teórico, a extensão de um poema lírico não constitui um fator distintivo do gênero lírico, apesar da criação de poemas muito longos não ser muito comum. Edgar Allan Poe tece algumas considerações no seu ensaio *A filosofia da composição* sobre, por um lado, os processos de composição de uma obra e, por outro, sobre o problema da extensão, que considera essencial. O autor submete-se aliás a um exercício de autoanálise de composição do seu poema “O Corvo”, indicando passo a passo *o modus operandi* escolhido. Assim, ele revela, no que concerne à extensão, que “Parece evidente, pois, que há um limite distinto, no que se refere à

extensão para todas as obras de arte literária” (Poe, 1999: 136-137), afirmando categoricamente:

Dentro desse limite, a extensão de um poema deve ser calculada, para conservar relação matemática com seu mérito; em outras palavras, com a emoção ou elevação; ou ainda em outros termos, com o grau de verdadeiro efeito poético que ele é capaz de produzir. Pois é claro que a brevidade deve estar na razão direta da intensidade do efeito pretendido, e isto com uma condição, a de que certo grau de duração é exigido, absolutamente para a produção de qualquer efeito (Poe, 1999: 137).

Ora, esta afirmação não invalida que a extensão dos poemas de Césaire e de Neto não seja equilibrada, uma vez que é a adequada a cada um dos poemas para atingir os seus fins. No caso de “A renúncia impossível”, como o poema só foi publicado postumamente, e como ainda não lhe foi dado o devido valor, o alcance não foi o mesmo de *Cahier d’un retour au pays natal*, que, apesar de não lhe ter sido atribuído o devido valor aquando da sua primeira publicação, foi reconhecido, e ainda hoje o é, como um poema fundador fundamental do movimento da Negritude, em França.

Partindo dos elementos distintivos do poema lírico como o verso, a disposição gráfica, o ritmo e a revelação do eu lírico, talvez surjam diferenças entre os dois textos. De facto, “A renúncia impossível” é, à primeira vista, transparente e permite identificar facilmente, pela disposição gráfica do texto, os versos, o ritmo e a expressão do eu lírico. Já em *Cahier d’un retour au pays natal*, o reconhecimento dos elementos líricos não é tão evidente e um leitor mais distraído poderá ser induzido em erro e levado a não o considerar um poema. Pois, existe em *Cahier* uma relação intrínseca entre o eu lírico e a necessidade de descrever o real físico e social. A narração imiscui-se na poesia, ou inversamente, ao longo do poema. Versos e parágrafos, ou talvez estrofes ou estâncias, convivem alegremente, atordoando o leitor que tenta encontrar *repères* consistentes. Com efeito, existem longas sequências versificadas sem rimas intercaladas com parágrafos em prosa tanto para descrever a decrepitude da paisagem da sua ilha natal como para denunciar o colonialismo. Lilian Pestre de Almeida opta por falar em “*laissez*” e não em versos, o que estabelece uma relação com os poemas medievais e as canções de gesta. Será isto para Césaire uma maneira de recusar a poesia convencional? Parece bem que sim, pois Aimé Césaire quer criar poesia como *étudiant noir*. A propósito de *Cahier d’un retour au pays natal* constituir uma rutura com a poesia francesa tradicional e da sua definição de “*anti-poème*”, Claudine Richard avança que Césaire reconhece que o poema é “um ato de rebelião” (Richard, 1995: 61). Mas, apesar da sua extensão invulgar, da ausência de rimas, da utilização irregular de versos e da introdução de um discurso narrativo, o poema oferece-nos uma riqueza sem par de recursos específicos da escrita poética: metáforas, imagens, aliterações, assonâncias, anáforas e muitos outros. São inúmeras as sequências que

exemplificam o uso dos recursos acima identificados. Na segunda parte do poema, por exemplo, mais precisamente quando o sujeito poético exprime a sua raiva e sofrimento ao evocar os negreiros e o tráfico de negros, a repetição das palavras como *mémoire*, *sang* et *lagunes* e o uso das aliterações permitem narrar os horrores da escravatura e imprimir um ritmo dolente e obsessivo que remete para a presença da morte: “Que de sang dans ma mémoire! Dans ma mémoire sont de lagunes. (...) Dans ma mémoire sont des lagunes. (...) Ma mémoire est entourée de sang. Ma mémoire a sa ceinture de cadavres!”.

Numas páginas adiante, são descritos, através também de aliterações, as ignóbeis condições dos negros escravizados à mercê do ódio dos brancos e do seu infame complexo de superioridade civilizacional. A repetição dos sons, aliada à força referencial das palavras, possibilita uma descrição não só sonora, como visual e sensorial arrepiante: “J’entends de la cale monter (...) les hoquettements des mourants, (...) les abois d’une femme en gésine...des raclements d’ongles cherchant des gorges”.

Em “A renúncia impossível”, também não faltam elementos narrativos e descritivos que servem de pretexto à revelação da revolta do eu lírico. Em vez de parágrafos em prosa, Agostinho Neto opta pelo verso para descrever o trabalho escravo e referir, em forma de síntese, a opressão exercida pelo homem branco sobre o negro, ao longo dos tempos. São exemplo disso os seguintes versos: “Não contem comigo/para vos servir às refeições/nem para cavar diamantes/que vossas mulheres irão ostentar em salões/nem para cuidar das vossas plantações/de café e algodão/nem com amas/para amamentar os vossos filhos sífilíticos”. Pois se, no seu poema, Césaire opta por introduzir uma espécie de narração e privilegia o verso livre, tais escolhas não o excluem do género lírico. Da mesma maneira, se Neto impõe uma vertente mais descritiva e *narrativa* à sua poesia, construindo uma linguagem versificada muito própria, isso também não faz dele um poeta menor ou da sua poesia, sequer periférica. Bem, pelo contrário, ambos recuperam modos da épica da Antiguidade, ou, por outro lado, ajustam-se à noção moderna de “poema em prosa”.

Sobre a noção de “poema em prosa”, importa mencionar as reflexões de Michel Murat, que afirma que os estudiosos dos géneros literários não encontram argumentos para enquadrar num único género “as formas instáveis” da poesia como os poemas em prosa. E, apesar do termo “poema em prosa” ter as suas origens no século XIX, com a publicação póstuma da obra de Baudelaire *Petits poèmes en prose*, e ter gerado alguma crítica e polémica, a questão genológica só será teorizada em meados do século XX (Murat, 2007). Barbara Johnson reforça também esse aspeto das dificuldades dos críticos da história literária em aceitar e teorizar o conceito de “*poème en prose*”, uma vez que ele põe em causa os conceitos clássicos



dos géneros literários e traduz um momento de crise dentro do sistema literário. E, de modo a apresentar uma tese que valide o conceito de “*poème en prose*”, a autora aventura-se a considerá-lo como “*défiguration poétique*” com base na comparação entre dois poemas de Baudelaire sobre o mesmo tema, um em verso “*La chevelure*” et outro em prosa “*Un hémisphère dans une chevelure*” (Johnson, 1976: 450-465). Ora, Murat refuta esse argumento, apesar de o considerar pertinente, dado que “*cette thèse extrapole les propriétés du genre à partir d’un corpus manifestement trop étroit*”. Michel Murat lembra ainda a época da denominada “*La crise du vers*”, sobre a qual medita Mallarmé, e que abre o caminho ao verso livre, época essa enriquecedora e profícua para a lírica, em que continuamos mergulhados.

Em suma, podemos considerar que os momentos de crise na evolução das formas literárias refletem o seu dinamismo e a necessidade que encontram, ao longo dos anos, em se adaptar a novas realidades. Esta afirmação não significa que essa evolução se faça de forma caótica, menosprezando e desrespeitando as formas clássicas ou ditas canónicas, mas salienta, antes de mais, que o sistema literário é um sistema semiótico vivo, aberto, plurissignificativo, porque imbuído de indeterminação semântica, e heterogéneo, visto que é regido por uma diversidade de códigos.

Esta questão leva-nos, portanto, a relacionar e a articular a problemática dos géneros com a não menos controversa universalidade das obras clássicas e o conceito de obra canónica. Discussão essa abordada por inúmeros estudiosos desde a Antiguidade Clássica até aos nossos dias. Don Fowler, na sua obra *Roman Constructions: Readings in Postmodern Latin* (2000), encaminha a sua reflexão, por exemplo, para os elementos estruturais do texto clássico entendido como “um todo orgânico e redondo, simplex et unum [‘simples e único’]”, no qual as tensões acumuladas são dissipadas, sendo encontrado um equilíbrio como forma de libertação. É a circularidade estrutural do texto clássico que lhe confere um estatuto de superioridade, de poder, e de perenidade, podendo desafiar o tempo numa relação de domínio da circularidade temporal. Retoma-se, assim, o problema dos géneros, questionando a possibilidade de o equilíbrio e a ponderação serem mais fáceis de atingir em determinados géneros, o que não implica única e exclusivamente características de ordem estética ou estrutural. Pois não podemos esquecer que a instituição literária, enquanto autoridade incontornável de legitimação de um cânone nacional e das suas obras clássicas, torna-se responsável pela produção de metatextos e reflexões axiológicas e hermenêuticas, com normas a seguir, num determinado espaço temporal. Com efeito, ela opera como um mecanismo que impõe valorações e valida interpretações. No entanto, paradoxalmente, a instituição literária cria, assim, os seus próprios limites, o seu “sistema fechado”, em torno do

qual toda uma comunidade gira, não admitindo qualquer tipo de ingerência, em nome de um bem comum: a sobrevivência da literatura e a preservação de uma memória cultural e identitária.

Ora, é precisamente em torno desta questão de afirmação identitária e cultural que se centram os poemas de Césaire e de Neto e sobre os quais qualquer tentativa teorizante eurocentrista se torna falaciosa e tendenciosa. Apesar de os poetas estarem imbuídos de influência europeia, porque os dois fizeram os estudos superiores na metrópole, no território do colonizador, um em França e outro em Portugal, os seus longos poemas *narrativos* reivindicam, com um estilo próprio, como já vimos antes, a identidade cultural de povos negros de origem africana.

### Parte III A DIMENSÃO CULTURAL E O ALCANCE PEDAGÓGICO DO POEMA

Se a Literatura não for cultivada na Escola, de forma sensata e eficaz, a sua implementação na sociedade tenderá para se desvanecer: primeiro, enquanto actividade viva e, logo depois, enquanto base patrimonial e identitária.

José Augusto Bernardes, 2010

Legitimar a proposta do estudo de “A renúncia impossível”, de Agostinho Neto, na disciplina de português do ensino secundário em Portugal, mais precisamente no 10º ano de escolaridade, com base em argumentos que apontam para a dimensão cultural do poema e o seu alcance pedagógico, não é, de todo, um tarefa pacífica e pode parecer até, para muitos, uma provocação. Consideramos isso, porém, um desafio que vale a pena lançar para não deixar o ensino da literatura anquilosar-se pelo comodismo e por espíritos conservadores sempre prontos a contestar a introdução de novos autores nos programas de Português, invocando as mais variadíssimas razões, esquecendo, no entanto, de revelar a principal, ou seja, os interesses particulares, económicos, ideológicos, culturais ou políticos. Porque o ensino da literatura e a leitura de textos literários abrem as mentes e agitam consciências, apesar de, hoje em dia, vigorar a ideia de que a literatura e o ensino das humanidades estão a passar por uma “caminhada no deserto”, ou de pretender fazer crer que assim é, dado que assim convém, certo sendo que o estudo de textos e obras de certos autores incomoda grupos, colide com interesses, contraria preconceitos. Esta afirmação pode parecer excessiva ou até despropositada, mas basta uma leitura atenta dos programas de língua portuguesa e de português, assim como dos manuais escolares, para verificar que certos autores têm lugar vitalício garantido. Não queremos, de todo, questionar o estudo desses autores, importa antes compreender por que motivos alguns autores são banidos. Estamos conscientes de que é impossível abordar todos os autores dignos de interesse; no entanto, parece-nos essencial apresentar sugestões de leitura de obras variadíssimas. É inegável que, nos últimos anos, houve um esforço no sentido de introduzir um maior número de textos de autores de língua portuguesa nos programas e no Plano Nacional de Leitura, mas de facto, persistem ainda algumas lacunas. Por que razão a poesia de Agostinho Neto nunca é proposta para análise e nem sequer Neto é indicado como poeta angolano de língua portuguesa de referência?

Certas vozes surgirão, com certeza, e tentarão apresentar explicações, mas, até à data, ainda ninguém justificou de forma argumentada e com bom senso essa opção. José Eduardo Agualusa, por sinal também autor angolano, avançou o infeliz epíteto de “mediocre” para

qualificar a poesia de Agostinho Neto, numa entrevista ao jornal *Angolense*, em 2008, apresentando um juízo de valor gratuito e sem fundamentação. Após alegar o direito à liberdade de expressão, na sequência das críticas de que foi alvo com as suas declarações sobre Agostinho Neto, Agualusa revelou, mais uma vez, que a sua apreciação crítica não se baseou em argumentos específicos e técnicos do âmbito da literatura, mas apenas numa opinião generalista leviana. A sua crónica “Encantamentos” (anexo III), proposta aliás para interpretação num teste intermédio de Português de 9º ano, a 07/02/2013, em que denigre deliberadamente a poesia de Neto, é reveladora de um juízo crítico depreciativo infundado. Não querendo entrar mais pormenorizadamente nessas polémicas que já fizeram correr muita tinta e que continuam a desencadear reacções diversas, tanto em defesa de Agualusa como em defesa de Neto, interessa-nos compreender, e voltamos a insistir neste ponto, por que razão existe uma declarada intenção de menosprezar Agostinho Neto como poeta. Será que os inúmeros estudiosos da obra de Agostinho Neto pelo mundo inteiro, e, portanto, especialistas e investigadores afamados na área dos estudos literários, estão todos equivocados? Será que Joyce Lussu traduziu poemas de Neto em *Com occhi asciuttina*, edição Saggiatore de 1963, porque não percebe nada de poesia? Será que alguns poemas de Neto terão sido inseridos *par mégarde* na antologia cubana “Arcoiris Negro, yo también canto a América”, em 2012, ao lado de autores como Guillén, Hughes, Césaire e Senghor? Será que a qualidade literária dos poemas de Neto é posta em causa, porque a mensagem da sua lírica contra o colonialismo desconcerta? Ou será porque existe a tentativa de responsabilizar Neto pelas terríveis consequências do golpe de estado do 27 de Maio de 1977, factos estes que permanecem ainda obscuros e que carecem de provas? Não será Neto um autor “clássico” segundo os padrões literários vigentes? Tendo já sido apelidado de poeta “mediocre”, Neto terá sido relegado para a periferia da literatura? Na nossa opinião, a obra de Neto transcende as criações oportunistas e as polémicas. Como já foi referido em partes anteriores, a obra do poeta tem valor literário digno de ser analisado e estudado por adolescentes e pode ajudá-los a formarem-se enquanto cidadãos e a atingir alguns dos objetivos traçados pelo programa de português do ensino secundário, a saber: (p. 52)

- reconhecer a dimensão estética da língua;
- contactar com autores do Património Cultural Lusófono;
- desenvolver a capacidade de autoanálise, conhecimento e aceitação do outro.

De facto, Neto é um autor que não reúne unanimidade e que tem os seus detratores, mas quantos não são os autores portugueses e estrangeiros que se encontram na mesma situação? A entrada de Césaire no programa de Francês do 12º ano em 1994, com a proposta

do estudo do seu texto *Discours sur le colonialisme*, por exemplo, também foi amplamente criticada e muitos foram os indignados que afirmaram ser impensável propor o estudo de um texto “anti-francês”. O certo é que, em 1996, Césaire foi substituído por Aragon, outro autor francês não menos controverso devido às suas convicções políticas, mas foi rapidamente recuperado e, ainda hoje, tanto esse texto, como o *Cahier d’un retour au pays natal*, e muitos outros, figuram no programa de Francês do ensino secundário e são diversos os livros de análise da sua obra. O poeta foi, aliás, homenageado recentemente, mais precisamente em 2011, e foi reconhecido o seu valor a nível nacional, com honras de estado, tendo sido colocado o seu nome no Panteão, em Paris.

No caso de Agostinho Neto, a tarefa de reconhecimento e de valorização da sua obra torna-se árdua, na medida em que não se trata de um autor português, mas sim de um autor angolano. Mas muitos dir-nos-ão que este não é um argumento válido, dado que o programa também contempla o estudo de autores estrangeiros de língua portuguesa, inclusive angolanos. No caso específico da abordagem de textos de poetas do século XX, no 10º ano, por exemplo, no domínio de “Textos expressivos e criativos” (referência ao programa), surge a orientação da breve exploração de textos de literatura portuguesa e literaturas de língua portuguesa. O mesmo acontece no domínio de “Textos narrativos e descritivos”, como o confirmam estes excertos do programa (p. 36):

Textos expressivos e criativos

– Leitura literária: poesia lírica

. Poetas do séc.XX – breve antologia (literatura portuguesa e literaturas de língua portuguesa)

- (modos/gêneros líricos; convenções poéticas; ritmo; sonoridades; elementos estruturadores de sentido)

Textos narrativos e descritivos

– Leitura literária: contos/novelas de autores do séc. XX (seleccionar dois contos/novelas, um/uma de literatura portuguesa/literaturas de língua portuguesa e um/uma da literatura universal)

- (modo/gênero; organização do texto; ordenação da narrativa; construção dos sentidos)

Mas Agostinho Neto não é um autor angolano qualquer. Ele é, como o define Pires Laranjeira, no artigo “Agostinho Neto não é um poeta medíocre”, “o poeta da libertação e do povo, o **poeta nacional angolano**, representando para Angola o que Rosalia de Castro representa para a Galiza, Withman para os Estados Unidos ou Nazim Hikmet para a Turquia”. E este é, em nosso entender, precisamente a razão que o leva a ser preterido não do programa, porque este é abrangente e demasiado evasivo na referência ao *corpus* a explorar, no 10º ano por exemplo, mas sim dos manuais adotados. As editoras têm, portanto, aqui, um papel fundamental que importa referir e analisar. Ao contrário, nos 11º e 12º anos, os conteúdos da competência da

leitura estão claramente definidos no programa e apontam para o estudo de autores específicos. No 11º ano, os autores contemplados são o P<sup>e</sup> António Vieira, Almeida Garrett, Eça de Queirós e Cesário Verde. No 12º ano, os autores de leitura obrigatória são Fernando Pessoa e os seus heterónimos, Luís de Camões, Luís de Sttau Monteiro e José Saramago.

Este nosso desafio leva-nos, portanto, a refletir sobre, por um lado, o programa de português no ensino secundário e os manuais escolares, por outro, sobre a questão da gestão do cânone, para poder, por fim, propor uma leitura inferencial do poema “A renúncia impossível” e destacar o seu valor cultural e alcance pedagógico.

### **3.1. “A renúncia impossível”: entre cânone e periferia, um não-lugar**

A literatura não se ensina, tudo o que podemos fazer é fornecer instrumentos mentais para formar o leitor.

Jacinto do Prado Coelho, 1976

Numa era dominada pelo utilitarismo compulsivo e pelos critérios de benefício e lucros imediatos, importa refletir sobre a utilidade de muitas atividades humanas. A área da Educação não está imune a essa corrente devastadora e as práticas pedagógicas sofrem as consequências de uma necessidade premente de explicitar aos alunos os objetivos a atingir e as competências a desenvolver. Será este o caminho a privilegiar para uma escola que pretende formar cidadãos autónomos e livres? Centrando a nossa atenção especificamente na atividade da leitura, entenda-se leitura literária como prática pedagógica que encerra inúmeras potencialidades, parece-nos importante identificar essas potencialidades e compreender o modo como podem ser úteis para o leitor e para a sociedade na qual o mesmo se insere. O exercício complexifica-se ainda mais se restringirmos a prática de leitura aos “clássicos”. Assim, propomos uma reflexão sobre a utilidade da leitura dos “clássicos”. Interessa-nos abordar, por um lado, a problemática da definição dos conceitos de “clássico” e “utilidade”, por outro, a leitura de textos clássicos como ato educativo e social, para, finalmente, analisar o ato de leitura do “clássico” como algo de individual e *egocêntrico*, tentando perceber o lugar dos textos e das obras que não são “clássicos”. Parece-nos pertinente conhecer os argumentos de alguns estudiosos na área para poder legitimar a leitura de obras que não fazem parte do “Cânone”, e, portanto, são rejeitadas por não obedecerem e/ ou corresponderem aos padrões estéticos e literários vigentes em cada época, mas que devem, no entanto, ser valorizadas. A literatura dita de periferia ou “periférica” é considerada subversiva e insipiente, mas também

essencial à sobrevivência do “Cânone”, ajudando-o assim a destacar-se. É menosprezando uma literatura nova e diferente que as obras clássicas se afirmam e perduram no tempo, não deixando o espaço para outras se insinuarem. Esta situação verifica-se, por exemplo, com o estudo, em Portugal, de algumas obras africanas de língua portuguesa, nomeadamente com a obra de Agostinho Neto, que, apesar de ser considerada canónica em Angola, é preterida a favor de outros escritores como Ondjaki e Agualusa. Não se trata de menosprezar o talento de uns em detrimento de outros, como alguns escritores já fizeram; pretende-se entender as razões da inclusão ou exclusão de certos autores no corpus de textos a estudar pelos alunos portugueses.

Definir conceitos é sempre um exercício delicado e perigoso, na medida em que se parte, quase sempre, de ideias pré-definidas. A profusão de definições que surgiram, ao longo dos tempos, é bem disso exemplo. No que concerne a “clássico” e “utilidade”, são dois termos que abrangem uma vasta área semântica e que remetem para realidades distintas, mas que se podem interrelacionar no campo da literatura. A polémica em torno da definição do conceito de “clássico” não é recente, muito pelo contrário, o que indicia a dificuldade de tal empresa. No entanto, parece ser consensual que o termo evoluiu ao longo dos tempos e que é impossível estabelecer uma definição imutável e universal. Poderá ser, nesse caso, legítimo avançar que “clássico” é um conceito temporal e espacialmente limitado. Neste ponto, surge o paradoxo, pois se o termo “clássico” se refere a obras de carácter intemporal e universal, logo as suas características não podem ser variáveis. Sendo assim, a peculiaridade da obra “clássica” deve-se a características intrínsecas que lhe conferem um carácter valorativo universal. Ora, este argumento também é discutível, uma vez que se torna, de igual modo, difícil proceder à definição de valores universais. A questão de valores universais é falaciosa, pois remete para valores éticos, morais, culturais e sociais próprios de uma sociedade e que se definem, antes de mais, pela contingência histórica e política. O que importa aqui ressaltar é que, se de facto um conjunto de obras literárias perdura no tempo, é porque elas possuem especificidades que transpõem, de forma subliminar, essas determinações. Alguns críticos referem o valor estético do “clássico”, outros ainda advogam as suas potencialidades formativas. Ora, presentemente, tendo por base o processo cognitivo da leitura, convém não menosprezar o poder do leitor, como elemento participativo e ativo no ato hermenêutico. E, apesar da instituição literária tender a impor valorações e validar interpretações, regulando e limitando a liberdade interpretativa, o leitor detém um poder significativo, na medida em que ele cria as suas próprias necessidades individualistas, esquecendo, frequentemente, que vive em sociedade.

A crítica literária tem-se debruçado amiúde sobre o alcance educativo do fenómeno na sociedade atual e sobre a sua legitimação enquanto atividade útil ao humano. A questão da utilidade da leitura dos “clássicos” é controversa. De facto, de um modo geral, e numa perspetiva mais materialista, o que torna uma atividade útil é a necessidade dela. A interrogação que surge então é: que necessidade justifica a leitura dos “clássicos”? É certo que, nessa perspetiva, a leitura literária não é a resposta a uma necessidade imperiosa, entenda-se, de sobrevivência, pois a utilidade costuma estar associada à produção de um bem ou serviço para usufruto imediato ou para a solução de um problema. Será a literatura uma realização inútil, supérflua, quando as necessidades mais elementares estão satisfeitas? Neste ponto, Antonio Candido no seu ensaio intitulado “O direito à Literatura” (2004: 11-33), apropria-se das noções do sociólogo francês Padre Louis-Joseph Lebret, de “bens compressíveis” e “bens incompressíveis”, sendo que estes últimos são “os que não podem ser negados a ninguém”, “não apenas os que asseguram sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual”. Partindo deste pressuposto, a leitura dos “clássicos” ganha relevo, utilidade e até uma maior amplitude, atribuindo-lhe um poder significativo. A literatura, enquanto fenómeno cultural realizado pelo ser humano, surge como resposta a uma necessidade imediata, como a busca de um espaço de alheamento da realidade, permitindo o desenvolvimento de competências cognitivas como a criatividade e a imaginação. A literatura é um fenómeno subversivo que nasce da inquietude humana. O que perturba muito a compreensão do fenómeno literário como tal é o facto de não haver visibilidade dessa utilidade, ou seja, a vertente pragmática. A leitura de textos literários e, mais especificamente, dos “clássicos”, exige efeitos visíveis na sociedade, tem de contribuir de forma significativa para a educação e a formação de cidadãos esclarecidos e informados. E esses contributos devem servir os interesses educativos, culturais e políticos de uma sociedade. É na área da Educação que a utilidade da leitura dos “clássicos” tem um espaço significativo e se apresenta como instrumento privilegiado na construção da identidade e da memória cultural de um país. Mas serão os “clássicos” os únicos a deterem esse poder? Se a qualidade literária de determinada obra for formal e oficialmente reconhecida com base em estudos sérios, não será qualquer obra potencialmente apta a produzir esses efeitos no leitor? Retomando o caso específico da obra de Agostinho Neto e debruçando-nos, por exemplo, sobre o poema “A renúncia impossível”, parece-nos indubitável que, sendo um poema engajado na luta anticolonial e pelo direito à autodeterminação do povo angolano, tem um papel educativo e formativo do cidadão, na medida em que contribui para a emancipação histórica, cultural e



política de um povo. Seguindo estes pressupostos, o poema pode integrar a lista dos “clássicos” ditos universais.

Inúmeros são os autores, estudiosos e críticos que sustentam, à semelhança dos humanistas, que a leitura dos “clássicos” tem, antes de mais, um caráter formativo e que são um modelo para as gerações vindouras. Este pressuposto assenta na ideia basilar do “clássico” como referência a nível linguístico, retórico, semântico e cultural. A escola assume assim um papel crucial nesse processo formativo, uma vez que é na sala de aula, e mais propriamente na de Português, que o texto literário e os “clássicos” são lidos e estudados. Aguiar e Silva corrobora a ideia de performatividade do texto literário no ensaio que tem por título “Teses sobre o ensino do texto literário na aula de Português” (Silva, 2010: 207-216). O autor defende que os textos literários a estudar na aula de Português devem ser “*textos canónicos*: textos modelares pela utilização da língua portuguesa, pela beleza das formas, pela densidade semântica, pela originalidade, pela riqueza e pela sedução dos mundos representados.”. Ele assume, de forma inequívoca, que o texto literário tem uma função educativa e cultural importante na formação dos alunos. Aguiar e Silva considera também que o acesso a esta formação literária e estética não deve ser restrita a elites (“A formação o desenvolvimento da sensibilidade e do gosto estéticos não são um luxo, um privilégio ou um adorno supérfluos”) e, nesse ponto, a sua opinião converge com a de Antonio Candido. No entanto, os dois autores não têm a mesma conceção de literatura. Antonio Candido apresenta uma definição muito abrangente de literatura, pois abarca um número amplo de produções escritas desde a mais erudita à mais popular, enquanto que Aguiar e Silva é da opinião de que “a relativização pragmática do conceito de literatura e do conceito de texto literário impede a conceção clássica do texto literário como um texto atemporalmente belo e normativo na sua forma de expressão e na sua forma de conteúdo”. No entanto, o mesmo reconhece que uma conceção demasiada classicizante do cânone tanto pode ser enriquecedora como destrutiva, dado que a incidência pedagógica na complexidade de aspetos formais pode afastar os alunos dos “clássicos”, relegando-os para a inutilidade. Neste ponto, corroboramos a opinião de Antonio Candido, na medida em que a noção de clássico exclui o desvio à norma tão enriquecedor. Quantos não foram os autores surrealistas, hoje fazendo parte do “Cânone”, que quiseram intencionalmente desviar-se da norma com a escrita automática, só para citar este exemplo, renunciando ferozmente à obediência cega às regras predefinidas e recusando conformismos? Podemos então depreender que a permanência das obras no “Cânone” não depende apenas das suas qualidades artísticas. É por isso fundamental o trabalho de recuperação de autores esquecidos ou banidos, promovendo a leitura ou releitura de textos considerados menores. No

entanto, e para legitimar o estudo de “A renúncia impossível”, importa ressaltar que o poema evidencia qualidades estéticas e literárias inquestionáveis, nomeadamente a utilização da negação e da ironia como estratégias retóricas e discursivas, como já foi referido. O uso da linguagem coloquial não pode ser apontado como argumento para desvalorizar a poética de Neto, uma vez que assume nítida e conscientemente a expressão de revolta do eu lírico. O poema de Neto torna-se um estudo de caso interessante, na medida em que, sendo um texto poético “engajado”, as suas características e as suas qualidades estéticas e formativas têm de ser analisadas e interpretadas à luz do contexto histórico e cultural da época.

Ainda no que se refere à função formativa da literatura, Antonio Candido salienta que esse processo opera à margem de “convenções”, falando mesmo de “factor de perturbação e de risco”. Verifica-se, mais uma vez, que o papel do professor é fundamental na prática da leitura literária. Importa ainda referir a “função humanizadora” da literatura apontada por Antonio Candido. Ele avança, de forma destemida, uma explicação fundamentada numa lógica de reflexão sobre a vida, as emoções e na capacidade da literatura desenvolver nos leitores competências sociais indispensáveis e os “torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Ora, esta conceção altruísta da literatura omite que ela é um sistema altamente codificado e que a experiência de “humanização” só pode funcionar se o leitor dominar esse código específico. Neste ponto, parece indiscutível que cabe ao professor incentivar a prática de diversos modos de ler, orientar atividades concretas de leitura e detetar dificuldades de compreensão, promovendo a sua superação.

Para além da função formativa, Aguiar e Silva aponta a função identitária e cultural do estudo dos “clássicos”, no ensaio “Variações sobre o cânone literário” (Silva, 2010: 243-247). Ao afirmar que “o cânone literário corresponde à necessidade, sentida e expressa em todos os tempos, de cada comunidade cultural preservar, organizar e ordenar a sua memória, o seu passado e a sua herança linguístico-literária”, o autor fundamenta o carácter útil e, mais ainda, vital da leitura dos “clássicos”. Aguiar e Silva insiste ainda na estreita relação entre o texto literário e a língua materna e relembra a convivência de multiplicidade de discursos existentes, o que pressupõe um investimento muito grande na compreensão desses fenómenos para poder desfrutar de todas as suas funções formativas e do prazer do texto. De facto, o aspeto do “prazer” também é referido pelo autor na Tese V sobre o ensino do texto literário na aula de Português, quando propõe um modelo de programa de Literatura Portuguesa, “com o objectivo de formar leitores *para a vida* (...) que buscam nos textos literários um conhecimento, uma sabedoria, um prazer e uma consolação indispensáveis à vida”. Deste ponto de vista, a leitura dos “clássicos” torna-se um ato centrado no próprio leitor.

Não obstante todas as razões invocadas e demonstradas por Antonio Candido e Aguiar e Silva em prol da função educativa e formativa, herança do modelo humanístico, existem suspeitas sobre a performatividade das Humanidades. De facto, não há garantias de que o programa humanista funcione e de que a leitura dos “clássicos” tenha uma função formativa. O efeito nas pessoas não pode ser garantido, pois a forma como se lê não tem nada a ver com a forma de ser, até porque é fundamental considerar o argumento da necessidade de dominar o código literário para usufruir de toda a sua riqueza e potencialidades formativas. Neste ponto, apesar da escola servir de intermediário entre a instituição responsável por um cânone literário e reguladora a nível cultural e ideológico e o público mais jovem, ainda está longe de alcançar os fins idealizados e desejados, e os resultados de muitos estudos demonstram-no bem. O estudioso e crítico Harold Bloom, no ensaio “Como ler e porquê” (2000: 15-29), rejeita a leitura literária como “empreendimento educativo” e considera-a como “uma prática solitária”, defendendo que a leitura é um ato que depende de vários fatores como o tempo e o interesse do leitor de determinada época. O mesmo afirma-se “céptico perante a tradicional esperança social segundo a qual a solidariedade pode ser estimulada pela expansão da imaginação individual” e desconfia “de quaisquer argumentos que relacionem os prazeres da leitura solitária com o bem comum.” Este argumento não invalida, de todo, o pressuposto de que a leitura dos “clássicos” é útil, pois a utilidade situa-se noutra plano, não menos relevante do que o social, justamente o individual. Nesse plano, a *estética do prazer* é invocada por Bloom. Aguiar e Silva também refere o *prazer*, como dissemos anteriormente, mas sempre com sentido formativo para o leitor. Bloom defende ainda a renovação da forma de ler e apresenta cinco princípios orientadores para a sua proposta. E conclui que o potencial humanizante já tem de estar presente antes do ato de leitura e tem de ser uma característica inerente ao leitor. Na sua obra *Cânone Ocidental* (1994), o autor já defendia que “Ler os melhores dos melhores autores não fará de nós melhores cidadãos”. No entanto, contrariando essa ideia, achamos que a leitura de textos literários leva o leitor à reflexão e permite-lhe questionar-se, relacionar conhecimentos e conceitos, o que contribui para o seu desenvolvimento cognitivo e, portanto, pessoal.

Podemos concluir que a prática da leitura encerra em si processos cognitivos complexos que devem ser conhecidos e dominados pelo leitor por forma a dotá-lo de instrumentos que lhe permitam apreender o texto literário e todas as suas potencialidades, sejam elas formativas ou não, sociais ou individuais. É consensual, e mesmo que seja de um ponto de vista meramente estético e de arte pela arte, que o texto literário como criação humana corresponde a uma necessidade, o que o torna inevitavelmente útil. No que concerne

a “clássicos” e ao cânone, a problemática situa-se a nível da instituição educativa e da sua capacidade em perpetuar a utilidade da sua leitura. Pois é na escola, cujo regime temporal é lento, que o encontro com o “clássico” é definido e mediado. Ora, é essencial que o “clássico” viva fora da escola, como o defende Aguiar e Silva, no ensaio “Teses sobre o ensino do texto literário na aula de Português”; (Silva, 2010: 207-216) é preciso “formar leitores que leiam com gosto, com emoção e com discernimento, na escola, fora da escola e para além da escola”, ideia que Harold Bloom e Antonio Candido, apesar de algumas divergências, corroboram, em nome da sobrevivência do fenómeno literário, e contra todos os condicionalismos institucionais.

O discurso em torno do “cânone literário” tem sido muito controverso e alguns estudiosos julgam indispensável o estudo de textos canónicos, outros consideram-no desadequado no contexto social atual. Importa refletir e perceber que:

“A escolha dos autores e dos textos julgados como *aristoi*, como os melhores, é um mecanismo regulador mediante o qual se configuram e se definem o *centro* e a *periferia* de uma cultura linguística e literária, entendida metonimicamente como a manifestação mais relevante da cultura de uma comunidade”, sem esquecer que “A construção do cânone literário é sempre efectuada a partir dos valores, dos critérios e dos juízos de um tempo presente, o que implica necessariamente a contingência e a mobilidade de qualquer cânone” (Silva, 2010: 244).

### **3.2. As contingências do programa e dos manuais de português no ensino secundário**

A Área do Português no ensino secundário tem passado, nas últimas décadas, por várias reformas. De facto, a escolha do discurso pedagógico, a delimitação do *corpus* de conteúdos, a definição do currículo, do programa escolar e a seleção de manuais escolares constituem uma série de condicionalismos que se afastam dos desígnios principais da Área do Português. A esse propósito, o papel da literatura no ensino do Português suscitou e continua a suscitar muita polémica, relativamente ao seu valor, às suas finalidades e práticas pedagógicas. No seu ensaio *O Português nas escolas. Ensaio sobre a língua e a literatura no ensino secundário*, Rui Vieira de Castro esclarece, em seis pontos distintos, conceitos e fundamentos que estão na origem das transformações que o ensino do Português no secundário tem vindo a sofrer, tendo em conta o alcance educativo, cultural e social que as

decisões relativas ao ensino do Português sempre têm. Esta sua reflexão ganha tanto mais relevo na medida em que o autor está consciente da existência de um novo quadro educativo e social, para o qual se torna indispensável e inevitável proceder a avaliações consistentes e reajustes constantes, por forma a encontrar um novo lugar para o ensino do Português e da Literatura na escola. O ensaio inicia com a análise dos movimentos legislativos, a partir da década de oitenta do século XX até à entrada em vigor dos novos programas em 2004/2005, relativos à reforma do sistema educativo e à sua repercussão na Área de Português. Com a reconstituição da evolução da legislação nesse âmbito, toma-se consciência da necessidade da reforma educativa. No entanto, deteta-se facilmente as deficiências de diversa natureza que vão condicionar as práticas pedagógicas, na área do Português. De facto, a quantidade de legislação produzida num espaço de tempo relativamente reduzido, origina, com frequência, um efeito contrário ao pretendido, e, em vez de ser esclarecedor, acaba por complexificar o sistema e deixar pouca margem aos agentes do ensino para assimilar as mudanças.

O autor salienta, o papel dominante “do discurso pedagógico” nas práticas pedagógicas, tendo em conta a sua “função reguladora”, mas reconhece também “uma autonomia relativa” aos agentes do ensino. Pois é evidente a distinção entre “discurso instituinte” e “discurso constituinte”. No entanto, neste último, as influências dos programas escolares e dos manuais são constantes. Outro ponto focado é a evolução da organização do “livro de Português” ao longo dos tempos, estabelecendo-se uma comparação entre o manual de Português “herdeiro de compêndios, antologias ou selectas” e o que “apresenta, hoje, uma estrutura marcadamente compósita”. Rui Vieira de Castro reconhece que a diversidade de manuais escolares, com as suas inúmeras atividades pedagógicas e a profusão de materiais complementares que os acompanham, complexifica a relação entre os textos e os leitores. O autor adota aqui uma posição crítica ponderada ao constatar que o discurso pedagógico oficial exprime uma visão seletiva do conhecimento e da cultura, uma vez que os programas escolares induzem determinadas formas de organização de trabalho pedagógico e delimitam certo *corpus* de conteúdos e de textos. Esta estratégia deixa pouca margem de liberdade ao professor, apresenta condicionalismos, em vez de orientar as práticas pedagógicas. Aqui, torna-se imprescindível admitir que as opções de natureza política ao nível do ensino têm um peso inegável na elaboração de um conjunto de orientações que, por vezes, é necessário questionar. No entanto, importa referir que os professores também são responsáveis quando decidem adotar determinado manual, com base não só na sua qualidade, mas também nos materiais complementares disponibilizados pelas editoras ou em ofertas pedagógicas.

O autor apresenta ainda os motivos subjacentes às mudanças no discurso instituinte na área do Português no ensino secundário, que lhe parecem vagos, dado que surgem com um único intuito: dar mais “ênfase” à competência comunicativa, em resposta aos resultados negativos dos estudos sobre as competências básicas de leitura e de escrita dos alunos. A criação da disciplina de Língua Portuguesa, comum a todos os percursos formativos aparece, assim, legitimada. Ele avança ainda que o novo programa de Língua Portuguesa para o ensino secundário, apesar da sua extensão, privilegia as competências linguísticas de comunicação, mesmo na abordagem do texto literário, dando principal relevância às tipologias textuais. Nesta perspetiva, o ensino da literatura ocupa um lugar diferente, pois a análise do texto literário como objeto estético dilui-se a favor, apenas, da sua utilidade comunicativa. Aqui, parece haver oposição entre saberes e competências, pois a competência comunicativa é considerada na sua vertente redutora, como competência técnica. Ora, “a possibilidade de pensarmos num paradigma comunicacional com uma sólida sustentação ideológica e sociocultural abre o espaço das trocas discursivas em torno do literário para outras trocas discursivas” (Cristina Mello, 2004: 29).

Ao debruçar-se sobre livros de Português, e todo o material didático adjacente, do ano letivo de 2002-2003, do 10º ano de escolaridade e tendo como referência o programa de Português do 10º ano, Rui Vieira de Castro evidencia o poder regulador das editoras no universo educativo. Com efeito, apesar dos manuais escolares de português serem diversificados, todos reúnem um conjunto de orientações e princípios estruturantes de práticas pedagógicas, com conteúdos, atividades e até mesmo instrumentos de avaliação. Assiste-se, assim, a uma alteração do papel do professor. Ao analisar a estrutura dos manuais, verifica-se que a instituição dos tipos de textos como critério organizador é um procedimento dominante, exceto na unidade da lírica camoniana. E, de um modo geral, todos os questionários propostos, que pretendem gerar no leitor atos interpretativos, impõem um modo de ler, incidindo mais nos aspetos semântico-pragmáticos do texto. Nos manuais, à semelhança do currículo e dos programas, sobressai, mais uma vez, o caráter altamente regulador e redutor implementado. O professor agora é visto como um mero intermediário entre os discursos instituinte e constituinte e alunos. Importa aqui referir que, amiúde, a competência profissional dos professores é desvalorizada e até posta em causa quando alguns manuais facultam as respostas aos exercícios propostos.

Rui Vieira de Castro conclui a sua reflexão em torno do ensino do Português no ensino, secundário questionando-se sobre as funções inerentes à disciplina e o papel dos agentes do ensino (alunos e professores). Ele constata que todos os avanços e recuos nas reformas

educativas revelam uma preocupação em adaptar o ensino, nomeadamente o do Português e da Literatura Portuguesa, a uma nova realidade social e escolar, tendo em conta a heterogeneidade do público e a questão do mandato da escola. Pois se a defesa do ensino da literatura pressupõe uma perspetiva normalizadora e reguladora de saberes, isso entra em contradição com o seu principal intuito, que é ensinar e seduzir. Difícil é encontrar formas de operacionalizar esses objetivos, no contexto social atual, mas:

“...só na liberdade é possível e alcança sentido a comunicação” e “Nós, professores de Português como língua materna – a língua aprendida na primeira infância, na qual exprimimos os nossos sentimentos, na qual pensamos o mundo e sonhamos a vida, a língua em que se enraíza e conserva a nossa memória individual e colectiva -, temos uma responsabilidade enorme nesta educação para a liberdade e para a comunicação. “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo.” E esses limites movem-se, alargam-se, quando o poema floresce na sala de aula...” (Silva, 2010: 190).

Todas estas reflexões levam-nos a questionarmo-nos sobre o papel do ensino das literaturas de língua portuguesa e, mais especificamente, as literaturas africanas. E chegamos rapidamente à conclusão de que só recentemente os programas de Português têm contemplado autores dessas literaturas, sendo, portanto, notório que o poder instituído tem exercido uma influência nesse sentido, deixando-as lentamente imiscuírem-se no ensino do Português, porque os seus países de origem também têm vindo a ter um reconhecimento a nível internacional como “países emergentes”, económica e financeiramente. O desprezo até então manifestado por essas literaturas ditas “menores” ou “periféricas” é tanto mais incoerente e incompreensível, na medida em que Portugal tem uma relação histórica e culturalmente marcada com esses países, logo também com as suas literaturas. É, portanto, com agrado que verificamos que entre as oito finalidades da disciplina de português no programa de Português do ensino secundário se encontra a seguinte: “promover a educação para a cidadania, para a cultura e para o multiculturalismo, pela tomada de consciência da riqueza linguística que a língua portuguesa apresenta” (p. 6). Resta-nos agora apurar quais são os autores e os textos privilegiados para o estudo das literaturas de língua portuguesa nos manuais de Português de 10º ano.

É essencial lembrar que o manual constitui a principal ferramenta de trabalho para os alunos e que a sua aquisição implica um investimento financeiro significativo, no início do ano, para pais e encarregados de educação que depositam confiança nesse instrumento de trabalho como garante de bons resultados. Apesar de o professor ter toda a liberdade para propor outros materiais, o manual continua a ser o suporte de estudo e de trabalho imprescindível. A escolha dos manuais a adotar pelas escolas, realizada com regularidade,

reveste-se, por isso, de uma importância fulcral. No entanto, o prazo concedido pelas editoras para os professores analisarem os diversos manuais, que, por vezes, chegam às dezenas às escolas, e procederem à escolha de um único, é escasso e surge sempre numa época escolar complexa de testes intermédios e de preparação para exames nacionais, no terceiro período do ano letivo. A experiência leva-nos a verificar que a avaliação mais pormenorizada de um manual escolar só pode ser realizada depois de ter trabalhado com o mesmo em sala de aula. No entanto, a seleção e a organização dos seus conteúdos, assim como o *corpus* de textos, a abordagem didática e as diferentes atividades propostas são itens fundamentais para a escolha de um manual. É, portanto, nesta perspetiva que propomos apresentar as escolhas do *corpus* textual de diferentes editoras.

Tendo por base o programa de Português do 10º ano, e mais especificamente a unidade referente ao estudo dos poetas do século XX, como foi anteriormente referido, importa-nos verificar quais são os textos e os autores africanos escolhidos pelas editoras nos manuais escolares para serem explorados pelos alunos. A nossa análise partiu da leitura de manuais de Português para o 10º ano de escolaridade de três editoras, todos publicados em 2010, nomeadamente Porto Editora, Lisboa Editora e Areal Editores. Foram alvo de estudo cinco manuais: *Expressões 10*, *Plural 10*, *Português dez*, *Entre Margens 10* e *Português + 10*.

No que se refere ao manual *Expressões 10*, da Porto Editora, verificamos que foram selecionados os poetas moçambicanos Mia Couto, José Craveirinha e Rui Knopfli e o poeta cabo-verdiano Corsino Fortes. É de notar que nenhum poeta angolano foi escolhido. Mia Couto é o autor que reúne mais poemas, na totalidade de três. De um modo geral, os temas abordados nestes poemas são a poesia, a vida e o amor e as sugestões de trabalho limitam-se a um breve estudo comparativo entre poemas com duas ou três perguntas de interpretação. A orientação didática respeita assim um dos objetivos avançados no manual para esta unidade que consiste apenas em “contactar com autores do Património Cultural Lusófono”.

No manual *Plural 10*, da Porto Editora, a escolha é mais abrangente e os autores propostos são José Craveirinha, Maria Eugénia Lima, Jofre Rocha, Alda Espírito Santo, Daniel Filipe, Manuel Lopes, Aguinaldo Fonseca e Vasco Cabral. Neste caso, são apresentados poemas de cinco países africanos de língua portuguesa. No entanto, não é proposta nenhuma abordagem, os poemas são apenas apresentados para leitura recreativa, na secção “Outra poesia em português”, com a indicação entre parênteses do país de origem do autor, logo a seguir à referência bibliográfica. Verificamos que os poemas escolhidos versam sobre os temas do amor, da tristeza, da saudade, da identidade, do sofrimento, da guerra e do racismo.



No manual *Português dez*, seis poetas africanos de língua portuguesa figuram na subunidade “Literaturas de língua portuguesa”, são eles José Craveirinha e Mia Couto, Alda Espírito Santo, Arménio Vieira, Ondjaki e Pepetela. Os temas abordados são a identidade, o confronto entre a aparência e realidade, a miséria, o sonho, a colonização e a discriminação. As sugestões de abordagem prendem-se, essencialmente, com a seleção de um dos poemas propostos, a sua leitura expressiva à turma, acompanhada da explicitação das razões da escolha.

O manual *Entre Margens 10* da Porto Editora abre o espaço poético da literatura de língua portuguesa aos angolanos Luís Kandjimbo, Antero Abreu e António Jacinto, aos moçambicanos Noémia de Sousa e Rui Knopfli; à são-tomense Alda Espírito Santo, ao guineense Vasco Cabral e ao cabo-verdiano António Nunes. Os poemas são apresentados sem nenhuma proposta de exploração, apenas surge um guião numa faixa lateral, no manual do professor, com tópicos de análise. Os poemas exploram os temas da miséria, da colonização, do sofrimento, da seca, da emigração, da esperança e da identidade.

O manual *Português + 10* da Areal Editores não propõe nenhum texto de autor africano de língua portuguesa.

Concluimos que, de entre estes cinco manuais, um opta por não introduzir poemas de literaturas africanas de língua portuguesa, reduzindo assim o património cultural lusófono à literatura brasileira. Outro manual prescinde da literatura angolana, sendo que os poemas moçambicanos e cabo-verdianos escolhidos não retratam, em nosso entender, a diversidade da riqueza linguística e estética que a língua portuguesa apresenta. São inúmeros os poemas e os textos representativos de uma realidade linguística distinta que “apresentam referências estético-culturais suscetíveis de favorecer uma reflexão plural sobre representações e visões do mundo” (Programa de Português do Ensino Básico, p. 158). Os outros três manuais propõem uma maior diversidade de poemas que abordam temas reveladores de uma identidade estética e cultural própria dos países africanos de origem. Não se trata de fazer uma mera lista de textos e de autores sugeridos para análise, mas antes compreender qual o contributo desses poemas para a formação de jovens leitores portugueses. Por fim, também não deixa de ser surpreendente a escolha de alguns autores angolanos como Luís Kandjimbo, que é, antes de mais, reconhecido como notável ensaísta e não como poeta.

Quando o género lírico abre as portas às temáticas das atrocidades da colonização, do sofrimento, da fome, da guerra ou do racismo, por exemplo, a leitura e exploração desses poemas suscitam inequivocamente reflexões diversas, permitem desenvolver a cultura geral numa dimensão humanista. Acreditamos ainda que a abordagem desses poemas se reveste de

um carácter estruturante para o pensamento, contribuindo assim para a “formação do sujeito leitor, promovendo valores de autonomia, de responsabilidade, de espírito crítico” (Programa de Português do Ensino Básico, p. 6). De facto, os alunos tomam consciência da existência de outras realidades, aprendem a valorizar a diferença, tentando compreendê-la de forma a respeitá-la.

Em nosso entender, a leitura do poema “A renúncia impossível”, de Agostinho Neto, permite desenvolver nos alunos as competências acima referidas e deveria ocupar um lugar de destaque na lista de autores africanos de língua portuguesa, na medida em que representa um apelo à luta contra a discriminação e reivindica o respeito pela diferença racial e cultural. É um texto desconcertante, pois o eu-lírico exprime de forma violenta a sua revolta contra o homem branco colonizador. No entanto, é precisamente a força da ironia patente ao longo do poema que abre caminho para o desenvolvimento do espírito crítico e a compreensão da sociedade e do mundo que nos rodeia. Apesar dos argumentos apresentados, será que o poema não tem lugar nos programas e nos manuais por ainda não ter sido reconhecido no mundo da literatura e ainda não fazer parte do cânone? A questão do cânone e do clássico na literatura torna-se cada vez mais pertinente, quando nos deparamos com o problema da escolha dos autores e de obras a estudar e, neste caso, com a seleção de poemas africanos de língua portuguesa.

### **3.3. Para uma proposta de leitura inferencial de “A renúncia impossível”**

O ensino do texto literário nas aulas de Português, tanto no 3º ciclo como no ensino secundário, tem suscitado várias controvérsias e tem sido objeto de estudo alargado de vários autores. Veja-se, por exemplo, a propósito, *Como abordar a Literatura no ensino secundário. Outros Caminhos*, de José Augusto Cardoso Bernardes; “Paradigmas literários e ensino da literatura, hoje”, de Cristina Mello; ou ainda *Teses sobre o ensino do texto literário na aula de Português*, de Vítor Aguiar e Silva. A problemática do ensino do texto literário centra-se, hoje, mais concretamente no ensino da leitura do texto literário, deixando para trás a perspetiva histórica dominante no ensino da literatura, a favor da centralidade do texto: “Não é com o ensino da história literária – e, sobretudo, não é com o ensino de uma esquelética, esquemática e dogmática história literária – que se seduzem e formam leitores e que se educa o gosto estético-literário” (Silva, 2010: 211-212). De facto, é a partir da leitura de textos que cativem o leitor que, progressivamente, a aprendizagem sobre o texto literário se efetua.

Como o ato de ler envolve processos cognitivos diversos e complexos, é imprescindível conhecê-los e compreendê-los, por forma a aplicar as práticas de leitura adequadas ao texto selecionado, ao nível etário dos alunos, e, conseqüentemente, ao nível de ensino.

Neste trabalho, propomo-nos apresentar práticas que visam desenvolver as competências de leitura. Aqui, o desafio prende-se com a tematização do poema “A renúncia impossível”, com base numa leitura inferencial e com o intuito de construir uma leitura argumentada. Nesse sentido, apresentamos primeiro uma proposta de elaboração de tópicos temáticos, com vista à reconstrução do significado do poema, seguindo práticas de leitura sustentadas teoricamente. De seguida, e partindo dos tópicos temáticos apontados, mostraremos caminhos possíveis para uma leitura argumentada, permitindo explorar questões mais abrangentes. A abordagem inferencial do poema “A renúncia impossível” de Agostinho Neto permite-nos uma reflexão profunda sobre questões de âmbito ideológico sobre o colonialismo, a subjugação racial, a luta pela independência e pelo reconhecimento da identidade de um povo.

É, sem dúvida, na sala de aula, com o professor de Português, que se tem de adotar um conjunto de estratégias e práticas pedagógicas, para levar os alunos a ultrapassarem o problema do “estranhamento da literatura” e dotá-los da capacidade de enfrentar um mundo diferente.

É com base na equação de vetores didáticos na promoção da leitura propostos por Cristina Mello, no artigo “Promoção da leitura no ensino básico. Questões sobre o ensino dos processos de compreensão na leitura”, que sugerimos uma metodologia de leitura do poema no 10º ano de escolaridade. Essa metodologia é sugerida “sempre na ponderação de actividades de leitura produtoras de sentido, que se revistam de interesse cognitivo, intelectual e cultural” (Cristina Mello, 2010: 94). Apesar de se tratar de um 10º ano de escolaridade, a estratégia proposta no ensino básico parece-nos adequada.

Essa estratégia utilizada consiste em ler o texto por partes, estimulando o prazer da descoberta, a partir de uma atividade lúdica de reconstrução do próprio poema, como se se tratasse de um puzzle. O poema é, portanto, dividido em oito partes, correspondendo cada a uma sequência de significado sobre a qual importa refletir e esboçar sentidos. Porque “ler é uma construção”, como afirma Tzvetan Todorov (1981), torna-se imprescindível desconstruir o poema e deixar o leitor reconstruí-lo. Esta estratégia coloca todos os alunos num mesmo nível de apreensão do texto e permite uma interação verbal frutuosa, em grupo turma. O aluno é assim colocado numa perspectiva de adivinhação, para a qual é imprescindível verbalizar o seu pensamento, de modo a tornar-se um leitor autónomo. Com efeito, o aluno vai efetuando

as suas próprias inferências de leitura e regista-as gradualmente. A atividade de procura de sentidos e de verbalização do pensamento é um exercício difícil, mas é proposto numa perspetiva bakhtiniana de “dialogismo discursivo” (Todorov, 1981).

Este tipo de leitura desperta o interesse e cria um efeito de suspense motivador e de entusiasmo heurístico. Nesse sentido, é facultada ao aluno uma ficha com o primeiro excerto do poema, que corresponde à primeira parte, e com um espaço em branco definido para os outros sete excertos. Salienta-se que, ao lado de cada excerto, encontra-se um espaço para o registo das inferências de leitura que o aluno vai efetuando. Juntamente com a ficha é-lhe entregue um envelope com os sete excertos em falta, todos eles devidamente numerados. O leitor é assim convidado a descobrir um excerto de cada vez, retirando o excerto seguinte do envelope, à medida que vai inferindo significados sobre o texto.

Exemplificamos, de seguida, o percurso de leitura proposto aos alunos, começando pela leitura do primeiro excerto do poema, sem lhes fornecer o título. Parece-nos oportuno que seja o professor a fazer a leitura expressiva do poema, de modo a facilitar o processo imediato de interrogação e de manifestação de emoções. Assim, os alunos são envolvidos pelo mistério e pela sedução do texto e convidados a antecipar o universo semântico e a colocar hipóteses.

#### Excerto nº1

Não creio em mim.  
Não existo.  
Não quero, eu não quero ser.

Quero destruir-me:  
- atirar-me de pontes elevadas  
e deixar-me despedaçar  
sobre as pedras duras das calçadas.

Pulverizar o meu ser  
desaparecer  
não deixar sequer traço de passagem  
pelo mundo.

Quero matar-me  
e deixar que o não-eu  
se aposses de mim.

Este início do poema suscita curiosidade e múltiplas interrogações sobre o sujeito poético, abrindo o caminho para variadíssimas inferências de leitura. O leitor é assim levado a

questionar-se: por que motivos o sujeito poético quer destruir-se e desaparecer? Quem é o sujeito poético? Como é ele? Qual é a sua relação com o mundo? Porquê tanta insistência no seu suicídio? Mesmo sendo um jogo interrogativo simples, o processo interpretativo começa a ganhar forma. A partir das inferências realizadas com base nos elementos textuais, o leitor destaca o aparente desespero do sujeito poético que repete o seu desejo peremptório de morrer, sem deixar memória disso, o seu desapego pelo ser material/corporal (a matéria), em paralelo com a centralidade da negação. Mas ficam por esclarecer as razões da vontade do suicídio. Salienta-se que os alunos são levados a interagir, de imediato, e a registar, por escrito, todas as intervenções, de modo a produzir sentido sobre o texto e poder, à medida que se vai descobrindo o poema, confirmar ou refutar as deduções iniciais.

### Excerto nº2

Mais do que um simples suicídio  
quero que esta minha morte  
seja uma verdadeira novidade histórica  
um desaparecimento total  
até mesmo nos cérebros  
daqueles que me odeiam  
até mesmo no tempo  
e se processe a História  
e o mundo continue  
como se eu nunca tivesse existido  
como se nenhuma obra tivesse produzido  
como se nada tivesse influenciado na vida  
como se em vez de valor negativo  
eu fosse Zero.

Quero ascender, subir  
e elevar-me até atingir o Zero  
e desaparecer.  
Deixai-me desaparecer!

Mas antes vou gritar  
com toda a força dos meus pulmões  
para que o mundo oiça:

- Fui eu quem renunciou à Vida!  
Podeis a continuar a ocupar o meu lugar  
vós os que mo roubastes

Aí tendes todo o mundo para vós  
para mim, nada quero  
nem riqueza nem pobreza  
nem alegria nem tristeza  
nem vida nem morte  
nada.

Não sou. Não existo. Nunca fui.  
Renuncio-me.  
Atingi o Zero.

Prosseguindo, no segundo excerto, com o mesmo processo inferencial, o leitor dá conta de que a atenção é focalizada no anúncio do suicídio como novidade histórica, ao contrário do que tinha sido anunciado no primeiro excerto, e na apresentação do zero e do valor negativo como algo a atingir. Mais uma vez, o leitor interroga-se: por que razão o suicídio do eu lírico será uma novidade histórica? Quais são os cérebros que odeiam o sujeito poético? Ou ainda, qual será a sua intenção ao ascender e atingir o zero? Que sentimentos tenta ele expressar? Estará ele a ser irónico? Estará ele a expressar verdadeiramente o que deseja? A quem se refere o “vós”? O leitor começa a elaborar, agora, uma possibilidade de sentido e suspeita que o sujeito poético deve ter uma função de relevo na sociedade e no mundo, devido ao alcance histórico da sua existência e da sua obra. Os elementos textuais enunciados acerca da afirmação da raiva e da revolta do sujeito poético perante o mundo levam o leitor a compreender que o seu desejo de anulação pode ser um meio para atingir um fim. O anúncio do suicídio inicial surge, então, como processo irónico de desconstrução da realidade. O leitor começa a antever esta estratégia, nomeadamente aquando da intervenção do sujeito de enunciação que surge no poema com os sinais do discurso direto. As marcas ideológicas do poema insinuam-se então com a referência à riqueza, à pobreza, à alegria, à tristeza, à vida e à morte negadas pelo eu poético.

### Excerto nº3

E agora,  
Vivei, cantai, chorai  
casai-vos, matai-vos, embriagai-vos  
dai esmolas aos pobres.  
Nada me pode interessar  
que eu não sou  
Atingi o Zero!

Não contem comigo  
para vos servir às refeições  
nem para cavar diamantes  
que vossas mulheres irão ostentar em salões  
nem para cuidar das vossas plantações  
de café e algodão  
não contem com amas  
para amamentar os vossos filhos sífilíticos  
não contem com operários  
de segunda categoria  
para fazer o trabalho de que vos orgulhais  
nem com soldados inconscientes  
para gritar com o estômago vazio  
vivas ao nosso trabalho de civilização

nem com lacaios  
para vos tirarem os sapatos  
de madrugada  
quando regressardes de orgias nocturnas  
nem com pretos medrosos  
para vos oferecer vacas  
e vender molho a tostão  
nem com corpos de mulheres  
para vos alimentar de prazeres  
nos ócios da vossa abundância imoral.

Não contem comigo.  
Renuncio-me.  
Eu atingi o Zero.

Não existo. Nunca existi.  
Não quero vida nem morte  
nada!

Neste terceiro segmento, surgem as respostas às primeiras interrogações, uma vez que o sujeito poético é mais explícito nas suas acusações e nas razões que o levam a querer anular-se e desaparecer. A enumeração de tarefas referentes a trabalho de serviçais obriga os alunos a interrogarem-se: quem é que executa estas tarefas? Para que tempo histórico remetem estas descrições? Em que é que consiste o trabalho de civilização? Cremos que o leitor facilmente conseguirá obter respostas, dado que a expressão “pretos medrosos” não deixa margem para dúvidas e remete explicitamente para a problemática da colonização. Opera-se, assim, finalmente a revelação do propósito do sujeito poético: a denúncia do “trabalho de civilização” e a desconstrução do mundo do homem branco colonizador. O leitor compreende esse processo de desconstrução quando observa pormenorizadamente o vocabulário utilizado para a descrição do trabalho escravo, da opressão e da subjugação do povo negro. Centrando o olhar do leitor sobre a comparação estabelecida entre o trabalho dos “pretos” e os privilégios do colonizador, pode-se conduzir o diálogo para a observação da estratégia discursiva adotada: a ironia ao serviço da revolta e da denúncia. Importa também chamar a atenção para a insistência recorrente na negação; prova disso é a repetição anafórica das palavras “não”, “nada”, “nunca”, “nenhum”, “nenhuma”, “nem”, e a utilização de verbos com carga negativa, com frequência no imperativo. Neste ponto do poema, os alunos já deverão ter traçado o perfil do sujeito poético, ou seja, um homem negro revoltado com o processo de colonização e que reivindica o seu lugar no mundo.

#### Excerto nº4

Podeis agora queimar  
os letreiros medrosos  
que às portas dos bars, hotéis e recintos públicos  
gritam o vosso egoísmo  
nas frases: “SÓ PARA BRANCOS” ou “ONLY TO COLOURED MEN”  
Negros aqui. Brancos acolá.

Podeis acabar  
com os miseráveis bairros de negros  
que vos atrapalham a vaidade  
Vivei satisfeitos sem “colour lines”  
sem terdes que dizer aos fregueses negros  
que os hotéis estão abarrotados  
que não há mais mesas nos restaurantes.  
Banhai-vos descansados  
nas vossas praias e piscinas  
que nunca houve negros no mundo  
que sujassem as águas  
ou os vossos nojentos preconceitos  
com a sua escura presença.

Podeis transformar em toureiros  
ou em magarefes  
os membros da Ku-Klux-Klan  
para que matem a sua fome sanguinária  
nas feridas dos touros que descem à arena.  
Não há negros para linchar!

Porque hesitais agora!  
Ao menos tendes oportunidade  
para proclamardes democracias  
com sinceridade

Podeis inventar uma nova História.  
Inclusivamente podeis atribuir-vos a criação do mundo.  
Tudo foi feito por vós.  
Ah!  
que satisfação eu sinto  
por ver-vos alegres no vosso orgulho  
e loucos na vossa mania de superioridade.

O poema progride, no quarto excerto, com a denúncia das ações bárbaras do colonialismo e a sua exemplificação. O leitor vê-se confrontado com as referências históricas da segregação racial, com o exemplo do grupo racista Ku-Klux-Klan, assim como a alusão à suposta superioridade da raça branca. No entanto, o poema propicia o surgimento de novas interrogações: em que data terá sido escrito o poema? Quem será o autor deste poema? Qual a relação de Portugal com estas realidades? As constantes interpelações do sujeito poético ao leitor incutem, num ritmo vertiginoso, agressividade ao discurso poético, o que deixa inferir



que o “destinatário” deste manifesto deverá ser o homem branco colonizador, ou não. Nesse sentido, os alunos são levados a detetar, mais uma vez, a ironia impregnada nos versos e a salientar, assim, o paradoxo das ações do homem branco colonizador em nome do trabalho de civilização legitimado por democracias.

### 5º excerto

Nunca houve negros!  
A África foi construída só por vós  
A América foi colonizada só por vós  
A Europa não conhece civilizações africanas  
Nunca um negro beijou uma branca  
nem um negro foi linchado  
nunca mataram pretos a golpes de cavalo-marinho  
para lhes possuírem as mulheres  
nunca extorquiram propriedades a pretos  
não tendes, nunca tivestes filhos com sangue negro  
ó racistas de desbragada lubricidade  
Fartai-vos agora dentro da moral.

Que satisfação  
por não terdes que falsear os padrões morais  
para salvaguardar  
o prestígio, a superioridade e o estômago  
de vossos filhos.  
Ah!  
O meu suicídio é uma novidade histórica  
é um sádico prazer  
de ver-vos bem instalados no vosso mundo  
sem necessidade de jogos falsos.

Eu elevado até o Zero  
eu transformado no Nada-histórico  
Eu no início dos Tempos  
eu-Nada a confundir-me com vós-Tudo  
sou o verdadeiro Cristo da Humanidade!  
Não há nas ruas de Luanda  
Negros descalços e sujos  
a pôr nódoas nas vossas falsidades de colonização  
em Lourenço Marques  
em Nova York, em Leopoldville  
em Cape-Town  
gritam pelas ruas  
a foguetear alegria nos ares:

-Não há negros nas ruas!  
Nunca houve.  
Não há negros preguiçosos  
a deixar os campos por cultivar  
e renitentes à escravização  
já não há negros para roubar.  
Toda a riqueza representa agora o suor do rosto  
e o suor do rosto é a poesia da vida.

Não existe música negra  
Nunca houve batuques nas florestas do Congo  
Quem falou em spirituals?

Vá de encher os salões  
de Debussy, Strauss, Korsakoff.  
Já não há selvagens na terra.  
Viva a civilização dos homens superiores  
sem manchas negróides  
a perturbar-lhe a estética!

Nunca houve descobrimentos  
a África foi criada com o mundo.

O que é a colonização?  
O que são os massacres de negros?  
O que são os esbulhos de propriedades?  
Coisas que ninguém conhece.

A História está errada.  
Nunca houve escravatura  
nunca houve domínio de minorias  
orgulhosas da sua força

No quinto excerto, o leitor descobre o auge da negação e fica a conhecer, sem equívocos, a ironia no seu esplendor. As referências históricas, anteriormente enunciadas, são agora esmiuçadas, o leitor vê-se confrontado com as atrocidades cometidas pelos colonizadores e continua a interrogar-se: será este um processo catártico para o sujeito poético? Qual o alcance das estratégias discursivas da negação e da ironia? As inúmeras referências espaciais e temporais não deixam dúvidas: os continentes americano e africano foram o palco do absurdo do ato colonial. Os alunos deverão ser capazes de registar todas as “falsidades da colonização” e de estabelecer relações entre as referências culturais apontadas pelo sujeito poético e a realidade histórica. O destaque de três versos de tipo interrogativo permite-nos confirmar todas as inferências realizadas até ao momento e identificar o processo de valorização da identidade negra. A dupla negação patente ao longo dos versos transforma-se em veemente afirmação do direito à diferença racial, cultural e identitária como base legítima para a autonomia política de um povo.

## Excerto nº6

Acabai com as cruzadas religiosas  
A fé está espalhada por todo o mundo  
sobre a terra só há cristãos  
vós sois todos cristãos.  
Não há infiéis por converter  
Escusais de imaginar mais infidelidades religiosas  
para justificar  
repugnantes actos de barbarismo.

Não necessitais enviar mais missionários  
a África  
nem aos bairros de negros  
Nunca houve feitiços  
nem concepções religiosas diferentes  
nunca houve religiosos a auxiliar a ocupação militar.

Acabai com os missionários  
Os seus sofismas  
Os seus milagres inventados para justificar ambições e vaidades.

Possuis tudo, tudo!  
e vós sois todos irmãos.  
Podeis continuar com os vossos sistemas  
socialistas ou capitalistas  
que isso não me interessa.  
Explorai o proletariado  
ou dai-lhe de comer  
isso é convosco.

Continuai com os vossos sistemas políticos  
ditaduras, democracias.  
Matai-vos uns aos outros  
lutai pela glória  
lutai pelo poder  
criai minorias fortes  
que protejam os seus comp...  
apadrinhai os afilhados de vossos amigos  
criai mais castas  
aristocracias, plutocracias  
aburguesai as ideias  
e tudo sem a complicação  
de verdes intrusos  
imiscuir-se na vossa querida  
e defendida civilização  
dos homens privilegiados.

Homens-irmãos  
dai-vos as mãos  
gritai a vossa alegria de serdes sós  
SÓS!  
únicos habitantes da Terra.

Eu atingi o Zero!

Isto simplifica extraordinariamente  
a vossa ética.  
Ao menos não percais agora  
a ocasião de serdes honestos.

Se houver terremotos  
calamidades, cheias ou epidemias  
ou terras a defender da invasão das águas  
ou motores parados nas lamas de selvas africanas  
raios vos partam!  
já não tereis de chamar-me  
para acudir às vossas desgraças  
para reparar os vossos desastres  
ou para carregar com a culpa das vossas incúrias.  
Ide para o diabo!

No sexto excerto, são introduzidos os temas da religião e da política. O leitor interroga-se sobre a legitimidade da ação colonial em nome da expansão religiosa e sobre a perversidade do poder político. E é com base nesse questionamento que podem surgir reflexões sobre a emergência da consciência de uma raça, tendo em conta as diferenças históricas, culturais e linguísticas entre opressor e oprimido, assim como sobre situações de discriminação racial e de assimilação forçada, desencadeando a alienação total dos povos colonizados. Parece-nos que a exploração deste segmento textual reveste-se de acrescida importância do ponto de vista inferencial, na medida em que é neste excerto que o discurso poético aparece claramente como o auge do manifesto, levando até o sujeito poético a praguejar. Os propósitos do sujeito de enunciação que, inicialmente, surgiam camuflados pela ironia e pela negação, vêm-se agora irremediavelmente *a descoberto*. A crítica virulenta ao colonialismo, assim como a denúncia de um sistema político capitalista e a proclamação das limitações das democracias levam o leitor a questionar-se sobre a intenção final do sujeito poético, pois nota-se que o crescendo de agressividade do discurso poético está a atingir o seu ponto mais alto.

#### Excerto nº7

Eu não existo  
Palavra de honra que nunca existi.  
Atingi o Zero  
o Nada.  
Abençoada a Hora  
do meu super-suicídio  
para vós  
homens que construís sistemas morais  
para enquadrar imoralidades

O sol brilha só para vós  
a lua reflecte luz só para vós  
nunca houve escravagistas  
nem massacres  
Nem ocupações da África.

Como até a História  
se transforma num Tratado Moral  
sem necessidade de arranjos apressados!

Não existem os pretos dos cais e dos caminhos de ferro.  
Nos locais de trabalho nunca se ouviram cantos dolentes  
só há chiadeira de guindastes.  
Nunca pisaram os caminhos do mato  
carregadores com quilos às costas  
são os motores que se queimam sob as cargas

Ó pretos submissos, humildes ou tímidos  
sem lugar nas cidades  
ou nos escaninhos da honestidade  
ou nos recantos da força  
com a alma poisada no sinal menos,  
polígamos declarados  
dançarinos de batuques sensuais  
sabei que subistes todos de valor  
Atingistes o Zero  
sois Nada  
e salvastes o Homem.

Acabou-se o ódio de raças  
e o trabalho de civilização  
e a náusea de ver meninos negros  
sentados na escola  
ao lado dos meninos de olhos azuis  
e as extorsões e as compulsões  
e as palmatoadas e torturas  
para obrigar inocentes a confessar crimes  
e os medos de revolta  
e as complicadas démarches políticas  
para iludir as almas simples.

Acabaram-se as complicações sociais!

Atingi o zero.  
Cheguei à hora do início do mundo  
e resolvi não existir.

Cheguei ao Zero-Espaço  
ao Nada-Tempo  
ao Eu coincidente com vós-Tudo

E o que é mais importante  
Salvei o mundo.

Com o sétimo excerto, o leitor acede ao fim da primeira parte “I Negação” do poema “A renúncia impossível” e vê todo o seu trabalho de tematização e de reconstrução do significado do texto legitimado. Ele fica cada vez mais esclarecido sobre a dimensão ideológica do discurso poético, com a insistência no desaparecimento do eu lírico como forma de ascender à libertação e à salvação. É com a insistência no sofrimento do povo escravizado e colonizado e o regresso às origens do “mal” que o sujeito poético ascende à libertação. Os últimos mistérios que, eventualmente, poderiam ainda persistir à volta da sua intenção de denunciar a ação colonial, do apelo à libertação do seu povo são desvendados e o eu lírico aparece como um profeta. Neste momento, é importante dar a conhecer aos alunos o título do poema e confrontá-los com as inferências realizadas e relacioná-las, de modo a poder confirmá-las.

Numa oitava e última parte, e por forma a confirmar o processo irónico adotado pelo poeta, parece-nos pertinente dar a conhecer aos alunos a segunda parte do poema “II Afirmação”, muito menos conhecida.

#### Excerto nº8

Ah!  
Faça-se luz no meu espírito  
LUZ!

Calem-se as frases loucas  
desta renúncia impossível.

Eu-todos nunca me negarei  
nunca coincidirei com o nada  
não me deitarei nunca debaixo dos comboios

Não fui eu quem falou  
da salvação do mundo  
à custa da minha existência  
da transformação do valor negativo em Zero  
da reabilitação da moral maculada  
por meio do castigo ao inocente  
em super-suicídio novidade histórica.

Quem falou não fui eu  
foi a minha loucura.

O meu lugar está marcado  
no campo da luta  
Para conquista da vida perdida.

Eu sou. Existo.  
As minhas mãos colocaram pedras  
nos alicerces do mundo.  
Tenho direito ao meu pedaço de pão

Sou um valor positivo  
da Humanidade  
e não abdicó,  
nunca abdicarei!

Seguirei com os homens livres  
o meu caminho  
para a Liberdade e para a Vida.

Perdoem-me os cinco minutos de loucura  
que vivi.

Neste excerto, opera-se o processo de desconstrução total da ironia da primeira parte do poema. Não há espaço para dúvidas e o discurso é transparente. Os alunos compreendem, então, que o sujeito poético se assume como profeta e libertador do povo negro. No entanto, os mesmos podem questionar a necessidade de introduzir esta segunda parte no poema: o poeta terá tido receio de ser incompreendido na primeira parte? Sendo um poema engajado, destinado, portanto, a ser lido pelo povo, o poeta terá decidido clarificar a posição do eu lírico e a estratégia irónica que poderia dar lugar a equívocos, sustentando-a pela “loucura” passageira.

Este processo de leitura é, sem dúvida, enriquecedor e gratificante para o leitor, porque permite-lhe participar na reconstrução do significado do texto. E, apesar de caber ao professor orientar esse processo para evitar o desvio ao texto, pois o professor deve ensinar “o seu aluno a pôr o texto a funcionar” (Mello, 2005: 163), o leitor é o protagonista e possui um papel ativo no decorrer da atividade. O entusiasmo que os alunos revelam ao longo do exercício inferencial é o mais precioso testemunho para um professor.

Para que o processo de leitura de um texto seja completo, importa encaminhá-lo, posteriormente, para a vertente da leitura argumentada. O conceito de leitura argumentada, ou crítica, remete-nos, segundo Carlos Reis, para uma reflexão sobre questões de ordem teórica relacionadas com “um componente do fenómeno literário – o tema – enquanto crucial factor de configuração semântica” (Reis, 1982: 41). Esta afirmação vem legitimar o trabalho de tematização acima empreendido e realça a sua importância face a um percurso de leitura argumentada pelo qual se pretenda enveredar.

Antes de principiar a atividade de leitura argumentada do poema de Agostinho Neto “A renúncia impossível”, parece-nos fundamental consciencializar os alunos da possibilidade de adotar uma perspectiva diferente de compreensão do texto, ou seja, “um tipo de compreensão que já não é de ordem semântica (do que trata o texto e como fala), mas de ordem hermenêutica (que interpretações suporta o texto)” (Mello, 2005: 178). Pois, interessa, agora, propor uma reflexão de ordem ideológica de modo a avaliar o alcance político e social do poema, sempre com base na tematização efetuada, como o sublinha Carlos Reis, quando

comenta Doubrovsky, dizendo que “a temática remete normalmente para o domínio das preocupações fundamentais que afectam não só uma obra (e através dela quem a escreveu), mas muitas vezes a própria época que a inspirou e lhe deu vida” (Reis, 1982: 43). Partindo então para uma compreensão “de ordem hermenêutica”, a contextualização do poema é imprescindível. O poema foi escrito em 1949, em Portugal, durante um regime político de ditadura, mas foi publicado em 1982, já sob um regime democrático. É a data de criação do poema que vai constituir o elemento motor dessa abordagem intertextual, e, atendendo à ironia presente, os tópicos abordados, de forma sucinta, são os seguintes: o regime político vigente na época (ditadura/política ultramarina); as consequências nefastas da ação colonial, opressão e exploração do povo negro, neste caso, do povo angolano e a luta pela libertação de Angola, da qual Agostinho Neto se irá revelar o líder político e espiritual, tendo sido o primeiro presidente de Angola em 1975. Importa, por fim, salientar que o seu combate não se restringiu à luta pela liberdade do seu povo, pois ele sempre ansiou pelo respeito dos direitos humanos ancorado numa consciência humanista de igualdade entre os povos.



## CONCLUSÃO

Eu sou. Existo  
As minhas mãos colocaram pedras  
nos alicerces do mundo  
Tenho direito ao meu pedaço de pão

Pas un bout de ce qui ne porte monde qui ne porte mon empreinte  
digitale  
et mon calcanéum sur le dos des gratte-ciel et ma  
crasse  
dans le scintillement des gemmes !

Neto, “A renúncia impossível – II Afirmação”

Césaire, *Cahier d'un retour au pays natal*

Agostinho Neto notabilizou-se pelo papel político que desempenhou na luta contra o colonialismo e pela independência de Angola. Toda a sua obra poética está impregnada do seu vigoroso discurso de oposição ao colonizador. Esta sua posição ideológica determinou o seu engajamento e a sua visão de luta pragmática é manifesta. Neto está consciente da sua responsabilidade no papel de político e poeta. A política de assimilação do regime português da época à qual Neto foi sujeito revelou-se ser um dos fatores determinantes no seu compromisso sociopolítico. Ao embrenhar-se na língua e na cultura do colonizador, Neto adquire as armas necessárias para combater o inimigo. A emergência de um movimento sociocultural e literário ativo em Angola e noutros territórios africanos deve-se ironicamente, em parte, ao “trabalho de civilização” e permitiu a criação de uma elite africana. Ao escrever na língua do colonizador, os intelectuais africanos conseguem denunciar as injustiças do poder colonial e conquistam paulatinamente a sua liberdade. A poesia é o meio privilegiado para veicular as mensagens de luta e apelar à libertação do povo subjugado pelo colonizador. Porém, apesar do legado poético de Agostinho Neto se inscrever no campo da luta engajada, o seu valor estético não pode ser desvalorizado. Esta emergência da consciência de uma raça traduz-se, nos poemas, pela utilização de várias estratégias, como, por exemplo, a estratégia da negação bem patente ao longo dos versos, tanto de Neto como de Césaire.

“A renúncia impossível”, um dos poemas mais marcados pelo compromisso que o autor assume de combate à opressão e subjugação, permite-nos avaliar as suas posições ideológicas e oferece-nos um discurso prosaico ancorado numa ironia lancinante que traduz toda a sua qualidade estética. Não sendo manifesta a preocupação do autor com a dimensão artística do poema, uma vez que a sua poética não se pauta por uma “arte pela arte”, mas manifesta-se antes pelo engajamento literário, estas duas dimensões não são indissociáveis, muito pelo contrário. Autores como Césaire, Senghor ou José Luandino Vieira, e muitos outros, são disso testemunhas e a poesia de Neto inscreve-se nessa linha de pensamento. Os paralelos e as semelhanças estabelecidos, ao longo deste trabalho, entre os poemas de Aimé

Césaire e de Neto permitem-nos descobrir como estes dois autores levaram a cabo a sua missão de denunciar, através do discurso poético, o sofrimento infligido ao povo africano colonizado. Estas duas figuras da luta contra a colonização e pela libertação do povo oprimido não foram as únicas, mas foram, de certa forma, pioneiras na Europa na divulgação do movimento da Negritude. Ambos cultivaram o gosto pela poesia engajada como forma de expressão única de afirmação da identidade do povo negro. Césaire exulta (“Et elle est debout la négraille (...) debout et libre”) e Neto exalta (“Eu sou. Existo/ (...) Sou um valor positivo/ da humanidade/ e não abdicó,/ nunca abdicarei!”).

Esta foi, sem dúvida, uma tarefa árdua para os poetas negros, a de conseguir, numa sociedade dominada pelo homem branco, encontrar um espaço e impor a voz dos oprimidos. Embora enfrentando uma luta desigual e injusta, os poetas tiveram a coragem de desafiar uma ordem instalada há séculos, imposta pela violência e regulada pela lei do mais forte. Devemos-lhes, por isso, o nosso reconhecimento e respeito e é imprescindível proporcionar às gerações vindouras uma reflexão sobre o racismo e a discriminação para poder almejar um mundo melhor e mais justo.

O poema “A renúncia impossível” detém um sentido pragmático profundo e lança um apelo à ação contra a dominação de um povo sobre outro, contra o abuso de poder e opressão racial. Os versos de Neto, em uníssono com os de Césaire, expressam a revolta do povo negro contra as injustiças do colonialismo, mas também transmitem uma mensagem de esperança no futuro e na capacidade humana de reconhecer os seus erros e de emendá-los.

Ler, analisar e comparar poemas como os destes dois autores permite-nos contactar com realidades estéticoliterárias diferentes e levam-nos a compreender melhor o ser humano e o mundo que nos rodeia. Em contexto de sala de aula, e mais especificamente nas aulas de Português, é fundamental dar a possibilidade aos alunos de contactar com textos que fazem usos diferentes da língua portuguesa, oferecendo-lhes a oportunidade de enriquecerem a sua formação académica e pessoal, de modo a intervirem na sociedade e tornarem-se cidadãos informados e ativos.

Apesar de não ter sido o propósito deste trabalho concluir que a poesia e, de um modo geral, a literatura mudam o mundo, gostaríamos de relembrar Sartre e a sua reflexão final no ensaio *Qu'est-ce que la littérature?*: “Bien sûr, tout cela n'est pas si important: le monde peut fort bien se passer de la littérature. Mais il peut se passer de l'homme encore mieux”. Assim sendo, e porque acreditamos que a literatura tem um papel fundamental na formação do ser humano, renunciar à poesia de Agostinho Neto parece-nos, de todo, impossível.

## BIBLIOGRAFIA

### Bibliografia ativa

CÉSAIRE, Aimé (1983), *Cahier d'un retour au pays natal*, Paris, Présence Africaine.

NETO, António Agostinho (1982), *A renúncia impossível. Poemas Inéditos*, (org. Maria Eugénia Neto, Dario de Melo e Antero de Abreu), Luanda, INALD.

NETO, António Agostinho (1987), *A renúncia impossível*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

LABAN, Michel (2000), «Da negação à afirmação: uma versão completa de “A renúncia impossível”, de Agostinho Neto», in, *Mario Pinto de Andrade: um intelectual na política*, Mata Inocência & Laura Padilha (orgs.), Lisboa, Colibri, pp.87-99.

NETO, António Agostinho (2009), *Trilogia poética: Sagrada Esperança. Renúncia Impossível. Amanhecer*, Luanda, UEA.

### Bibliografia crítica

AA.VV. (org. de Salvato Trigo) (1989), *A voz igual. Ensaios sobre Agostinho Neto*, Porto, Fundação Engº António de Almeida.

ALMEIDA, Lilian Pestre de (2008), *Aimé Césaire - Cahier d'un retour au pays natal*, Paris, L'Harmattan.

- BALANDIER, Georges (2011), «A situação colonial: uma abordagem teórica», in Manuela Ribeiro Sanches (org.), *As malhas que os impérios tecem, textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*, Lisboa, Edições 70, pp.219-251.
- BARRADAS, Acácio (org.) (2005), *Agostinho Neto. Uma vida sem tréguas*, Lisboa/Luanda, AAA.
- BARTHES, Roland (1973), *O prazer do texto*, Lisboa. Edições 70.
- BERNARDES, José Augusto Cardoso (2005), *Como abordar a literatura no ensino secundário. Outros caminhos*, Porto, Areal.
- BLOOM, Harold (2001), *Como ler e porquê*, Lisboa, Editorial Caminho.
- BLOOM, Harold (2011), *O Cânone ocidental*, Círculo de Leitores.
- BRETON, André (1983), «Un grand poète noir» (Préface à l'édition de 1947), in Aimé Césaire, *Cahier d'un retour au pays natal*, Paris, Présence Africaine.
- BUESCU, Helena Carvalhão (2011), «Literatura, cânone e ensino», in *Revista de Estudos Literários – Os estudos literários em Portugal no século XX*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa.
- CANDIDO, António (2004), *O direito à literatura: e outros ensaios*, Coimbra, Angelus Novus.
- CONDÉ, Maryse (1978), *Cahier d'un retour au pays natal Césaire: analyse critique*, Paris, Hatier.
- COSME, Leonel (2004), *Agostinho Neto e o seu tempo*, Porto, Campo das Letras.
- DU BOIS, W. E. B. (2011), «Do nosso labor espiritual», in Manuela Ribeiro Sanches (org.), *As malhas que os impérios tecem, textos anticoloniais, contextos pós coloniais*, Lisboa, Edições 70, pp. 273-285.

- FANON, Frantz (2011), «Racismo e cultura», in Manuela Ribeiro Sanches (org.), *As malhas que os impérios tecem, textos anticoloniais, contextos pós coloniais*, Lisboa, Edições 70, pp. 49-57.
- FERREIRA, Manuel (1986), *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, 2 vols., Lisboa, ICLP.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (2012), «A literatura de Agostinho Neto – intenção poética e política», in *Latitudes*, nº 41-42: pp. 72-77.
- FOUCAULT, Michel (1971), *L'ordre du discours*, Paris, Gallimard.
- FOWLER, Don (2000), *Roman constructions: readings in postmodern latin*, Oxford, Oxford University Press.
- JOHNSON, Barbara (1976), «Quelques conséquences de la différence anatomique des textes. Pour une théorie du poème en prose», in *Poétique*, 28, Paris, Seuil, pp. 450-465.
- KANDJIMBO, Luís (2000), «Agostinho Neto, a geração literária de 48 e o problema do slogan *Vamos descobrir Angola*», in Mata, Inocência & Laura Padilha (orgs.), *Mário Pinto de Andrade: um intelectual na política* Lisboa, Colibri.
- KLEIMAN, Ângela (1989), *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas. Pontes.
- KRISTEVA, Julia (1969), *Recherches pour une sémanalyse : essais*, Paris : Editions du Seuil.
- KRISTEVA, Julia (1974), *Introdução à semanálise*, São Paulo, Perspectivas.
- LARANJEIRA, Pires (1995a), *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.
- LARANJEIRA, Pires (1995b), *A negritude africana de língua portuguesa*, Porto, Afrontamento.
- LARANJEIRA, Pires (2005), *Ensaio afro-literários*, 2ª ed., Lisboa, Novo Imbondeiro.

- LARANJEIRA, Pires, Maria João Simões & Lola Geraldine Xavier (orgs.) (2007), *Cinco povos cinco nações. Estudos de literaturas africanas*, Lisboa, Novo Imbondeiro.
- LARANJEIRA, Pires & Lola Geraldine Xavier (org.) (2009/2010), *Santa Barbara Portuguese Studies*, vol. X Univ. da Califórnia (Santa Barbara), Center for Portuguese Studies (número dedicado às Literaturas Africanas).
- LARANJEIRA, Pires e Rocha, Ana T. (2012), «Defesa e ilustração da poética de Agostinho Neto», in *Latitudes*, nº 41-42: pp.15-24.
- LEFRANC, Jean (2005), *Compreender Schopenhauer*, Trad. Ephraim Frerreira Alves, Petrópolis, Vozes.
- MACHADO, Álvaro Manuel e Pageaux, Daniel-Henri (1988), *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª ed, revista e aumentada, Lisboa, Edições 70.
- MARGARIDO, Alfredo (1980), *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo.
- MATA, Inocência & Laura Padilha (orgs) (2000), *Mário Pinto de Andrade, um intelectual na política*, Lisboa, Colibri.
- MELLO, Cristina (1998), *O ensino da literatura e a problemática dos géneros literários*. Coimbra, Almedina.
- MELLO, Cristina (2004), «Paradigmas literários e ensino da literatura, hoje», in *Vértice – Literacia, Leitura, Ensino*, pp. 22-38.
- MELLO, Cristina (2005), *O leitor na cena da leitura*, in T.M.K. Rösing, M. Rettenmaier & E.V. Weschenfelder (Org.), *Vozes do terceiro milénio: a arte da inclusão* Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, pp.157-179.
- MELLO, Cristina (2010), “Promoção da leitura no ensino básico. Questões sobre o ensino dos processos de compreensão na leitura”, in *Actas do IELP*, pp. 91-106.

- OMOTESO, Ebenezer Adedeji (2009), *Ideologia e engajamento em Agostinho Neto e Léopold Senghor: uma perspectiva comparativa*, Luanda, Fundação António Agostinho Neto.
- PENNAC, Daniel (1995), *Como um romance*. 5ª ed. Porto, Asa.
- REIS, Carlos (1982), *Tema e leitura crítica, Intertextualidade e leitura crítica in Construção da leitura: ensaios de metodologia e de crítica literária*,. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica-C.L.P da Universidade de Coimbra.
- RICHARD, Claudine (1995), *Le Cahier- Discours sur le colonialisme*, collection Balises, Paris, Nathan.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (org.) (2011), *As malhas que os impérios tecem, textos anticoloniais, contextos pós coloniais*, Lisboa, Edições 70.
- SANTOS, Katia Cilene da Silva (2010), «Os graus de negação da Vontade e a liberdade na filosofia de Schopenhauer», in *Revista Voluntás: estudos sobre Schopenhauer*, Vol.1 – nº2: pp.33-47.
- SARTRE, Jean-Paul (1948), *Qu'est-ce que la littérature ?*, Paris, Gallimard.
- SARTRE, Jean-Paul (1977), «Orphée noir» in Senghor, Léopold Sédar, *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, Paris, P.U.F.
- SCHOPENHAUER, Arthur (1990?), *O mundo como vontade e representação*; trad. de M.F. Sá Correia, Porto : Rés.
- SECCO, Carmen, Salgado, Maria Teresa & Jorge, Sílvio Renato (org.) (2010), *Pensando África: Literatura, Arte, Cultura e Ensino*, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (2010), *As humanidades e os estudos culturais. O ensino da literatura e a política da língua portuguesa*, Coimbra, Almedina.
- TODOROV, Tzvetan (1980), *The reader in the text – essays on audience and interpretation*, Princeton University Press, New Jersey.
- TODOROV, Tzvetan (1981), *Mikail Bakhtine: le principe dialogique suivi de écrits du cercle de Bakhtine*, Paris, Editions du Seuil, pp. 95-115.
- TORGAL, Luís Reis (2003), “Do «império» às «independências». Colonialismo, anticolonialismo e identidades nacionais”, in *Estudos do Século XX*, 3, pp. 9-15.
- TROUSSON, Raymond (1965), *Un problème de littérature comparée: les études de thèmes. Essai de méthodologie*, Paris, Minard.
- VALÉRY, Paul (2007), «Questões de poesia», in Barbosa, João Alexandre (org.), *Variedades Paul Valéry*, S.P., Editora Iluminuras, pp. 169-178.
- VERNANI, Dalva Maria Galvão (2000), «Agostinho Neto», in Carmen Lucia Tindó Secco, Maria do Carmo Sepúlveda & Teresa Salgado (orgs.), *África e Brasil: letras em laço*, Rio de Janeiro, Atlântica, pp. 37-56.
- XAVIER, Lola Geraldine (2008), *O discurso da ironia em literaturas de língua portuguesa*, Lisboa, Novo Imbondeiro.

#### DOCUMENTOS ON-LINE:

- MURAT, Michel (2007), «Le dernier livre de la bibliothèque. Une histoire du poème en prose », *Le Savoir des genres, La Licorne*, n°79, PU Rennes, pp. 281-295. Acedido em 29 de dezembro de 2011, em [http://www.fabula.org/atelier.php?Histoire\\_du\\_poeme\\_en\\_prose](http://www.fabula.org/atelier.php?Histoire_du_poeme_en_prose).



POE, Allan Edgar (1999), «Filosofia da composição», in *Poemas e ensaios*, Trad. Oscar Mendes e Milton Amado, São Paulo, Globo, pp.129-162, acessado em 28 de dezembro de 2011, em: [http://www.ufrgs.br/proin/versao\\_2/poe/index66.html](http://www.ufrgs.br/proin/versao_2/poe/index66.html).

Site Assemblée Nationale Française, acessado em 6 de junho de 2011, em <http://www.assemblee-nationale.fr/histoire/aime-cesaire/tapuscrit.asp>.

### **Outras obras referidas**

FERREIRA, Idalina *et al* (2010), *Português +10*, Porto, Areal Editores.

MAGALHÃES, Olga *et al* (2010), *Entre Margens*, Porto, Porto Editora.

PINTO, Elisa Costa *et al* (2010), *Plural 10*, Lisboa, Lisboa Editora.

REIS, Carlos (coord.) (2009), *Programas de Português do Ensino Básico*, Lisboa, Ministério da Educação, dgidec.

SEIXAS, João *et al* (2001-2002), *Programa de Português 10º, 11º e 12 anos Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*, Lisboa, Ministério da Educação Departamento do Ensino Secundário.

SILVA, Pedro *et al* (2010), *Expressões 10*, Porto, Porto Editora.

TRINDADE, Brígida *et al* (2010), *Português dez*, Lisboa, Lisboa Editora.

## ANEXOS

### I

#### DA NEGAÇÃO À AFIRMAÇÃO:

#### UMA VERSÃO COMPLETA DE “A RENÚNCIA IMPOSSÍVEL”, DE AGOSTINHO NETO

*Michel Laban\**

Mário Pinto de Andrade mostrou-me em 1984, durante a terceira e a quarta das dez entrevistas que gravei com ele, uma série de documentos relativos às preocupações literárias dos jovens intelectuais africanos que estavam a estudar em Lisboa no fim dos anos 40 e no princípio dos anos 50.

Foi assim que, numa série de folhas aparentemente tiradas dum caderno escolar, descobri uma nova versão dum poema de Agostinho Neto, “A renúncia impossível”, que tinha sido publicado dois anos antes em Luanda, pelo INALD.

Vejamos como Mário Pinto de Andrade evocou as circunstâncias em que travou conhecimento com Agostinho Neto. O poema a que se refere é precisamente “A renúncia impossível”:

“Em seguida começa o alargamento do grupo, em 49. É nesse momento que conheço Agostinho Neto. Agostinho Neto era estudante em Coimbra em 1947, depois veio para Lisboa. Prosseguia os seus estudos em 49. Foi justamente naquela pensão, na mesma pensão, que eu o conheci. [...] Era um homem que parecia tímido, reservado, e começava já a escrever. Mostrava-nos tudo o que escrevia. Posso dizer-lhe que vi os primeiros poemas de Agostinho Neto, copiei-os mesmo – existiam num caderno que eu tinha, o primeiro caderno de poemas, onde eu os tinha transcrito. Guardei o original, que já lhe vou mostrar, de um poema que não existe em parte alguma, que ele trabalhou de uma outra maneira. E eu tenho a primeira versão... Infelizmente, na altura eu escrevia a tinta verde, e trinta anos são passados... Levei este poema para Bissau, porque queria enviá-lo a Manuel Ferreira para um número de homenagem a Agostinho Neto, queria recopiá-lo para o dar a

---

\* Professor, Universidade de Paris III.

*Mário Pinto de Andrade – um Intelectual na Política*, Lisboa, Edições Colibri, 2000, pp. 87-99

conhecer. Não o fiz porque não tive tempo, guardei-o... Depois do golpe de Estado, este documento, como outros, estava num saco, em casa de um comandante, e apanhou chuva. A chuva e a humidade de Bissau – Deus sabe como Bissau é húmida! – apagaram rapidamente a escrita e a tinta, que se dissolve rapidamente.”<sup>1</sup>

Mário Pinto de Andrade emprestou-me o documento e imediatamente procedi à minuciosa comparação dos dois textos, o que não foi fácil devido ao mau estado de conservação do manuscrito – a caligrafia (de um verde pálido) tinha praticamente desaparecido. Aliás nem o fotocopiou, imaginando que o resultado, sendo ilegível, não teria interesse. Em fins de 1997, antes que a documentação pessoal de Mário Pinto de Andrade fosse entregue pela família à Fundação Mário Soares, tive novamente acesso ao manuscrito. A tinta estava ainda mais pálida. Foi a partir desta nova leitura que cheguei ao texto aqui publicado.

O título do poema que apareceu em 1982 (“A renúncia impossível – Negação”) contém uma contradição, pois a *impossibilidade* de *renunciar* leva logicamente a um acto de *afirmação*, e não de *negação*. É precisamente este acto de afirmação que encontramos na versão manuscrita e que dá ao poema o seu pleno valor, num jogo dialéctico de espelhos. Aliás, é significativo que a expressão *renúncia impossível* apareça na segunda parte (v. 307), o que leva a pensar que o poema, desde o título (e o subtítulo), foi concebido em dois movimentos antagónicos.

O manuscrito tem também o interesse de nos permitir descobrir alguns elementos da evolução do pensamento ideológico de Neto. Com efeito, os versos 205 a 212 (“*Podeis continuar com os vossos sistemas / socialistas ou capitalistas / que isso não me interessa. / Explorai o proletariado / ou dai-lhe de comer / isso é convosco.*”), que mostram que o poeta não se queria identificar com um antagonismo que não lhe dizia respeito (talvez por não se aplicar directamente à problemática africana), não figuram na versão publicada em 1982. Notemos ainda que os dois versos que vêm logo a seguir, tanto no manuscrito como na versão já publicada (“*Continuai com os vossos sistemas políticos / ditaduras, democracias*”) são completados, na versão de 1982, por “*Isso é convosco / Explorai o proletariado*” – o que nos faz pensar que Neto corrigiu o manuscrito, quem sabe se depois duma conversa com os seus companheiros, centrando a sua crítica no sistema capitalista.

Estes breves apontamentos levam-nos a considerar que a versão manuscrita é anterior à publicada pelo INALD. Vários pormenores de carácter esti-

<sup>1</sup> Michel Laban, *Mário Pinto de Andrade – uma entrevista*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1997, p. 61.

lístico corroboram esta impressão. No verso 15, por exemplo, Neto suprimiu “matar-me e deixar”, na medida em que a ideia já tinha sido suficientemente expressa no princípio do poema: “eu não quero ser (...) destruir-me (...) pulverizar o meu ser...”. Também, no verso 32, o verbo “subir”, logo depois de “ascender” e imediatamente antes de “elevar-me”, foi apagado, o estilo ficando assim mais leve. No verso 92, “ONLY TO COLOURED MEN”, que era uma tradução directa do português, foi transformado em “COLOURED MEN ONLY”, mais *correcto* em inglês. Por fim e para não nos alargarmos, notemos no verso 197 que Neto introduziu o único termo propriamente angolano, “mahamba”, que tem uma conotação menos negativa que “feitiços”.

Eis portanto o texto do manuscrito. Transcrevi em itálico todos os elementos que diferem da versão publicada em 1982 (e datada de 1949). Relembrei, em notas, o texto de 1982 quando o do manuscrito o substituí.

## A RENÚNCIA IMPOSSÍVEL

### I Negação

### II Afirmação

Não creio em mim.

5 Não existo.

Não quero, eu não quero ser.

Quero destruir-me:

– atirar-me de pontes elevadas

e deixar-me despedaçar

10 sobre as pedras duras das calçadas<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> O poeta ficou sem dúvida marcado pelo suicídio, em 1938, dum jovem intelectual negro de origem santomense, Jorge Neto. O acontecimento trágico, que marcou na altura a sociedade de Luanda, é precisamente referido por Uanhenga Xitu, em *O Ministro*: “atirou-se da ponte “Diogo Cão”, junto do Ministério da Saúde, suicidando-se depois de ser proibido e desprestigiado pelos brancos estrangeiros por passear onde os brancos pairavam.” (Uanhenga Xitu, *O Ministro*, Luanda: UEA, 1990, p. 64-67). Óscar Ribas evoca o mesmo suicídio em *Tudo Isto Aconteceu*, dando alguns pormenores: “Parece que quis estar numa barraca da ilha. Mas não o deixaram. Se quisesse estar na praia, só para lá da ponte... Julgando-se vexado pela cor, protestou mudar de nacionalidade. Veio por aí fora que nem um foguete, até ao Consulado Britânico. Bateu à porta. Mas não foi atendido. Furioso, deitou a correr pela calçada abaixo. (...) Na ponte, logo abaixo, formou um salto.” (Óscar Ribas, *Tudo Isto Aconteceu*, Luanda: Ed. do Autor, 1975, p. 195-197). Ver também a entrevista de Óscar Ribas que publiquei em

Pulverizar o meu ser  
desaparecer  
não deixar sequer traço de passagem  
pelo mundo.

- 15 Quero matar-me  
e deixar que o não-eu  
se aposse de mim.

- Mais do que um simples suicídio  
quero que esta minha morte  
20 seja uma verdadeira novidade histórica  
um desaparecimento total  
até mesmo nos cérebros  
daqueles que me odeiam  
até mesmo no tempo  
25 e se processe a História  
e o mundo continue  
como se eu nunca tivesse existido  
como se nenhuma obra tivesse produzido  
como se nada tivesse influenciado na vida  
30 como se em vez de valor negativo  
eu fosse Zero.

- Quero ascender, *subir*  
e elevar-me até atingir o Zero  
e desaparecer.  
35 Deixai-me desaparecer!

Mas antes vou gritar  
com toda a força dos meus pulmões  
para que o mundo oiça:

- Fui eu quem renunciou à vida!  
40 Podeis continuar a ocupar o meu lugar  
vós os que mo roubastes

ANGOLA – *Encontro com escritores* (Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991, vol. I, p. 35-36). Mário António Fernandes de Oliveira, em *A Formação da Literatura Angolana (1851-1950)*, (Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997, p. 285-289), insiste também no alcance do suicídio de Jorge Neto e transcreve vários artigos publicados na altura na imprensa de Luanda.

- Aí tendes *todo o mundo*<sup>3</sup> para vós  
para mim, nada quero  
nem riqueza nem pobreza  
45 nem alegria nem tristeza  
nem vida nem morte  
nada.

- Não sou. *Não existo*. Nunca fui.  
Renuncio-me.  
50 Atingi o Zero.

- E agora,  
vivei, cantai, chorai  
casai-vos, matai-vos, embriagai-vos  
dai esmolas aos pobres.  
55 Nada me pode interessar  
que eu não sou  
Atingi o Zero!

- Não contem comigo  
para vos servir às refeições  
60 nem para cavar diamantes  
que vossas mulheres irão ostentar em salões  
nem para cuidar das vossas plantações  
de *café e algodão*<sup>4</sup>  
não contem com amas  
65 para amamentar vossos filhos sífilíticos  
não contem com operários  
de segunda categoria  
para fazer o trabalho de que vos orgulhais  
nem com soldados inconscientes  
70 para gritar com o estômago vazio  
vivas ao vosso trabalho de civilização  
nem com lacaios  
para vos tirarem os sapatos  
de madrugada  
75 quando regressardes de orgias nocturnas  
nem com pretos medrosos  
para vos oferecer vacas  
e vender milho a tostão

<sup>3</sup> Em vez de, na versão publicada em 1982: "o mundo todo".

<sup>4</sup> Em vez de [1982]: "de algodão e café".

80 nem com corpos de mulheres  
para vos alimentar de prazeres  
nos ócios da vossa abundância imoral.

Não contem comigo.  
Renuncio-me.  
Eu atingi o Zero.

85 *Não existo. Nunca existi.*  
*Não quero vida nem morte*  
*nada!*

*Podeis agora*<sup>5</sup> queimar  
os letreiros medrosos  
90 que às portas de bars, hotéis e recintos públicos  
gritam o vosso egoísmo  
nas frases: "SÓ PARA BRANCOS" ou: "ONLY TO<sup>6</sup> COLOURED MEN"  
Negros aqui. Brancos acolá.

*Podeis acabar*  
95 com os miseráveis bairros de negros  
que vos atrapalham a vaidade  
Vivei satisfeitos sem "colour lines"  
sem terdes que dizer aos fregueses negros  
que os hotéis estão abarrotados  
100 que não há mais mesas nos restaurantes.  
Banhai-vos descansados  
nas vossas praias e piscinas  
que nunca houve negros no mundo  
que sujassem as águas  
105 ou os vossos nojentos preconceitos  
com a sua escura presença.

*Podeis transformar em toureiros*  
*ou em magarefes*  
*os membros da Ku-Klux-Klan*  
110 *para que matem a sua fome sanguinária*  
*nas feridas dos touros que descem à arena.*  
*Não há negros para linchar!*<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Em vez de [1982]: "E agora podeis".

<sup>6</sup> Em vez de [1982]: "COLOURED MEN ONLY".

<sup>7</sup> Em vez de [1982]: "Dissolvi a Ku-Klux-Klan / que já não há negros para linchar".

Porque hesitais agora?  
Ao menos tendes oportunidade  
115 para proclamardes democracias  
com sinceridade

Podeis inventar uma nova *História*<sup>8</sup>.  
*Inclusivamente* podeis atribuir-vos a criação do mundo<sup>9</sup>.  
*Tudo foi feito por vós*<sup>10</sup>.

120 Ah!  
que satisfação eu sinto  
por ver-vos alegres no vosso orgulho  
e loucos na vossa mania de superioridade.

Nunca houve negros!  
125 A África foi construída só por vós  
A América foi colonizada só por vós  
A Europa não conhece civilizações africanas  
*Nunca um negro beijou uma branca*<sup>11</sup>  
nem um negro foi linchado

130 nunca *mataram*<sup>12</sup> pretos a golpes de cavalomarinho  
para lhes *possuirem*<sup>13</sup> as mulheres  
nunca *extorquiram*<sup>14</sup> propriedades a pretos  
não tendes, nunca tivestes filhos com sangue negro  
ó racistas de desbragada lubricidade  
135 Fartai-vos agora dentro da moral.

Que satisfação<sup>15</sup>  
por não terdes que falsear os padrões morais  
para salvar o  
prestígio, a superioridade e o estômago  
140 *de*<sup>16</sup> vossos filhos.

<sup>8</sup> Sem maiúscula na versão publicada em 1982.

<sup>9</sup> Em vez de [1982]: "inclusivamente podeis inventar uma nova mística".

<sup>10</sup> Em vez de [1982]: "dizeis por exemplo: No princípio NÓS criámos o mundo / Tudo foi feito por NÓS / E isso nada me interessa".

<sup>11</sup> Em vez de [1982]: "Nunca houve beijos de negros sobre faces brancas".

<sup>12</sup> Em vez de [1982]: "matastes".

<sup>13</sup> Em vez de [1982]: "possuiredes".

<sup>14</sup> Em vez de [1982]: "extorquistes".

<sup>15</sup> Em vez de [1982]: "Que satisfação eu sinto".

<sup>16</sup> Em vez de [1982]: "dos".

- Ah!  
o meu suicídio é uma novidade histórica  
é um sádico prazer  
de ver-vos bem instalados no vosso mundo  
145 sem necessidade de jogos falsos.
- Eu elevado até o Zero  
eu transformado no Nada-histórico  
eu no início dos Tempos  
eu-Nada a confundir-me com vós-Tudo  
150 sou o verdadeiro Cristo da Humanidade!  
Não há nas ruas de Luanda  
negros descalços e sujos  
a pôr nódoas nas vossas falsidades de colonização  
Em Lourenço Marques  
155 em New-York, em Leopoldville  
em Cape-Town  
gritam pelas ruas  
a *foguetear*<sup>17</sup> alegria nos ares:
- Não há negros nas ruas!  
160 Nunca houve.  
Não há negros preguiçosos  
a deixar os campos por cultivar  
e renitentes à escravização  
já não há negros para roubar.  
165 Toda a riqueza representa agora o suor do rosto  
e o suor do rosto é a poesia da vida.<sup>18</sup>
- Não existe música negra  
Nunca houve batuques nas florestas do Congo  
Quem falou em spirituals?
- 170 *Vá de encher os salões  
de Debussy, Strauss, Korsakoff.  
Já não há selvagens na terra.*<sup>19</sup>  
Viva a civilização dos homens superiores  
sem manchas negróides  
175 a perturbar-lhe a estética!

<sup>17</sup> Em vez de [1982]: “fogueteando”.

<sup>18</sup> Na versão publicada em 1982 dois versos vêm a seguir: “Viva a poesia da vida! / Viva!”.

<sup>19</sup> Em vez de [1982]: “Os salões enchem-se de Debussy Strauss Korsakoff / que não há selvagens na terra”.

- Nunca houve descobrimentos  
a África foi criada com o mundo.
- O que é a colonização?  
O que são os massacres de negros?  
180 O que são os esbulhos de propriedades?  
Coisas que ninguém conhece.
- A História está errada.  
Nunca houve escravatura  
*nunca*<sup>20</sup> houve domínio de minorias  
185 orgulhosas da sua força
- Acabai com as cruzadas religiosas  
A fé está espalhada por todo o mundo  
sobre a terra só há cristãos  
*vós*<sup>21</sup> sois todos cristãos.  
190 Não há infiéis por converter  
Escusais de imaginar mais infidelidades religiosas  
para justificar  
repugnantes actos de barbarismo.
- Não necessitais enviar mais missionários  
195 a África  
*nem* aos bairros negros<sup>22</sup>  
Nunca houve *feitiços*<sup>23</sup>  
*nem* concepções religiosas diferentes  
nunca houve religiosos a auxiliar a ocupação militar.
- 200 Acabai com os missionários  
os seus sofismas  
os seus milagres inventados para justificar ambições e vaidades.
- Possuis tudo, *tudo!*<sup>24</sup>  
e *vós* sois todos irmãos.  
205 *Podeis continuar com os vossos sistemas  
socialistas ou capitalistas*

<sup>20</sup> Com maiúscula na versão publicada em 1982.

<sup>21</sup> Com maiúscula na versão publicada em 1982.

<sup>22</sup> Em vez de [1982]: “bairros de negros”.

<sup>23</sup> Em vez de [1982]: “mahamba”.

<sup>24</sup> Em vez de [1982]: “TUDO”.

- que isso não me interessa.  
Explorai o proletariado  
ou dai-lhe de comer  
210 isso é convosco.
- Continuai com os vossos sistemas políticos  
ditaduras, democracias.<sup>25</sup>  
Matai-vos uns aos outros  
lutai pela glória  
215 lutai pelo poder  
criai minorias fortes  
que protejam os seus comp. ...<sup>26</sup>  
apadrinhai os afilhados de<sup>27</sup> vossos amigos  
criai mais castas  
220 aristocracias, plutocracias  
aburguesai as ideias  
e tudo sem a complicação  
de verdes intrusos  
imiscuir-se na vossa querida  
225 e defendida civilização  
de homens privilegiados.<sup>28</sup>
- Homens-irmãos<sup>29</sup>  
dai-vos as mãos  
gritai a vossa alegria de serdes sós  
230 SÓS!  
únicos habitantes da Terra.
- Eu atingi o Zero!
- Isto simplifica extraordinariamente  
a vossa ética.<sup>30</sup>  
235 Ao menos não percais agora  
a ocasião de serdes honestos.<sup>31</sup>

<sup>25</sup> Na versão publicada em 1982 dois versos vêm a seguir: "Isso é convosco / Explorai o proletariado".

<sup>26</sup> O texto está quase totalmente apagado. Suponho que seja a palavra *compadres*.

<sup>27</sup> Em vez de [1982]: "dos".

<sup>28</sup> Na versão publicada em 1982 a disposição dos versos é diferente: "e defendida civilização de homens / privilegiados".

<sup>29</sup> Em vez de [1982]: "E agora / homens-irmãos".

<sup>30</sup> Na versão publicada em 1982 a disposição dos versos é diferente: "Isto simplifica extraordinariamente a vossa ética".

- Se houver terremotos  
calamidades, cheias ou epidemias  
ou terras a defender da invasão das águas  
240 ou motores parados nas lamas de selvas africanas<sup>32</sup>  
raios vos partam!  
já não tereis de chamar-me  
para acudir às vossas desgraças  
para reparar os vossos desastres  
245 ou para carregar com a culpa das vossas incúrias.  
Ide para o diabo!
- Eu não existo**  
Palavra de honra que nunca existi.  
Atingi o Zero  
250 o Nada.  
Abençoada a Hora  
do meu super-suicídio  
para vós  
homens que construíis sistemas morais  
255 para enquadrar imoralidades
- O sol brilha só para vós  
a lua reflecte luz só para vós  
nunca houve esclavagistas  
nem massacres  
260 nem ocupações da África.

Como até a História  
se transforma num Tratado Moral  
sem necessidade de arranjos apressados!

- Não existem os pretos dos cais e dos caminhos de ferro.  
265 Nos locais de trabalho nunca se ouviram cantos dolentes  
só há chiadeira de guindastes.<sup>33</sup>  
Nunca pisaram os caminhos do mato  
carregadores com quilos às costas  
são os motores que se queimam sob as cargas

<sup>31</sup> Em vez de [1982]: "Ao menos / não percais a ocasião para serdes honestos".

<sup>32</sup> Em vez de [1982]: "em lamas africanas".

<sup>33</sup> Em vez de [1982]: "Os pretos dos cais não existem / Nunca foram ouvidos cantos dolentes / misturados com a chiadeira do (sic) guindastes".

- 270 Ó pretos submissos, humildes ou tímidos  
sem lugar nas cidades  
ou nos escaninhos da honestidade  
ou nos recantos da força  
com a alma poisada no sinal menos,<sup>34</sup>
- 275 polígamos declarados  
dançarinos de batuques sensuais  
Sabei que subistes todos de valor  
atingistes o Zero  
sois Nada<sup>35</sup>
- 280 e salvastes o Homem.
- Acabou-se o ódio *de raças*  
e o trabalho de civilização  
e a náusea de ver meninos negros  
sentados na escola
- 285 ao lado de meninos de olhos azuis  
e as extorsões e as compulsões  
e as palmatoadas e torturas  
para obrigar inocentes a confessar crimes  
e os medos de revolta
- 290 e as complicadas demarches políticas  
para iludir as almas simples.
- Acabaram-se as complicações sociais!
- Atingi o Zero.  
Cheguei à hora do início do mundo
- 295 e resolvi não existir.
- Cheguei ao Zero-Espaço  
ao Nada-Tempo  
ao Eu coincidente com vós-Tudo.
- E o que é mais importante:
- 300 Salvei o mundo.<sup>36</sup>

<sup>34</sup> Em vez de [1982]: "dançarinos com a alma poisada no sinal menos".

<sup>35</sup> Na versão publicada em 1982 a disposição dos versos é diferente: "atingistes o Zero sois Nada".

<sup>36</sup> Na versão publicada em 1982, "Salvei o mundo" vem seguido de um ponto de exclamação e, noutra linha, duma data: 1949.

II  
Afirmação

- Ah!  
Faça-se luz no meu espírito
- 305 LUZ!
- Calem-se as frases loucas  
desta renúncia impossível.*
- Eu-todos nunca me negarei  
nunca coincidirei com o nada*
- 310 *não me deitarei nunca debaixo dos comboios*
- Não fui eu quem falou  
da salvação do mundo  
à custa da minha existência  
da transformação do valor negativo em Zero*
- 315 *da reabilitação da moral maculada  
por meio do castigo ao inocente  
em super-suicídio novidade histórica.*
- Quem falou não fui eu  
foi a minha loucura.*
- 320 *O meu lugar está marcado  
no campo da luta  
para conquista da vida perdida.*
- Eu sou. Existo.  
As minhas mãos colocaram pedras  
nos alicerces do mundo.*
- 325 *Tenho direito ao meu pedaço de pão*
- Sou um valor positivo  
da Humanidade  
e não abdicó,  
nunca abdicarei!*
- 330 *Seguirei com os homens livres  
o meu caminho  
para a Liberdade e para a Vida.*
- Perdoem-me os cinco minutos de loucura  
que vivi.*



## II

### A renúncia impossível

#### I Negação

Não creio em mim.  
Não existo.  
Não quero, eu não quero ser.

Quero destruir-me:  
– atirar-me de pontes elevadas  
e deixar-me despedaçar  
sobre as pedras duras das calçadas.

Pulverizar o meu ser  
desaparecer  
não deixar sequer traço de passagem  
pelo mundo.

Quero matar-me  
e deixar que o não-eu  
se aposses de mim.

Mais do que um simples suicídio  
quero que esta minha morte  
seja uma verdadeira novidade histórica  
um desaparecimento total  
até mesmo nos cérebros  
daqueles que me odeiam  
até mesmo no tempo  
e se processe a História  
e o mundo continue  
como se eu nunca tivesse existido  
como se nenhuma obra tivesse produzido  
como se nada tivesse influenciado na vida  
como se em vez de valor negativo  
eu fosse Zero.

Quero ascender, subir  
e elevar-me até atingir o Zero  
e desaparecer.  
Deixai-me desaparecer!

Mas antes vou gritar  
com toda a força dos meus pulmões  
para que o mundo oiça:

– Fui eu quem renunciou à Vida!  
Podeis continuar a ocupar o meu lugar  
vós os que mo roubastes

Aí tendes todo o mundo para vós  
para mim, nada quero  
nem riqueza nem pobreza  
nem alegria nem tristeza  
nem vida nem morte  
nada.

Não sou. Não existo. Nunca fui.  
Renuncio-me  
Atingi o Zero.

E agora,  
Vivei, cantai, chorai  
casai-vos, matai-vos, embriagai-vos  
dai esmolas aos pobres.  
Nada me pode interessar  
que eu não sou  
Atingir o Zero!

Não contem comigo  
para vos servir às refeições  
nem para cavar os diamantes  
que vossas mulheres irão ostentar em salões

nem para cuidar das vossas plantações  
de café e algodão  
não contem com operários  
para amamentar os vossos filhos sífilíticos  
não contem com operários  
de segunda categoria  
para fazer o trabalho de que vos orgulhais  
nem com soldados inconscientes  
para gritar com o estômago vazio  
vivas ao vosso trabalho de civilização  
nem com lacaios  
para vos tirarem os sapatos  
de madrugada  
quando regressardes de orgias nocturnas  
nem com pretos medrosos  
para vos oferecer vacas  
e vender milho a tostão  
nem com corpos de mulheres  
para vos alimentar de prazeres  
nos ócios da vossa abundância imoral.

Não contem comigo  
Renuncio-me.  
Eu atingi o Zero.

Não existo. Nunca existi.  
Não quero vida nem morte  
Nada!

Podeis agora queimar  
os letreiros medrosos  
que às portas de bars, hotéis e recintos públicos  
gritam o vosso egoísmo  
nas frases: “SÓ PARA BRANCOS” ou “ONLY TO COLOURED MEN”  
Negros aqui. Brancos acolá.

Podeis acabar  
com os miseráveis bairros de negros  
que vos atrapalham a vaidade  
Vivei satisfeitos sem “colour lines”  
sem terdes que dizer aos fregueses negros  
que os hotéis estão abarrotados  
que não há mais mesas nos restaurantes.  
Banhai-vos descansados  
nas vossas praias e piscinas  
que nunca houve negros no mundo  
que sujasse as águas  
ou os vossos nojentos preconceitos  
com a sua escura presença.

Podeis transformar em toureiros  
ou em magarefes  
os membros da Ku-Klux-Klan  
para que matem a sua fome sanguinária  
nas feridas dos touros que descem à arena.  
Não há negros para linchar!

Porque hesitais agora?  
Ao menos tendes oportunidade  
para proclamardes democracias  
com sinceridade

Podeis inventar uma nova História.  
Inclusivamente podeis atribuir-vos a criação do mundo  
Tudo foi feito por vós  
Ah!  
que satisfação eu sinto  
por ver-vos alegres no vosso orgulho  
e loucos na vossa mania de superioridade.

Nunca houve negros!  
A África foi construída só por vós

A América foi colonizada só por vós  
A Europa não conhece civilizações africanas  
Nunca um negro beijou uma branca  
nem um negro foi linchado  
nunca mataram pretos a golpes de cavalomarinho  
para lhes possuírem as mulheres  
nunca extorquiram propriedades a pretos  
não tendes, nunca tivestes filhos com sangue negro  
ó racistas de desbragada lubricidade  
Fartai-vos agora dentro da moral.

Que satisfação  
por não terdes que falsear os padrões morais  
para salvar o prestígio, a superioridade e o estômago  
de vossos filhos.

Ah!  
o meu suicídio é uma novidade histórica  
é um sádico prazer  
de ver-vos bem instalados no vosso mundo  
sem necessidade de jogos falsos.

Eu elevado até o Zero  
eu transformado no Nada-histórico  
eu no início dos Tempos  
eu-Nada a confundir-me com vós-Tudo  
sou o verdadeiro Cristo da Humanidade!

Não há nas ruas de Luanda  
Negros descalços e sujos  
a pôr nódoas nas vossas falsidades de colonização  
Em Lourenço Marques  
em New-York, em Leopoldville  
em Cape-Town  
gritam pelas ruas  
a foguear alegria nos ares:

– Não há negros nas ruas!  
Nunca houve.  
Não há negros preguiçosos  
a deixar os campos por cultivar  
e renitentes à escravização  
já não há negros para roubar.  
Toda a riqueza representa agora o suor do rosto  
e o suor do rosto é a poesia da vida.

Não existe música negra  
Nunca houve batuques nas florestas do Congo  
Quem falou em spirituals?

Vá de encher os salões  
de Debussy, Strauss, Korsakoff.  
Já não há selvagens na terra.  
Viva a civilização dos homens superiores  
sem manchas negróides  
a perturbar-lhe a estética!

Nunca houve descobrimentos  
a África foi criada com o mundo.

O que é a colonização?  
O que são os massacres de negros?  
O que são os esbulhos de propriedades?  
Coisas que ninguém conhece.

A história está errada,  
Nunca houve escravatura  
nunca houve domínio de minorias  
orgulhosas da sua força

Acabai com as cruzadas religiosas  
A fé está espalhada por todo o mundo  
sobre a terra só há cristãos  
vós sois todos cristãos.

Não há infiéis por converter  
Escusais de imaginar mais infidelidades religiosas  
para justificar  
repugnantes actos de barbarismo.

Não necessitais enviar mais missionários  
a África  
nem aos bairros negros  
Nunca houve feitiços  
nem concepções religiosas diferentes  
nunca houve religiosos a auxiliar a ocupação militar.

Acabai tudo, tudo  
e vós sois todos irmãos.  
Podeis continuar com os vossos sistemas  
socialistas ou capitalistas  
que isso não me interessa.  
Explorai o proletariado  
ou dai-lhe de comer  
isso é convosco.

Continuai com os vossos sistemas políticos  
ditaduras, democracias.  
Matai-vos uns aos outros  
lutai pela glória  
lutai pelo poder  
criai minorias fortes  
que protejam os seus comp...  
apadrinhai os afilhados de vossos amigos  
criai mais castas  
aristocracias, plutocracias  
aburguesai as ideias  
e tudo sem a complicação  
de verdes intrusos  
imiscuir-se na vossa querida  
e defendida civilização  
de homens privilegiados.

Homens-irmãos  
dai-vos as mãos  
gritai a vossa alegria de serdes sós  
SÓS!  
únicos habitantes da Terra.

Eu atingi o Zero!

Isto simplifica extraordinariamente  
a vossa ética.  
Ao menos não percais agora  
a ocasião de serdes honestos.

Se houver terramotos  
calamidades, cheias ou epidemias  
ou terras a defender da invasão das águas  
ou motores parados nas lamas de selvas africanas  
raios vos partam!  
já não tereis de chamar-me  
para acudir às vossas desgraças  
para reparar os vossos desastres  
ou para carregar com a culpa das vossas incúrias.  
Ide para o diabo!

Eu não existo  
Palavra de honra que nunca existi.  
Atingi o Zero  
o Nada.  
Abençoada a Hora  
do meu super-suicídio  
para vós  
homens que construís sistemas morais  
para enquadrar imoralidades

O sol brilha só para vós  
a lua reflecte luz só para vós  
nunca houve escravagistas  
nem massacres  
nem ocupações da África.

Como até a História  
se transforma num Tratado Moral  
sem necessidade de arranjos apressados!

Não existem os pretos dos cais e dos caminhos de  
ferro.  
Nos locais de trabalho nunca se ouviram cantos  
dolentes  
só há chiadeira de guindastes.  
Nunca pisaram os caminhos do mato  
carregadores com quilos às costas  
são os motores que se queimam sob as cargas

Ó pretos submissos, humildes ou tímidos  
sem lugar nas cidades  
ou nos escaninhos da honestidade  
ou nos recantos da força  
com a alma poisada no sinal menos,  
polígamos declarados  
dançarinos de batuques sensuais  
Sabei que subistes todos de valor  
atingistes o Zero  
sois Nada  
e salvastes o Homem.

Acabou-se o ódio de raças  
e o trabalho de civilização  
e a náusea de ver meninos negros  
sentados na escola  
ao lado de meninos de olhos azuis

e as extorsões e as compulsões  
e as palmatoadas e torturas  
para obrigar inocentes a confessar crimes  
e os medos de revolta  
e as complicadas demarches políticas  
para iludir as almas simples.

Acabaram-se as complicações sociais!

Atingi o Zero.  
Cheguei à hora do início do mundo  
e resolvi não existir.

Cheguei ao Zero-Espaço  
ao Nada-Tempo  
ao Eu coincidente com vós-Tudo.

E o que é mais importante:  
Salvei o mundo.

## II Afirmação

Ah!  
Faça-se luz no meu espírito  
LUZ!

Calem-se as frases loucas  
Desta renúncia impossível.

Eu-todos nunca me negarei  
nunca coincidirei com o nada  
não me deitarei nunca debaixo dos comboios

Não fui eu quem falou  
da salvação do mundo  
à custa da minha existência  
da transformação do valor negativo em Zero  
por meio do castigo ao inocente  
em super-suicídio novidade histórica

Quem falou não fui eu  
foi a minha loucura.

O meu lugar está marcado  
no campo da luta  
para conquista da vida perdida

Eu sou. Existo  
As minhas mãos colocaram pedras  
nos alicerces do mundo  
Tenho direito ao meu pedaço de pão

Sou um valor positivo  
da humanidade  
e não abdicó,  
nunca abdicarei!

Seguirei com os homens livres  
O meu caminho  
para a liberdade e para a Vida.

Perdoem-me os cinco minutos de loucura  
que vivi.

Do poema "**AFIRMAÇÃO**", in *Michel Laban, "Mário Pinto de Andrade - um intelectual na Política"*, Da Negação à Afirmação", pp. 87 - 99, Edições Colibri.

### III

#### GRUPO I

#### PARTE A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

#### Encantamentos

1 – Para que serve a poesia?

Esta é uma daquelas questões que, cedo ou tarde, todos os poetas enfrentam. A resposta mais frequente, mais falha de imaginação e de verdade, assegura que a poesia não serve para nada. Alguns poetas, em especial os portugueses, acrescentam a seguir que também a vida não serve para nada, etc.

10 Na origem, a poesia era uma disciplina da magia. Servia para encantar. Continua a ser assim, embora, no sentido literal, poucas pessoas ainda exercitem essa antiquíssima arte. Uma tarde, em Benguela<sup>1</sup>, conheci uma das derradeiras praticantes. Almoçava com amigos, e amigos de amigos, num desses quintalões antigos, carregados de frutos, e de boa sombra, da cidade das acácias rubras. A determinada altura escutei um sujeito que se referiu a uma tal Dona Aurora:

- A velha receita poesias.
- Recita – corrigi.

O homem, um oficial do exército, encarou-me, irritado:

25 – Não senhor! Receita! Dona Aurora receita poesias. Resolve problemas de amor, amarrações, mau-olhado, tudo com versinhos.

Fiquei interessado. Anotei o endereço da curandeira num guardanapo e na manhã seguinte bati-lhe à porta.

30 Dona Aurora morava na Restinga<sup>2</sup>, num casarão, em madeira, muito maltratado. A velha senhora, miúda, muito magra, vestia de cor de rosa. Toda a sua força parecia residir na cabeleira, a qual mantinha uma vigorosa rebeldia juvenil. Convidou-me a entrar. Móveis dos anos 50, muito gastos. Estantes carregadas de livros velhos. Aproximei-me. Poesia, e mais poesia: Florbela, Camões, 40 Vinicius, José Régio, Sophia, Drummond, Manuel Bandeira, tudo misturado, num bem-aventurado desrespeito a fronteiras políticas, estéticas e ideológicas. «O meu

marido sempre gostou de poesia», justificou-se: 45 «Eu, menos. Foi só depois de ele morrer, há 30 anos, que descobri o poder dos versos.»

Acontecera um pouco por acaso – contou. Uma tarde deu-se conta de que certos sonetos parnasianos<sup>3</sup> (os mais trabalhosos) a ajudavam a vencer a insónia. Mais tarde, que João Cabral de Melo Neto, a partir de «O cão sem plumas», era muito eficaz no combate à cefaleia<sup>4</sup>. Pouco a pouco foi desenvolvendo um método. Combatia a prisão de ventre lendo alto a *Sagrada Esperança*<sup>5</sup>. Mantinha o quintal livre de ervas daninhas, percorrendo-o, ao crepúsculo<sup>6</sup>, enquanto soprava devagar «O guardador de rebanhos»<sup>7</sup>.



60 Numa cidade pequena não tardou que tais excentricidades lhe trouxessem, primeiro inimigos, e depois devotos seguidores e pacientes. Hoje, ela recebe a todos, ricos e pobres, na sala onde me recebeu a mim. Ouve as suas queixas, levanta-se, percorre as estantes, e regressa com a solução. «Quem me procura mais são mulheres querendo reconquistar os maridos. Recomendo que lhes murmurem, enquanto dormem, algum Neruda, às vezes Camões, outras Bocage.»

70 Dona Aurora não aceita dinheiro pelos serviços prestados. «Não sou eu quem cura», explicou-me, «é a poesia.»

José Eduardo Agualusa (texto) e Pedro Vieira (ilustração), *Ler*, maio de 2012 (adaptado)